



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CINEMA

MYLLA TAYNAH SANTANA DO ESPIRITO SANTO

**MATILDA: UMA ANÁLISE DO FILME A PARTIR DAS CATEGORIAS
MORFOLÓGICAS PROPPIANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a defesa de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz

São Cristóvão

2025

MYLLA TAYNAH SANTANA DO ESPIRITO SANTO

**MATILDA: UMA ANÁLISE DO FILME A PARTIR DAS CATEGORIAS
MORFOLÓGICAS PROPPIANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a defesa de mestrado.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Cezar Mascarenhas de Souza
(Presidente)

Universidade Federal de Sergipe/ DTE/ PPGCINE

Prof. Dr. Jean Paul D'Antony Costa Silva

Universidade Federal de Sergipe/ DLEV/PPGCINE

Prof. Dra. Clarissa Loureiro Marinho Barbosa

Universidade de Pernambuco / DL

São Cristóvão, ____ de _____ de 2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

E77m Espírito Santo, Mylla Taynah Santana do
Matilda : uma análise do filme a partir das categorias
morfológicas proppianas / Mylla Taynah Santana do Espírito Santo
; orientador, Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz.— São Cristóvão,
SE, 2025.
184 f. : il.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Cinema) —
Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Crítica cinematográfica. 2. Estruturalismo. 3. Formalismo
(Análise literária). 4. Análise do discurso narrativo. 5. Matilda
(Filme). I. Queiroz, Carlos Eduardo Japiassú de, orient. II. Título.

CDU 791(049.3)

*“Se você tem bons pensamentos eles vão
iluminar o seu rosto como raios de sol e você
sempre vai parecer encantador.”*

(Roald Dahl)

RESUMO

Ao relembrar as tradicionais tardes em família, um sentimento de nostalgia invade à memória dos telespectadores do filme *Matilda*. Um sabor de infância que por meio da análise do filme referente as categorias morfológicas proppianas, esta pesquisa se dispõe a compreender como os contos de fadas estão presentes na modernidade. Assim, o problema reside em determinar até que ponto o filme pode ser classificado como um conto de fadas moderno. A pesquisa utiliza como base teórica a obra *Morfologia dos Contos Maravilhosos* (1928), de Vladimir Propp, cujas categorias morfológicas fundamentam a análise do filme *Matilda* (1996). Inserido no contexto do Formalismo Russo e do Estruturalismo, o estudo aprofunda-se nas estruturas narrativas subjacentes, identificando as funções e esferas de ação dos personagens que configuram o filme como uma possível manifestação de um conto de fadas moderno. Ao aplicar a perspectiva de Propp, a análise formalista destaca como os paradigmas narrativos dos contos maravilhosos são replicados e reinterpretados no filme, evidenciando conexões com as tradições narrativas clássicas. Essa abordagem demonstra como os elementos cinematográficos de *Matilda* contribuem para a construção de uma narrativa que transcende o tempo e continua a dialogar com públicos contemporâneos.

Palavras-chave: Estruturalismo; Formalismo Russo; Matilda; Narratologia.

ABSTRACT

Recalling the traditional family afternoons, a feeling of nostalgia invades the memory of the viewers of the film *Matilda*. A taste of childhood that, through film analysis based on Proppian morphological categories, this research aims to understand how fairy tales are present in modernity. Thus, the problem lies in determining to what extent the movie can be classified as a modern fairy tale. The research is theoretically based on the work *Morphology of the Folktale* (1928) by Vladimir Propp, whose morphological categories underpin the analysis of the film *Matilda* (1996). Situated within the context of Russian Formalism and Structuralism, the study delves into the underlying narrative structures, identifying the functions and spheres of action of the characters that position the film as a possible manifestation of a modern fairy tale. By applying Propp's perspective, the formalist analysis highlights how the narrative paradigms of folktales are replicated and reinterpreted in the film, revealing connections with classical narrative traditions. This approach demonstrates how the cinematic elements of *Matilda* contribute to constructing a narrative that transcends time and continues to engage contemporary audiences.

Keywords: Structuralism; Russian Formalism; Matilda; Narratology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Diagrama geral dos personagens.....	52
Figura 2 – Personagem Matilda Wormwood.....	63
Figura 3 – Família Wormwood.....	66
Figura 4 – Matilda e os pais.....	69
Figura 5 – Personagem Michael Wormwood.....	72
Figura 6 – Personagem Agatha Trunchbull.....	75
Figura 7 – A atitude da Srta. Trunchbull.....	77
Figura 8 – Personagem Professora Honey.....	80
Figura 9 – Matilda Wormwood x Agatha Trunchbull.....	89
Figura 10 – Quadro com a imagem de Magnus Honey.....	99
Figura 11 – A amiga de Matilda: Lavander.....	102
Figura 12 – Os alunos de Cruchem Hall.....	104
Figura 13 – Matilda e seus poderes mágicos.....	108
Figura 14 – O filme: Matilda (1996)	117
Figura 15 – Uma fonte de conhecimento: livros.....	121
Figura 16 – Sequência de Matilda e os “vendedores de lancha”	124
Figura 17 – A amizade	129
Figura 18 – Sequência da Sra. Trunchbull recebendo um castigo.....	132
Figura 19 – A vitória	136
Figura 20 – Em família.....	139
Figura 21 – A autonomia de Matilda.....	142
Figura 22 – Sequência: A autoridade de Trunchbull.....	145

Figura 23 – A casa da família Wormwood vista por fora.....	152
Figura 24 – A Escola Cruchen Hall em comemoração.....	155
Figura 25 – O chalé da Srta. Honey.....	158
Figura 26 – A decoração na casa da família Wormwood.....	165
Figura 27 – O figurino em Matilda (1996)	167
Figura 28 – Matilda e a telecinese.....	175

QUADROS

Quadro 1 – Arquétipos de personagens em contos populares.....	52
Quadro 2 – Principais características dos personagens do filme Matilda.....	84
Quadro 3 – Análise das funções narrativas em ‘Matilda’	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DESVENDANDO ESTRUTURAS NARRATIVAS: UMA ANÁLISE FORMALISTA DO FILME MATILDA A PARTIR DA MORFOLOGIA DE PROPP	16
1.1 INTRODUÇÃO AO FORMALISMO	22
1.2 INTRODUÇÃO À TEORIA ESTRUTURAL.....	30
1.2.1 Propp x Strauss: Vladimir Propp observado pelas lentes da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss	40
1.3 A MORFOLOGIA DE PROPP: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS	45
2 ANÁLISE PROPPIANA: OS PARADIGMAS NARRATIVOS EM MATILDA (1996)	58
2.1 PROPP APLICADO: ESTRUTURA E ELEMENTOS NARRATIVOS EM MATILDA.....	62
2.1.1 O Herói e o Antagonista: Matilda e Agatha Trunchbull em foco	89
2.1.2 Doadora, Auxiliar E Princesa: Jennifer Honey	97
2.1.2.1 O Pai Da Princesa: Magnus Honey	98
2.1.3 Outra Auxiliar: Lavander Brown.....	102
2.1.3.1 Demais Auxiliares: Os alunos De Crunchem Hall	104
2.1.4 Falso Herói: Harry E Zinnia Wormwood.....	106
2.1.5 Os elementos mágicos e o Auxílio Sobrenatural em Matilda	108
2.1.6 Reflexões sobre Justiça e Reconhecimento: O papel da união em “Matilda”	111
3 UM CLÁSSICO INFANTIL, O FILME: MATILDA (1996)	113
3.1 LUZES, CÂMERA E AÇÃO: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE MATILDA (1996) ..	115
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	177
REFERÊNCIAS.....	181
FILMOGRAFIA.....	184

INTRODUÇÃO

“O cinema substitui nosso olhar por um mundo que se conforma aos nossos desejos.”

(André Bazin)

Baseado em André Bazin na obra “O que é Cinema?” (2018), o cinema é reconhecido como uma arte transformadora, capaz de refletir e influenciar a sociedade ao longo de sua evolução desde o final do século XIX. Durante os anos 80 e 90, essa forma de arte passou a enfatizar produções familiares que combinavam entretenimento com lições morais, exemplificadas por filmes como “Matilda”, adaptação do livro homônimo de Roald Dahl (1988). Esse período destacou narrativas encantadoras que resgatavam a essência dos contos de fadas enquanto abordavam temas contemporâneos como coragem, resiliência e justiça, moldando uma geração com histórias inspiradoras e mágicas.

Lançado em 1996, o filme “Matilda” retrata a história da pequena Matilda Wormwood, uma criança essencialmente inteligente e corajosa, cuja vida, no entanto, é marcada pela negligência familiar e conflitos com a Agatha Trunchbull. A narrativa acompanha sua jornada de vida que parte em busca de aceitação e pertencimento, culminando na descoberta de habilidades psicocinéticas, que a auxiliam no confronto das adversidades que aparecem em seu caminho.

Baseado em Charles Perrault, um dos pioneiros dos contos de fadas modernos, o conceito de “maravilhoso” é caracterizado por uma combinação de elementos mágicos e lições morais que refletem a sociedade. Esse escritor e poeta francês defendia que os contos encantados deveriam servir não apenas como entretenimento, mas também como um meio de transmitir valores e normas sociais. Essa perspectiva também se alinha à obra de Irlemar Chiampi¹, que descreve o “maravilhoso” como uma forma de desafiar expectativas lógicas, transformando o cotidiano em algo extraordinário e mágico.

Nesse sentido, ao transitar entre o real e o mágico, o filme “Matilda” evoca elementos típicos dos contos encantados, principalmente por meio da transformação de sua heroína subestimada, a extraordinária Matilda. Por isso, a obra é o foco desta

¹ Na obra “O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano”, Irlemar Chiampi (2008) explora o conceito do maravilhoso na literatura hispano-americana, especialmente nos romances que combinam elementos do realismo e do fantástico.

pesquisa, que será analisada com base nas categorias morfológicas propostas por Vladimir Propp, demonstrando como as narrativas maravilhosas continuam presentes e relevantes na modernidade.

Para a contextualização do estudo, observa-se no filme “Matilda” uma recriação contemporânea dos contos de fadas clássicos, preservando elementos essenciais enquanto os adapta para o público moderno. Baseado nos estudos do teórico formalista em questão, esta pesquisa investiga se o filme “Matilda” se caracteriza como um conto de fadas moderno, identificando quais elementos e estruturas narrativas fazem alusão aos contos maravilhosos.

Nesse contexto, “Matilda” (1996) destaca-se como um exemplo singular por revisitar e reimaginar contos de fadas clássicos. Sua narrativa incorpora elementos como uma protagonista que enfrenta adversidades, vilões caricatos e um desfecho que celebra a justiça e a vitória do bem, características que remetem às estruturas tradicionais desse gênero. No entanto, esses aspectos foram cuidadosamente adaptados para dialogar com o público contemporâneo, resultando em uma trama que preserva a essência encantadora das histórias tradicionais, enquanto reflete valores modernos. Essa releitura levanta questões sobre os limites e as possibilidades de categorizar produções atuais como contos maravilhosos, considerando as mudanças culturais e narrativas desde a época dos contos clássicos.

A pesquisa proposta é fundamentada na aplicação do modelo teórico de Vladimir Propp, que descreve funções narrativas e papéis de personagens em contos de fadas. Busca-se avaliar como o filme “Matilda” segue essas estruturas e de que forma elas foram transpostas para refletir demandas socioculturais modernas. Assim, a análise não apenas examina a fidelidade do filme às categorias proppianas, mas também explora como valores e temas dos contos maravilhosos foram reinterpretados para dialogar com o público atual.

Um dos desafios desta análise é entender como elementos tradicionais dos contos de fadas, conforme definidos pela *Morfologia dos Contos Maravilhosos* de Propp, são preservados, adaptados ou transformados no filme. Essa investigação é essencial para identificar como as narrativas clássicas dialogam com o contexto contemporâneo, proporcionando um conteúdo acessível e relevante para audiências diversas.

Além disso, é fundamental examinar como o filme aborda temas universais como justiça, empoderamento, educação e autonomia, apresentando-os de forma que ressoe com valores modernos. Essa análise pode oferecer insights valiosos sobre a evolução dos contos de fadas na cultura popular e seu impacto na formação de comportamentos e valores na sociedade atual.

As questões de pesquisa abordam diferentes aspectos relacionados ao estudo do filme. Primeiramente, busca-se identificar quais elementos e estruturas das narrativas tradicionais, conforme descritos por Propp, estão presentes em “Matilda”. Em seguida, investiga-se como os paradigmas narrativos próprios dos contos de fadas se manifestam no filme por meio de uma análise estrutural.

Outro aspecto relevante é a análise fílmica, que avalia como os elementos cinematográficos, como simbolismos e metáforas, contribuem para o desenvolvimento da narrativa em alinhamento com as categorias morfológicas. Por último, a pesquisa explora como a adaptação de elementos clássicos refletem as mudanças culturais e sociais contemporâneas. Nesse contexto, questiona-se em que medida “Matilda” pode ser considerado um conto de fadas moderno.

A narrativa de Matilda utiliza estruturas dos contos de fadas tradicionais, adaptando-as para criar uma história que equilibra elementos clássicos e modernos. Acredita-se que essa releitura do gênero não apenas preserva sua essência, mas também reflete as aspirações e preocupações da atualidade. Essa reinterpretação dos contos maravilhosos espelha transformações culturais e sociais, apresentando temas e mensagens universais. Além disso, os recursos cinematográficos enriquecem a narrativa, complementando as categorias propostas por Propp e reafirmando a relevância dessas estruturas em obras contemporâneas.

À luz dos estudos de Propp, a análise metodológica baseou-se na aplicação das categorias narrativas descritas na *Morfologia dos Contos Maravilhosos* (1928), com o objetivo de investigar como os elementos estruturais dos contos de fadas foram transpostos no filme “Matilda” (1996). O percurso investigativo concentrou-se na identificação das funções narrativas e dos papéis essenciais dos personagens dentro da trama.

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a presença dos contos de fadas na modernidade por meio da análise do filme “Matilda” (1996), utilizando como referência a *Morfologia dos Contos Maravilhosos* proposta por

Vladimir Propp. Nesse sentido, a investigação busca explorar a estrutura narrativa do longa-metragem, identificando de que maneira os elementos característicos dos contos de fadas tradicionais são preservados, transformados e reinterpretados para se adequar ao contexto de um público contemporâneo.

Para alcançar esse propósito, a pesquisa delinea alguns objetivos específicos fundamentais. Primeiramente, pretende-se identificar os elementos e estruturas dos contos de fadas presentes em “Matilda”, à luz da metodologia desenvolvida por Propp. Em seguida, o estudo busca analisar os paradigmas narrativos utilizados no filme, utilizando a análise estrutural dos contos maravilhosos como ferramenta de investigação. Por fim, será realizada uma análise fílmica detalhada, examinando como os recursos cinematográficos contribuem para a construção das categorias morfológicas propostas por Propp, desenvolvendo a dinâmica narrativa da obra.

A justificativa para a realização deste estudo fundamenta-se em três perspectivas essenciais: acadêmica, prática e pessoal. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa proporciona uma abordagem inovadora ao estudar Matilda sob o viés dos contos de fadas e das teorias narrativas de Vladimir Propp. Ao aplicar a *Morfologia dos Contos Maravilhosos*, é possível compreender como os elementos tradicionais desse gênero são reaproveitados e adaptados para uma narrativa contemporânea, contribuindo significativamente para o campo de estudos sobre adaptações modernas de contos de fadas e suas evoluções ao longo do tempo.

Além disso, a pesquisa destaca a relevância prática do estudo, demonstrando como “Matilda” pode ser interpretado como um conto de fadas moderno. Através dessa análise, evidencia-se a permanência e a influência dos contos de fadas na cultura popular atual, reforçando a ideia de que essas narrativas continuam a moldar percepções e expectativas do público contemporâneo. Assim sendo, há um viés pessoal na escolha do objeto de estudo, pois “Matilda” é um filme que marcou a infância de diversos telespectadores, evocando memórias afetivas e sentimentos de nostalgia. Ao investigar a obra sob essa perspectiva, a pesquisa fortalece a conexão com o público, promovendo uma reflexão sobre o impacto dessas histórias ao longo das gerações.

A revisão bibliográfica sobre o filme “Matilda” abrange temas diversos, destacando seu impacto psicológico, pedagógico e cultural. Estas perspectivas revelam como a obra não apenas entretém, mas também aborda questões essenciais

relacionadas à infância, educação e dinâmicas familiares, além de refletir sobre sua relevância contínua na cultura popular.

Uma área de estudo significativa concentra-se na representação da adoção e das dinâmicas familiares retratadas no filme. Estudos em Psicologia e Psicanálise ajudam a interpretar as relações familiares e as novas representações de família, incluindo o impacto emocional do processo de adoção e a importância do acompanhamento psicológico. Esses estudos também destacam a relevância de um ambiente familiar saudável para o desenvolvimento infantil.

Outro ponto amplamente analisado é a influência de “Matilda” no processo pedagógico, especialmente no incentivo à leitura e à aprendizagem. A paixão de Matilda pelos livros e sua interação com figuras como a bibliotecária e a professora Srta. Honey são representações significativas que fomentam o apreço pela leitura, a imaginação e o desenvolvimento intelectual nas crianças.

Finalmente, o impacto cultural do filme também é um tema de destaque. Pesquisas analisam como “Matilda”, uma obra repleta de nostalgia, se mantém relevante ao longo dos anos e influencia novas gerações, demonstrando a persistência dos contos de fadas na narrativa contemporânea.

A revisão bibliográfica do filme “Matilda” revela uma obra multifacetada, rica em temas e abordagens. Abrangendo desde as análises sobre as relações familiares e a importância da leitura na formação da criança até o impacto cultural que atravessa gerações, “Matilda” se apresenta como um campo vasto e fértil para exploração acadêmica. Essas diversas perspectivas não apenas engrandecem a compreensão da obra, mas também evidenciam sua relevância contínua na sociedade e na cultura popular.

Na pesquisa proposta, serão abordados os aspectos teóricos e metodológicos, com base nas contribuições de Vladimir Propp, Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété. Primeiramente, a análise será orientada pela obra *Morfologia dos Contos Maravilhosos* (1928), de Propp, buscando compreender os paradigmas narrativos presentes no filme “Matilda” e suas conexões com os contos de fadas tradicionais.

A metodologia será desenvolvida pelos estudos de Vanoye e Goliot-Lété, conforme apresentados em *Ensaio sobre a Análise Fílmica* (2002). Essa abordagem permitirá uma investigação dos elementos cinematográficos da obra e suas adaptações de estruturas narrativas características dos contos maravilhosos. Além

disso, serão estabelecidos diálogos com outros teóricos do campo cinematográfico, a fim de fortalecer e detalhar a análise, garantindo uma abordagem vasta e interdisciplinar.

O primeiro capítulo tratará da fundamentação teórica, contextualizando duas abordagens essenciais: o Formalismo russo e o Estruturalismo. Conforme as obras *As Estruturas Narrativas* (2006) e *Teoria da Literatura: Textos dos formalistas russos* (2003), de Tzvetan Todorov, essas perspectivas desempenham um papel crucial no desenvolvimento da teoria literária e cultural, oferecendo ferramentas preciosas para o estudo de obras e fenômenos culturais.

Além disso, será abordada a relação entre o formalismo e a análise estrutural com a *Morfologia dos Contos Maravilhosos* de Propp, que identifica estruturas narrativas recorrentes nos contos populares russos. A obra exemplifica os objetivos dos formalistas, alinhando-se aos princípios da análise estrutural e fornecendo uma metodologia sistemática para compreender a construção e o significado das narrativas.

Ainda neste capítulo, Propp será examinado à luz da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, conforme explorado em *A Estrutura dos Mitos* (2013). A análise comparativa entre esses dois teóricos possibilita uma compreensão precisa da construção das narrativas, destacando as estruturas subjacentes que permeiam contos de fadas e mitos. Para terminar, será consolidada a base teórica da *Morfologia dos Contos Maravilhosos*, enfatizando as estruturas narrativas implícitas que sustentam os contos de fadas e os padrões específicos que envolvem a essência da narrativa.

Mediante os desdobramentos anteriores, o segundo capítulo analisará as estruturas narrativas no filme “Matilda” (1996), com base nas categorias morfológicas de Vladimir Propp. A obra foi selecionada por sua narrativa cativante e seus personagens marcantes, sendo assistida repetidamente para observar os detalhes da história, as características dos personagens e os principais eventos. Durante esse processo, foram registradas notas detalhadas sobre a progressão da trama, destacando os momentos-chave e as ações essenciais dos personagens.

Com base nessa análise, as 31 funções proppianas, que representam ações e eventos recorrentes nas narrativas folclóricas russas, foram mapeadas. Essas funções, como a partida, a ausência, a violação da proibição e a proibição, entre

outras, foram relacionadas diretamente à trama de “Matilda”, identificando como e quando cada uma se manifesta no enredo. Os personagens, por sua vez, foram associados às esferas de ação propostas por Propp, incluindo o herói, o vilão, o doador e o auxiliar. Por exemplo, Matilda foi classificada como a heroína, enquanto a Sra. Trunchbull desempenha o papel de vilã.

Dessa maneira, os acontecimentos do filme foram organizados em sequências narrativas que seguem a lógica de Propp, evidenciando o ponto de partida, os desafios enfrentados pela protagonista, as ajudas recebidas, os confrontos com a antagonista e a resolução final. Esse mapeamento permitiu compreender como a narrativa de “Matilda” se desenrola em consonância com a morfologia de Propp. Uma análise comparativa foi realizada entre a estrutura do filme e as narrativas folclóricas tradicionais, destacando semelhanças e diferenças. Essa etapa foi essencial para identificar como o filme moderniza ou subverte certos elementos dos contos de fadas clássicos, reafirmando a relevância contemporânea das categorias de Propp.

Por último, os resultados da análise foram organizados e discutidos, evidenciando como as categorias propostas por Propp contribuíram para a compreensão da estrutura narrativa de “Matilda”. As reflexões destacaram a eficácia dessas categorias em um contexto cinematográfico moderno, demonstrando a aplicabilidade da teoria proppiana em obras contemporâneas. Dessa forma, ficou evidente a maestria com que “Matilda” desenvolve sua narrativa e seus personagens, reafirmando a importância da estrutura narrativa na criação de uma obra envolvente e atemporal.

A pesquisa é concluída no terceiro e último capítulo, que se baseia nos aspectos morfológicos proppianos previamente estabelecidos. Esse capítulo explora os elementos cinematográficos de “Matilda” (1996), incluindo temáticas, símbolos e metáforas, destacando como eles contribuem para a construção de uma narrativa mágica e reforçam o caráter maravilhoso típico dos contos de fadas. A análise é fundamentada pela obra *Ensaio sobre a Análise Fílmica* (2002), de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, que aborda temáticas, símbolos, metáforas e elementos da cinematografia.

Em complemento, o diálogo com outros estudiosos da teoria cinematográfica apoia-se nas contribuições de Ismail Xavier (O Discurso Cinematográfico, 1977; A Experiência do Cinema, 1983), Marcel Martin (A Linguagem Cinematográfica, 2003) e

Jacques Aumont e Michel Marie (A Estética do Filme, 2012). Esse enfoque interdisciplinar aumenta a compreensão de “Matilda” como uma narrativa que moderniza elementos tradicionais dos contos maravilhosos, destacando sua relevância no contexto contemporâneo das artes cinematográficas.

Este trabalho organiza-se em três capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta o aporte teórico, com ênfase no formalismo russo, no estruturalismo e nos princípios da morfologia de Vladimir Propp. No segundo capítulo, será realizada uma análise detalhada das categorias morfológicas identificadas no filme “Matilda”. Para finalizar, o terceiro capítulo integrará os elementos cinematográficos às categorias morfológicas proppianas, evidenciando como esses aspectos se complementam e desenvolvem a narrativa. A partir dessas análises, busca-se compreender como o filme adapta e reinterpreta os contos de fadas tradicionais, refletindo as transformações culturais e sociais da modernidade.

1 DESVENDANDO ESTRUTURAS NARRATIVAS: UMA ANÁLISE FORMALISTA DO FILME MATILDA A PARTIR DA MORFOLOGIA DE PROPP

“Era uma vez...”²

A análise das categorias morfológicas de Propp em “Matilda” inicia-se com a exploração do “realismo maravilhoso”³ presente nos contos de fadas, buscando desvendar as estruturas narrativas que moldam a trama do filme. Nesse contexto, o capítulo inicial desta dissertação apresenta uma análise formalista da obra cinematográfica, fundamentada na *Morfologia dos Contos Maravilhosos* (1928), de Vladimir Propp.

O primeiro momento do capítulo foca na introdução ao Formalismo, destacando sua perspectiva sócio-histórica e seu impacto na crítica literária. Vladimir Propp, integrante do grupo de escritores e críticos responsáveis por promover uma revolução

² Originada pelas histórias de Charles Perrault, a clássica expressão que introduz as narrativas infantis representa o abre-alas do mundo literário.

³ Sobre o realismo maravilhoso, Irlemar Chiampi enfatiza que:

“O realismo maravilhoso é uma forma de expressão que, ao invés de representar o real de maneira direta, cria um universo onde o extraordinário se mistura com o cotidiano, desafiando as fronteiras da lógica e da razão.” (Chiampi, 2008, p. 52)

na análise literária, é reconhecido por suas contribuições ao estudo das narrativas tradicionais e seus elementos formais.

Paralelamente, é apresentada uma visão inicial da Teoria Estrutural, ressaltando sua relevância na interpretação literária. Enquanto o Formalismo enfatiza a autonomia da literatura como arte, o Estruturalismo amplia essa perspectiva ao integrar aspectos linguísticos, culturais e sociais na análise. Dessa forma, busca compreender as estruturas subjacentes às obras literárias e as transformações socioculturais que influenciam sua construção e recepção.

Baseando-se em obras como *As Estruturas Narrativas* (2006) e *Teoria da Literatura: Textos dos Formalistas Russos* (2003), de Tzvetan Todorov, essas abordagens oferecem uma visão objetiva e significativa da teoria literária. Ao deslocar o foco para os elementos formais, tanto o Formalismo quanto o Estruturalismo reafirmam a singularidade da literatura, proporcionando um espaço para reflexões universais sobre a condição humana.

Além disso, o capítulo aborda as teorias de Propp e Claude Lévi-Strauss como parte da introdução à análise estrutural. Enquanto Propp se dedica à morfologia dos contos de fadas, Lévi-Strauss utiliza uma abordagem mais ampla, examinando as narrativas como sistemas que refletem padrões culturais e cognitivos. A obra *A Estrutura dos Mitos* (2013) permite identificar convergências e divergências entre essas perspectivas, evidenciando a complementaridade e os contrastes de suas teorias.

Para concluir, o terceiro ponto examina os fundamentos e princípios da morfologia de Propp, destacando como suas estruturas narrativas são aplicadas às narrativas tradicionais. Propp, pioneiro neste campo, identificou padrões recorrentes que permeiam contos populares, desvendando as bases formais que orientam a construção dos enredos.

Antes de prosseguir com os estudos proppianos, contextualizam-se os contos de fadas como histórias tradicionais que integram elementos sobrenaturais e seres fictícios. Essas narrativas retratam eventos extraordinários, muitas vezes inverossímeis, e fazem uso de objetos mágicos para dar continuidade a tramas que exploram dimensões materiais, sociais e emocionais. Geralmente, essas histórias giram em torno da busca por algo que satisfaça desejos relacionados à riqueza, ao poder ou ao bem-estar físico (Valenzuela, 2024, p. 124).

A origem dos contos de fadas remonta às tradições orais de antigas sociedades, onde histórias eram disseminadas verbalmente de geração em geração. Essas tramas serviam como uma forma de explicar o mundo, transmitir valores culturais e refletir crenças e experiências coletivas. Ao mesmo tempo, ajudavam as comunidades a lidar com seus temores e esperanças, cumprindo um papel social de educação e entretenimento. Por meio de elementos mágicos e figuras arquetípicas, elas representavam os desafios e aspirações do cotidiano coletivo.

Com o passar do tempo, autores como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen adaptaram e registraram essas tradições orais, consolidando-as como obras literárias e moldando o que conhecemos hoje como contos de fadas. Apesar de suas origens ligadas a contextos culturais específicos, essas histórias evoluíram e se tornaram universais, dialogando com públicos de diferentes épocas e lugares.

Estruturalmente, os contos de fadas seguem padrões narrativos recorrentes que atravessam diversas culturas, reforçando sua totalidade e eficácia como forma narrativa. Essa repetição pode ser atribuída à sua essência arquetípica, como apontado por Vladimir Propp. Em suas análises das funções narrativas dos contos populares, Propp percebeu que grande parte dessas histórias compartilha um modelo em comum que inclui elementos como a partida do herói, o cumprimento de ações difíceis, a conquista de um objeto mágico e o êxito final. Esse formato é claramente observável em narrativas distintas como *Cinderela*, *João e o Pé de Feijão* e *A Bela e a Fera*, todas centradas em jornadas de transformação e crescimento pessoal.

Além disso, essa estrutura padronizada reflete necessidades sociais e psicológicas primordiais da humanidade. De acordo com Carl Jung⁴, os arquétipos presentes nos contos de fadas, como o herói, o mentor e o vilão, simbolizam aspectos universais da psique humana. Essas histórias vão além do simples entretenimento, pois também ensinam e orientam, oferecendo um percurso simbólico para a resolução de conflitos e a conquista de objetivos. Essa pertinência explica por que essas narrativas continuam a ser recriadas em versões e adaptações modernas, que vão desde animações até romances contemporâneos.

⁴ Baseando-se no conceito de arquétipos e no inconsciente coletivo amplamente discutidos em suas obras, Carl Jung, no estudo sobre "O Homem e Seus Símbolos" (2008) explora os arquétipos e explica como eles se manifestam em narrativas culturais, como os contos de fadas.

Adicionalmente, a repetição dessa estrutura contribui para a transmissão oral e a memorização das histórias, um aspecto fundamental em sua origem em sociedades predominantemente analfabetas. A familiaridade e simplicidade das sequências narrativas tornam os contos de fadas acessíveis a públicos distintos, permitindo que sejam reinterpretados e adaptados às necessidades típicas culturais. Por isso, a vigência em sua estrutura não é uma limitação, mas uma característica essencial que assegura sua importância e impacto no imaginário coletivo.

Nesse contexto, Vladimir Propp, ao decompor os contos de fadas em funções narrativas e ações essenciais, revelou uma regularidade subjacente e uma complexidade que análises anteriores não haviam explorado a fundo. Por meio de sua abordagem, o acadêmico russo destacou um modelo funcional que vai além da análise superficial, reconhecendo padrões universais e repetitivos presentes nas histórias maravilhosas.

Para os formalistas russos, o modelo funcional é uma ferramenta analítica que desmembra os textos literários em suas funções narrativas primordiais, permitindo uma compreensão mais delineada da forma e estrutura das obras. Esse modelo pressupõe que os contos de fadas compartilham uma base estrutural comum, composta por uma série de funções essenciais. Essas ações fundamentais, independentemente da origem cultural das histórias, demonstram como elementos recorrentes ajudam a construir narrativas atemporais e universais.

Sendo assim, os contos, repletos de componentes mágicos e simbólicos, ganham uma nova perspectiva ao serem estruturados em funções narrativas e esferas de ação, como proposto por Propp. Sua metodologia permitiu compreender a transformação das histórias ao longo dos anos, adaptando-se a diferentes culturas e métodos de narração, mas preservando um núcleo estruturado que conduz os enredos até o desfecho.

Para esse propósito, investiga-se a análise de “Matilda” à luz da teoria de Propp (1984), identificando e comparando as estruturas narrativas que compõem a obra. As ações dos personagens servem como o motor da narrativa, dando vida e dinamismo à trama por meio de suas escolhas, conflitos e interações com outros personagens e objetos. Cada personagem desempenha uma ou mais funções, contribuindo diretamente para o desenvolvimento do enredo e conduzindo os eventos até o clímax.

Integradas a essa configuração, estão as esferas de ação dos personagens, que ocupam um papel específico na narrativa, conforme definido por Propp. Essas esferas estão atreladas aos comportamentos dos personagens ao longo da história. Por exemplo, o herói, que busca e salva, atua na esfera do enfrentamento e superação, enquanto o vilão ocupa a esfera do conflito, desafiando os objetivos do protagonista.

Nesse sentido, a teoria de Vladimir Propp, ao decompor os contos de fadas em funções e esferas de ação, permite a análise de narrativas aparentemente distantes de sua época. Aplicando essa metodologia ao filme contemporâneo “Matilda”, observa-se a persistência das estruturas narrativas dos contos maravilhosos. A protagonista Matilda assume o papel clássico do herói, superando os desafios impostos pela vilã, a diretora Trunchbull. Já a professora Honey desempenha o papel de doador, oferecendo os meios necessários para a transformação de Matilda. Assim, “Matilda” exemplifica como as estruturas centrais dos contos de fadas podem ser reinterpretadas e adaptadas para dialogar com o público contemporâneo, sem perder a sua essência encantadora.

Desse modo, ao analisar a composição e estrutura presentes nos contos maravilhosos, Propp (1979, p. 246), em “As Transformações dos Contos Fantásticos”, oferece um enfoque inovador para o entendimento dessas narrativas. Ao comparar os elementos presentes em diferentes histórias, o autor identifica tanto as formas fundamentais, ligadas às origens dos contos, quanto as formas derivadas, resultantes de adaptações e transformações ao longo do tempo. Essa classificação permite uma análise mais detalhada das conexões entre os diversos contos, destacando suas semelhanças sob uma nova perspectiva.

Propp sugere que as formas fundamentais frequentemente têm origem em antigas representações religiosas, refletindo tradições culturais que moldaram os contos fantásticos. Essas estruturas primordiais estão ligadas a práticas e crenças antigas, funcionando como um alicerce narrativo para muitas histórias. Contudo, Propp alerta para a necessidade de cautela ao aplicar tais princípios, ressaltando que não é correto atribuir todas as formas fundamentais exclusivamente à religião ou todas as formas derivadas à vida prática (Propp, 1976, p. 249). Esse equilíbrio é essencial para compreender como as narrativas evoluem e se transformam ao longo do tempo.

Para evitar equívocos na interpretação, Propp propôs métodos que auxiliam na identificação dos princípios gerais que relacionam contos e religião. Entre eles estão: parentesco direto⁵, dependência inversa⁶, paralelismo e ausência total de ligação. Nesse contexto, o estudo das formas fundamentais conduz o pesquisador a explorar as conexões entre os contos e suas possíveis influências religiosas (Propp, 1976, p. 252).

Propp (1976) também distingue entre formas fundamentais, frequentemente associadas a tradições religiosas, e formas derivadas, mais conectadas à vida prática e à realidade. Embora tenha se concentrado nos contos maravilhosos, seu método de análise estrutural oferece ferramentas eficazes para compreender como os elementos narrativos se articulam dentro das histórias fantásticas. De forma geral, contos fantásticos⁷ são narrativas que incorporam o sobrenatural como um elemento de ruptura da concreticidade do cotidiano, enquanto os contos maravilhosos seguem uma estrutura mais reconhecível e bem definida, conforme descrito no modelo funcional de Propp.

Sobretudo, esses estudos visam contribuir para o aprimoramento dos conceitos que a Narratologia tem buscado desenvolver ao longo do tempo, como a sintaxe da diegese. Esse conceito refere-se à combinação, sucessão e articulação dos eventos que formam a sequência narrativa. Embora essas discussões tenham se originado no formalismo russo, foi no estruturalismo que esses princípios metodológicos ganharam força (Silva, 1988, p. 719). Por meio da análise baseada na teoria narrativa de Propp, torna-se possível apreciar não apenas a estrutura da história, mas também os sentidos e interpretações que ela oferece.

⁵ Uma linha de referência que segue ideia semelhante ao parentesco entre pai e filho, remontando a uma fonte comum (Propp, 1976, p. 249-250).

⁶ Casos em que a religião incorpora elementos dos contos, como o combate entre São Jorge e o Dragão, cuja figura do dragão aparece em diversas narrativas de religiões pagãs. Essa associação gerou resistência por parte da Igreja Católica em aceitar essa interpretação.

⁷ Baseado em Vladimir Propp (1976), os contos fantásticos, de forma geral, são histórias que introduzem elementos sobrenaturais ou extraordinários no cotidiano, criando estranhamento e inquietação. Eles desafiam as leis naturais e exploram a transgressão entre o real e o imaginário. Distintivamente dos contos maravilhosos, que seguem uma estrutura narrativa tradicional com funções específicas, os contos fantásticos subvertem essas expectativas e criam um ambiente onde o inexplicável e o misterioso prevalecem.

1.1 INTRODUÇÃO AO FORMALISMO

A crítica literária do século XX foi fortemente influenciada por correntes teóricas que centraram suas análises nos elementos internos da criação artística, com o objetivo de desvendar os mecanismos que tornam uma obra literária única. Insatisfeitos com as abordagens subjetivas e idealistas predominantes na época, os teóricos buscaram distanciar-se de fatores externos ao texto, como biografia do autor, contexto histórico e interpretações filosóficas. Nesse cenário, destacaram-se o Formalismo e o Estruturalismo, que priorizavam a compreensão das regras intrínsecas que regem os textos literários.

O Formalismo russo, movimento crítico surgido no início do século XX, teve suas raízes no Círculo Linguístico de Moscou (1914-1915), ocorrido na Academia de Ciências. Este grupo reuniu linguistas como Boris Eikhenbaum, Boris Tomachevski, Roman Jakobson, Vladimir Propp e Viktor Chklovski, entre outros. Com a finalidade de promover estudos sobre poética e linguística, a crítica formalista centrou suas análises nas técnicas literárias, com ênfase na forma, estrutura e dispositivos linguísticos do texto. Dessa maneira, buscava estabelecer um método científico e lógico para os estudos literários.

Segundo Hohendahl (1982), o conceito de formalismo está diretamente relacionado ao surgimento da esfera pública liberal e burguesa no século XVIII. Neste contexto histórico, marcado pela ascensão da classe média em oposição ao estado absolutista e à sociedade hierárquica, a literatura desempenhou um papel essencial como instrumento de expressão e mobilização para esse grupo emergente.

As perspectivas dos teóricos formalistas destacaram a importância funcional e conceitual dos mecanismos literários. As abordagens de análise enfatizavam forma e estrutura, permitindo a identificação de padrões, regularidades e relações entre os elementos textuais, examinando o conhecimento sobre as obras literárias. Para Eikhenbaum (1971), o método formal era visto como uma hipótese de trabalho científica, útil para sistematizar e compreender os fatos, conforme indicado na seguinte citação:

Em nosso trabalho científico apreciamos a teoria unicamente como uma hipótese de trabalho, com a ajuda da qual indicamos e compreendemos os fatos: descobrimos um caráter sistemático graças ao qual esses fatos tornam-se matéria de um estudo. [...] Não existe uma ciência completa, a ciência vive enquanto supera os erros, e não enquanto estabelece verdades (Einkheinbaum, 1971, p. 4).

Entre 1900 e 1920, o Formalismo russo ganhou relevância nos estudos literários, impulsionado por eventos como a crise da estética filosófica e as mudanças na produção artística. Este movimento surgiu da necessidade de um método analítico mais objetivo e dissociado das influências religiosas e filosóficas predominantes. Em contraste com os simbolistas, que defendiam princípios estéticos subjetivos, os formalistas adotaram uma postura científica, analisando a arte com precisão e concretude para obter resultados tangíveis.

O Formalismo russo também desempenhou um papel crucial na renovação da metalinguagem crítica ao introduzir novos conceitos para a análise literária. Apesar de gerarem debates individuais, essas ideias permanecem atuais e relevantes, conforme destaca Ceia (2009):

Muitos dos temas teóricos escolhidos para investigação nunca antes haviam sido discutidos: as funções da linguagem, em particular a relação entre a função emotiva e a função poética (Roman Jakobson), a entoação como princípio constitutivo do verso (B. Eikhenbaum), a influência do metro, da norma métrica, do ritmo quer na poesia quer na prosa (B. Tomachevski), a estrutura do conto fantástico (V. Propp), a metodologia dos estudos literários (J. Tynianov), etc (Ceia, 2009).

Com foco na forma literária, os formalistas refutaram os métodos interpretativos dos simbolistas, rejeitando simbolismo e alegoria em suas análises. Essa postura contribuiu para a marginalização dos simbolistas no panorama crítico da época. Eikhenbaum (1971) discute este conflito em sua reflexão:

A estética se viu despida, enquanto que a arte voluntariamente tomou uma forma despojada e não observava senão as convenções mais primitivas. O método formal e o futurismo se acham, portanto, historicamente ligados entre si [...] por isso, no momento em que sobreveio o encontro histórico de duas gerações, encontro extremamente tenso e importante, ele tomou lugar, não no domínio da ciência acadêmica, mas entre a corrente desta ciência jornalística composta pela teoria simbolista e pelos métodos da crítica impressionista. Entramos em conflito com os simbolistas por arrancar-lhes das mãos a poética, liberá-la de suas teorias de subjetivismo estético e filosófico e conduzi-la rumo aos estudos científicos dos fatos. A revolução que jogou os futuristas (Klebnikov, Krutchenik, Maiakovski) contra o sistema poético do simbolismo sustentou os formalistas porque dava um caráter mais atual a seu combate (Eikhenbaum, 1971, p. 6- 7).

Os formalistas argumentavam que era imprescindível substituir os preceitos estéticos subjetivos por uma metodologia objetiva e científica. Este posicionamento definiu o grupo como inovadores, comprometidos com a análise rigorosa e sistemática das obras literárias, defendendo a especificidade da literatura como objeto de estudo, independente de influências externas.

Desde então, tornou-se evidente a incompatibilidade entre a análise formalista e os preceitos que mesclavam diferentes campos do conhecimento científico. Nesse sentido, os formalistas rejeitaram a ideia de que a literatura pudesse ser analisada sob a perspectiva de disciplinas como a psicologia ou a filosofia. Em contrapartida, defenderam a necessidade de delimitar o escopo da ciência literária, concentrando-se nas características específicas da literariedade. Nesse contexto, no Círculo de Praga (1921), Roman Jakobson sustentou que o objeto da ciência literária deveria ser a '*literariedade*'⁸.

Para realizar e consolidar este princípio de especificação sem recorrer a uma estética especulativa, foi necessário confrontar a série literária com outra série de fatos, escolhendo entre a quantidade de séries existentes aquela que, colocando-se ao lado da série literária, teria, entretanto, uma função diferente. O confronto da língua poética com a língua quotidiana ilustrou este procedimento metodológico (Eikhenbaum, 1971, p. 9).

No que diz respeito aos problemas cruciais da poética, Eikhenbaum (1971, p. 9) ressalta que os formalistas dirigiram seus esforços para a ciência da linguagem humana, a Linguística, com o objetivo de propor novos fundamentos teóricos que complementassem a poética.

Um dos primeiros desafios enfrentados pelos formalistas, particularmente aqueles associados ao futurismo, foi a análise dos sons do verso e a distinção entre os sistemas da língua poética e da língua prosaica. Ao afirmar que a língua poética vai além de uma simples linguagem de imagens e que os sons do verso possuem significado autônomo, os formalistas se contrapuseram à visão convencional de que a poesia se restringe à representação imagética. Assim, a concepção de poesia como um pensamento por imagens não correspondia aos fatos observados.

⁸ Baseado em Eikhenbaum (1971), no começo do século XX, os formalistas russos direcionaram os estudos para a composição das obras literárias. Assim, o termo original russo *literaturnost* corresponde a literariedade, uma propriedade pertinente à Literatura que acarreta no uso particular da linguagem ao reconhecer um texto literário de um texto não literário.

Os esforços principais dos formalistas concentraram-se em dissociar forma e fundo, visando esclarecer suas distinções e desenvolver o conceito de forma com um novo sentido. Nesse processo, a questão do procedimento ganhou destaque, sobretudo ao estabelecer a diferença entre a língua poética e a língua cotidiana (Eikhenbaum, 1971).

Outra preocupação central dos formalistas foi definir claramente a relação entre forma e conteúdo na análise literária, com o intuito de analisar a compreensão da forma em si. Inicialmente, o foco recaiu sobre a relação entre imagem e som na poesia. Posteriormente, o interesse se expandiu para os procedimentos narrativos fundamentados no enredo. Essa transição, impulsionada por estudiosos como Veselovski e Kazanski (1926), culminou na evolução da poética teórica em direção à análise narrativa. A ideia principal era que a arte, inclusive a literatura, deveria ser analisada de maneira concreta, considerando seus elementos formais e os mecanismos específicos que a constituem (Chklovski).

A transição para a história literária foi resultado da evolução do conceito de forma, indo além de um simples alargamento dos temas de estudo. Conforme pontua Eikhenbaum (1971, p. 19):

A passagem para a história literária foi o resultado da evolução da noção de forma, e não apenas um alargamento dos temas de estudo. Demonstramos que a obra literária não é percebida como um fato isolado. Sentimos a sua forma em relação com outras obras e não somente a partir dela. (Eikhenbaum, 1971, p. 19)

A separação entre os formalistas e os simbolistas ocorreu em 1914, com a publicação da brochura *A Ressurreição da Palavra*, de V. Chklovski. Essa ruptura tornou-se ainda mais evidente em 1917, com o ensaio *Conclusões sobre a Teoria da Língua Poética*, também de Chklovski, no qual ele enfatiza a relação mutável entre a imagem e o significado que ela explica ao longo do tempo.

Nesse contexto, a distinção entre a linguagem poética e a linguagem cotidiana fundamentava-se na ideia de que a arte é concebida como um uso particular e específico da linguagem. Ademais, tornou-se essencial esclarecer que a forma artística não representa apenas um molde externo, mas constitui o núcleo da obra. Para isso, os formalistas buscaram demonstrar como determinados recursos artísticos intensificam a percepção da forma, transformando-a em uma experiência estética. Como Eikhenbaum ressalta:

A arte é compreendida como um meio de destruir o automatismo perceptivo, a imagem não procura nos facilitar a compreensão de seu sentido, mas criar uma percepção particular do objeto, busca a criação de sua visão e não de seu reconhecimento (Eikhenbaum, 1971, p. 15).

A análise formalista, voltada para os procedimentos de construção do enredo, visava distinguir claramente os elementos formais do material literário. Enquanto autores como Nekrassov e Dostoiévski ilustravam como a profundidade temática podia compensar uma suposta falta de refinamento formal, é importante lembrar que muitos conceitos formalistas, como a noção de “motivação”, foram moldados em meio a debates acalorados com outras escolas literárias, incluindo os simbolistas.

Após romperem com os simbolistas em virtude das divergências relacionadas à transparência entre forma e conteúdo, os formalistas perceberam que essa observação, por si só, não era suficiente para conduzir um trabalho analítico concreto. Por isso, a noção de motivação foi sendo desenvolvida ao longo do tempo, embora sua formulação tenha variado. Assim, o esforço dos formalistas consistia não apenas em expandir e examinar questões, mas também em diferenciá-las, buscando delimitar, de forma precisa, a prosa e o verso.

A principal diferenciação visava à linha de demarcação entre a prosa e o verso. Opondo-se aos simbolistas que, durante esta época, tentavam abolir, na teoria e na prática, a fronteira entre prosa e verso e se aplicavam na busca de um metro de prosa (Eikhenbaum, 1971, p. 23).

Embora os estudos métricos estivessem inicialmente associados aos simbolistas, os formalistas propuseram ampliar as investigações sobre a métrica do verso, transferindo o domínio do metro para a língua. Essa abordagem é ilustrada no artigo de B. Tomachevski, de 1923. Posteriormente, surgiram questões relacionadas ao léxico e à semântica poética. Contudo, esses aspectos foram pouco explorados na época, em grande parte devido à limitada conexão entre o método formal e a linguística, como observado nos estudos de Tynianov.

De acordo com Silva (2006), é nesse cenário que o formalismo literário encontra suas raízes. Enquanto a discussão literária, antes, acontecia predominantemente em salões aristocráticos, servindo como ferramenta de legitimação do poder da corte, o formalismo surge como uma resposta a essa tradição. Ele apresenta-se como uma abordagem teórica que busca analisar as obras literárias

desvinculadas de contextos históricos, biográficos ou sociopolíticos, concentrando-se exclusivamente nos elementos formais da narrativa.

No formalismo russo, o “modelo funcional” refere-se a uma abordagem crítica e metodológica voltada para o entendimento da literatura e demais textos culturais. Ele foca na análise das funções dos elementos narrativos e estilísticos dentro de uma obra, com o propósito de entender sua estrutura interna e seu efeito estético. Nesse sentido, o modelo funcional desenvolvido pelos formalistas russos frisa a relevância das funções narrativas como parâmetro para desvendar a organização interna das histórias, proporcionando uma compreensão mais abrangente da construção literária.

As funções desempenham um papel elementar como método avaliativo, permitindo uma análise sistemática e científica das narrativas. Ao priorizarem as funções em detrimento do conteúdo específico, os formalistas russos conseguiram desvelar as estruturas subjacentes que tornam as histórias eficazes e envolventes. A obra *Morfologia dos Contos Maravilhosos*, de Vladimir Propp, exemplifica esse modelo funcional ao revolucionar os estudos sobre narrativas folclóricas. Propp propôs que todos os contos de fadas podem ser analisados em uma série de funções narrativas padronizadas, o que possibilita a identificação de padrões universais e recorrentes que estruturam as histórias tradicionais.

Outro aspecto relevante do formalismo russo é o conceito de “desfamiliarização” (ou *ostranenie*), que propõe apresentar elementos comuns de maneira não familiar, renovando a percepção do leitor. A análise das funções narrativas permite compreender como os autores empregam essa técnica para criar efeitos estéticos únicos, desafiando as expectativas do público e promovendo uma experiência literária transformadora.

Dado isso, a aplicação das funções narrativas como método avaliativo promove uma apreciação mais esquadrihada da arte literária. Essa abordagem permite explorar como os aspectos técnicos e formais contribuem para o efeito estético e para a experiência do leitor. Ademais, as funções constituem uma ferramenta pedagógica eficaz no ensino da literatura, auxiliando estudantes na construção de uma visão estruturada e analítica dos textos, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades críticas essenciais.

Além do mais, o formalismo russo buscava, em seus estudos, uma análise voltada para o objeto literário em si, uma vez que se acreditava que a história literária

tradicional não contemplava a evolução literária. As abordagens predominantes da época estavam focadas em aspectos biográficos e psicológicos dos autores, relegando as obras a um papel secundário. Nesse contexto, Chklovski concluiu que o progresso da literatura não seguia uma linha uniforme, mas sim uma trajetória entrecortada, onde uma escola literária não deixava de existir com o surgimento de outras. Como o próprio teórico declarou:

Estudávamos a história literária na medida em que ela tem um caráter específico e nos limites no interior dos quais ela é autônoma e não depende diretamente das outras séries culturais. Em outras palavras, limitamos o número dos fatores considerados para não nos perdemos na quantidade de ligações e correspondências vagas, incapazes de explicar a evolução literária por si mesma. [...] Importa-nos descobrir na evolução os traços das leis históricas; por isso, deixamos de lado tudo o que, deste ponto de vista, aparecia como ocasional e não se relacionava com a história. Interessa-nos o processo mesmo da evolução, o dinamismo das formas literárias, na medida em que se pode observá-los a respeito dos fatos do passado (Eikhenbaum, 1971, p. 35).

Na busca por compreender as dinâmicas da criação literária, os formalistas dedicaram especial atenção à evolução dos gêneros literários. Para eles, a literatura não era um fenômeno estático, mas um sistema em constante transformação, no qual os gêneros se formavam, passavam por alterações e, eventualmente, eram substituídos ao longo do tempo. Essa perspectiva, discutida por autores como Eikhenbaum e Chklovski, demonstra como os formalistas valorizavam tanto a literatura de massa quanto a chamada literatura de “segunda ordem”, reconhecendo seu papel na renovação dos gêneros literários (Eikhenbaum, 1971, p. 35).

Nesse sentido, Medviédev (2012) aponta que o formalismo literário deve ser entendido como parte de um movimento mais amplo de emancipação e afirmação da classe média. Esse grupo buscava não apenas assegurar seu lugar na esfera política, mas também afirmar uma identidade cultural e intelectual. Ao deslocar o foco da análise para os elementos formais da obra, o formalismo refletia a crescente relevância da literatura como uma forma de expressão artística e como um meio para discutir questões fundamentais da condição humana.

Como Hohendahl (1982, p. 52) enfatiza:

(...) o moderno conceito de teoria literária está muito atrelado ao surgimento da esfera pública liberal e burguesa do início do século XVIII. A literatura servia ao movimento de emancipação da classe média como um instrumento para a obtenção de autoestima e para articular suas demandas humanas contra o Estado absolutista e a sociedade hierárquica. A discussão literária,

que previamente tinha servido como uma forma de legitimação da corte nos salões aristocráticos, tornou-se uma arena para a pavimentação do caminho para a discussão política na classe média. (Hohendahl, 1982, p. 52)

De acordo com Even-Zohar (2013), o formalismo literário surge como uma abordagem que busca desvendar as estruturas internas das obras, como a linguagem e os elementos narrativos, sem depender dos contextos históricos ou biográficos de seus autores. Essa metodologia, livre de subjetividades excessivas, concentra-se na análise dos elementos formais que estruturam as narrativas, destacando sua importância para a construção de significados.

Pilshchikov (2020), por sua vez, ressalta a crença fundamental do formalismo na autonomia da obra de arte. Essa abordagem considera a obra literária como um objeto regido por suas próprias leis internas e estruturas significativas. Em suas palavras:

(...) procura incluir as produções das duas associações, que juntas são vistas como uma comunidade heterogênea. Formalismo é entendido aqui como um campo teórico comum, criado pelos esforços intelectuais dos membros das duas associações tanto individual quanto coletivamente. A busca teórica de todos eles, era guiada pelo(s) mesmo(s) programa(s), embora tendessem a dar respostas diferentes às questões pelas quais estavam todos interessados.

Esse trecho evidencia que o formalismo foi construído como um campo teórico compartilhado por diferentes correntes, unificadas pelo interesse comum em investigar as leis que regem a literatura. Apesar das abordagens variadas, os membros dessas correntes convergiam em seu esforço de estabelecer métodos analíticos rigorosos e objetivos (Pilshchikov, 2020).

Segundo Durão (2016), o formalismo literário não emergiu apenas como uma tentativa de criar métodos analíticos, mas como um esforço decisivo para definir a literatura enquanto um objeto de estudo único. Medviédev (2012) complementa, destacando que os formalistas buscavam criar uma ciência literária autônoma, fundamentada nas propriedades específicas do material literário, diferenciando de outros tipos de expressão artística.

Silva (2006, p. 109) também aponta:

O Formalismo assenta-se na lógica e na filosofia e se caracteriza por uma orientação primariamente sintagmática. Por isso, suas gramáticas interpretam a língua como um conjunto de estruturas onde podem ser

firmadas, num segundo passo, relações regulares. Ancoradas nessa concepção, tendem a enfatizar os traços universais da língua, creditando à sintaxe a centralidade dos estudos linguísticos. Por extensão, organizam a língua em torno da frase. Ou seja, são gramáticas arbitrárias.

Para isso, a perspectiva de *especificação*⁹ da literatura, conforme argumenta Silva (2006), desempenhou um papel crucial nesse processo. Segundo a autora, ao delimitar os parâmetros específicos da literatura como disciplina autônoma, os formalistas abriram caminho para uma abordagem mais rigorosa e detalhada da análise literária. Essa iniciativa não apenas impulsionou o desenvolvimento da teoria da literatura, como também resgatou e reinterpreto o antigo conceito aristotélico de “poética”, agora revivido como sinônimo da nova disciplina em ascensão.

Por conseguinte, o formalismo literário, ao buscar estabelecer os limites da literatura como uma disciplina autônoma, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da teoria literária. Essa abordagem resgatou o conceito aristotélico de “poética”, reinterpretando-o como sinônimo da nova disciplina emergente. Como parte desse movimento de emancipação cultural, o formalismo continua a destacar a relevância da literatura como modo de expressão artística e meio de articulação para as questões centrais da experiência humana. Além disso, está conectado a uma tradição teórica mais ampla, que inclui o estruturalismo (Pedrozo, 2019).

1.2 INTRODUÇÃO À TEORIA ESTRUTURAL

O estruturalismo busca compreender as regras que organizam as estruturas subjacentes, como a linguagem. Segundo Eagleton (2006), o significado de cada elemento depende de sua relação com os demais dentro de uma estrutura. Embora a ideia de estruturas subjacentes às línguas tenha surgido na Grécia Antiga, foi no século XX que o estruturalismo se consolidou como método de análise. Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística, contribuiu significativamente ao propor que a língua é um sistema de signos inter-relacionados, onde o significado de cada palavra é determinado por sua posição dentro desse sistema.

Embora a noção de estrutura tenha sido discutida desde a Antiguidade, foi radicalmente transformada por Saussure. Ele introduziu o conceito de análise

⁹ Parâmetros linguísticos que funcionam como uma espécie de “lupa” para a análise de divergências entre o Formalismo e o Funcionalismo. Ao estabelecer esses critérios, Silva (2006) busca evidenciar uma relação de confronto entre as duas perspectivas teóricas.

sincrônica da língua, que foca no estudo da linguagem em um determinado momento, em oposição com a abordagem diacrônica, que explora sua evolução temporal. Essa perspectiva permitiu que Saussure e seus seguidores desvendassem as leis que regem a organização interna da língua. Esse enfoque na sincronia foi decisivo para o desenvolvimento do estruturalismo, que visa identificar as estruturas profundas dos fenômenos linguísticos (Borges Neto apud Pedrosa, 2007, p. 87).

Como há muitas exposições popularizadoras do Curso de linguística geral (1916), de Saussure - obra esta que marcou época -, vou apenas delinear algumas de suas posições centrais. Saussure via a linguagem como um sistema de signos, que devia ser estudado "sincronicamente" - isto é, estudado como um sistema completo num determinado momento do tempo - e não "diacronicamente", ou seja, em seu desenvolvimento histórico. Todo signo devia ser visto como formado por um "significante" (um som-imagem ou seu equivalente gráfico) e um "significado" (Eagleton, 1985, p. 145).

Saussure via a linguagem como um sistema de signos, construído por um significante (o som-imagem ou equivalente gráfico) e um significado (a ideia ou conceito associado ao significante). Esse modelo marcou época e inspirou avanços em diversas áreas do conhecimento. Para Saussure, as modificações do significante eram relevantes apenas se preservassem sua diferença em relação a outros signos (Eagleton, 2006, p. 158). Essa nova compreensão de "estrutura" foi crucial para o avanço de áreas como antropologia, sociologia e literatura.

A escola linguística de Praga é considerada um ponto de transição entre o formalismo e o estruturalismo moderno. Pensadores como Roman Jakobson, Jan Mukarovsky e Felix Vodika, entre outros, desempenharam um papel fundamental ao sintetizar e expandir os princípios da linguística saussuriana. Esse grupo, conhecido como o Círculo de Praga, permaneceu ativo até o final da Segunda Guerra Mundial, quando a situação política na Tchecoslováquia levou à sua dissolução. Jakobson, então, emigrou para os Estados Unidos, onde entrou em contato com o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss. Dessa troca intelectual emergiu, em grande medida, o estruturalismo como uma abordagem consolidada (Ceia).

Eagleton (2006) destaca que os poemas, segundo os estruturalistas, devem ser vistos como "estruturas funcionais", regidas por um conjunto de relações complexas e únicas. Essa perspectiva foi fortemente influenciada pelas contribuições da escola de Praga, que aproximou o conceito de "estruturalismo" da noção de "semiótica". Como Eagleton explica:

Com a obra da escola de Praga, a palavra “estruturalismo” aproxima-se de uma fusão com a palavra “semiótica”. Semiótica, ou “semiologia”, significa o estudo sistemático dos signos, e era isso que os estruturalistas literários estavam realmente fazendo. A própria palavra “estruturalismo” indica um método de investigação, que pode ser aplicado a toda uma gama de objetos, desde jogos de futebol até meios econômicos de produção; “semiótica” indica um campo particular de estudo, o dos sistemas que normalmente seriam considerados como signos: poemas, canto dos pássaros, sinais de trânsito, sintomas medicinais e assim por diante. (Eagleton, 2006, p. 151).

Eagleton ainda observa que esses dois campos coincidem parcialmente. Enquanto o estruturalismo analisa fenômenos não tradicionalmente vistos como sistemas de signos, como as relações de parentesco em sociedades tribais, a semiótica frequentemente adota os métodos do estruturalismo em seus estudos (Eagleton, 2006, p. 151).

Vinte anos após as contribuições de Saussure, o estruturalismo literário ganhou destaque como uma abordagem que buscava aplicar seus métodos à análise das narrativas. No âmbito da literatura, os estruturalistas concentraram-se na identificação de padrões e estruturas recorrentes, utilizando a indução como ponto de partida. Esse processo envolve a observação detalhada de eventos e dados específicos para alcançar uma dedução analítica, revelando princípios, regras ou estruturas subjacentes que organizam esses fenômenos de maneira sistemática.

Roland Barthes (1976), por exemplo, explorou a “língua” comum por trás das diversas “linguagens”, enfatizando as estruturas complexas e as relações entre os elementos, em detrimento dos fenômenos superficiais.

Que dizer então da análise narrativa, colocada diante de milhões de narrativas? Ela está por força condenada a um procedimento dedutivo; está obrigada a conceber inicialmente um modelo hipotético de descrição [...] e a descer em seguida pouco a pouco, a partir desse modelo, em direção às espécies que, ao mesmo tempo, participam e se afastam dele. (Barthes, 1976, p. 21)

A relação entre linguagem e narrativa constitui uma área de análise complexa e interessante, especialmente à luz das reflexões estruturalistas. Roland Barthes (1976) ressalta que a narrativa não pode ser simplesmente reduzida a uma sequência de frases, mas sim compreendida como uma extensão da própria estrutura frasal. Dessa forma, a narrativa pode ser entendida como uma “grande frase”, na qual os elementos da linguagem, como tempos verbais, aspectos, modos e pessoas,

desempenham papéis essenciais na construção e evolução das histórias. Conforme Barthes observa:

A língua geral da narrativa não é evidentemente mais que um dos idiomas oferecidos à linguística do discurso, e ela se submete em consequência à hipótese homológica: estruturalmente, a narrativa participa da frase, sem jamais ser reduzida a uma soma de frases: a narrativa é uma grande frase, como toda frase constativa, é de uma certa maneira, o esboço de uma pequena narrativa. Se bem que elas disponham aí de significantes originais (frequentemente muito complexos), encontram-se com efeito na narrativa, aumentados e transformados à sua medida, as principais categorias do verbo: os tempos, os aspectos, os modos, as pessoas; além disso, os próprios 'sujeitos' opostos aos predicados verbais não deixam de se submeter ao modelo frásico: a tipologia actancial proposta por A. J. Greimas reencontra na multiplicidade dos personagens da narrativa as funções elementares da análise gramatical. A homologia que se sugere aqui não tem apenas um valor heurístico: implica numa identidade entre a linguagem e a literatura (enquanto esta for uma espécie de veículo privilegiado da narrativa): não é mais possível conceber a literatura como uma arte que se desinteressa de toda relação com a linguagem, já que a usa como um instrumento para exprimir a ideia, a paixão ou a beleza: a linguagem não cessa de acompanhar o discurso estendendo-lhe o espelho de sua própria estrutura. (Barthes, 1976, p. 24)

Apesar de sua influência significativa na análise literária, Jakobson (1971) ressalta que o método formalista não era um sistema uniforme aceito por todos os estudiosos. Divergências surgiram entre os teóricos, levando alguns a propor abordagens alternativas para realizar uma análise objetiva das obras literárias.

Nesse sentido, Todorov (1979, p. 28) observa:

O grande mérito dos estudos formalistas é a profundidade e a finura de suas análises concretas, mas suas conclusões teóricas são muitas vezes mal fundadas e contraditórias. [...] os formalistas sempre tiveram consciência dessa lacuna, [não cessando de] repetir que sua doutrina está em constante elaboração. (Todorov, 1979, p. 28).

O método formalista se afastou do estudo tradicional, que enfatizava o estilo e a figura do autor, bem como a interpretação subjetiva do leitor. Em vez disso, priorizou uma análise imanente da obra literária, concentrando-se em seu caráter artístico e materialidade linguística intrínseca, ignorando influências externas. Essa abordagem buscava fornecer um suporte teórico sólido para realçar a singularidade e a autonomia da obra no contexto de seu próprio texto.

De acordo com Jauss (1994, p. 18):

A teoria do método formalista alçou novamente a literatura à condição de um objeto autônomo de investigação, na medida em que desvinculou a obra literária de todas as condicionantes históricas e, à maneira da nova linguística estrutural, definindo em termos puramente funcionais a sua realização específica como a soma de todos os procedimentos artísticos nela empregados. (Jauss, 1994, p. 18).

Já o estruturalismo, ao contrário de uma visão estática e homogeneizante, enfatizou a busca por mecanismos dinâmicos que governam as transformações culturais e sociais. Essa abordagem destacou a importância de identificar diferenças em vez de meras semelhanças superficiais, abrindo novas perspectivas para o estudo das relações humanas.

Como observa Merquior (1997, p. 60):

Ao invés de arrolar traços comuns sempre iguais e desinteressantes, a antropologia estrutural propôs-se procurar os mecanismos fascinantes de suas transformações. Uma busca da identidade pela descoberta das diferenças – eis o caminho que o estruturalismo abriu para a ciência do homem. (Merquior, 1997, p. 60).

Pedrozo (2019) afirma que o formalismo literário e o estruturalismo, embora distintos, se complementam ao oferecer perspectivas diferentes para a compreensão e interpretação das obras literárias. Enquanto o formalismo enfatiza os aspectos formais e internos da narrativa, o estruturalismo expande essa análise, incluindo o contexto mais amplo em que as obras são produzidas e recebidas.

Dessa forma, ambos os movimentos defendem a ideia de que a obra literária é um sistema autônomo, no qual a análise deve se concentrar no texto em si. O formalismo introduziu métodos analíticos que foram posteriormente aprimorados pelos estruturalistas, como a análise em traços distintivos. Assim, o formalismo lançou as bases para o desenvolvimento do estruturalismo, contribuindo para uma abordagem mais sistemática e rigorosa da literatura e da linguagem (Todorov, 1979).

Além disso, a relação entre literatura e ciência frequentemente provoca intensos debates. É justamente nesse ponto que surgem oportunidades de ampliar a discussão sobre a natureza e os limites da análise estrutural, confrontando as expectativas e resistências que essa metodologia desperta nos estudos literários. Para os teóricos Todorov e Barthes, o estruturalismo oferece uma abordagem consistente para desvendar as estruturas subjacentes às narrativas. Apesar de

algumas particularidades em seus métodos, ambos convergem na ideia de que a narrativa é uma construção complexa e organizada.

Todorov dedicou-se a investigar as estruturas presentes nas narrativas, buscando identificar os elementos fundamentais que permeiam todas elas. Ele elaborou um repertório que inclui intrigas, funções e visões, com o objetivo de criar uma gramática da narrativa, ou seja, uma classificação e sistematização das estruturas narrativas. Todorov (2006, p. 12) caracteriza esse esforço como um trabalho de “esclarecimento”, mais alinhado à técnica do que à ciência. Como ele próprio observa:

A análise estrutural terá sempre um caráter essencialmente teórico e não descritivo; por outras palavras, o objetivo de tal estudo nunca será a descrição de uma obra concreta. A obra será sempre considerada como a manifestação de uma estrutura abstrata, da qual ela é apenas uma das realizações possíveis; o conhecimento dessa estrutura será o verdadeiro objetivo da análise estrutural. O termo “estrutura” tem, pois, aqui um sentido lógico, não espacial Todorov (2006, p. 79).

Outrossim, ao focar na teoria da estrutura e no funcionamento do discurso literário, a análise estrutural propõe um quadro amplo dos possíveis literários, considerando as obras existentes como manifestações particulares de um sistema mais amplo. De acordo com Todorov (2006, p. 80), esse processo envolve um movimento contínuo de ida e volta entre as propriedades literárias abstratas e as obras individuais, em uma interação constante.

Assim, embora a análise estrutural enfatize sua natureza interna, ela não ignora as conexões da literatura com outros campos, como a filosofia e a sociologia. Contudo, a prioridade recai sobre a compreensão da literatura em sua singularidade, como um sistema autônomo de signos e estruturas, antes de estabelecer relações externas. Essa abordagem, influenciada pela ideia contemporânea de cientificidade, posiciona a análise estrutural como precursora de uma futura ciência da literatura.

Conforme Barthes (2011, p. 19) identifica, a narrativa demonstra uma diversidade que abrange diferentes formas de expressão. Seja por meio da palavra falada ou escrita, da imagem estática ou em movimento, do gesto ou da combinação harmônica desses elementos, a narrativa assume múltiplas manifestações. Desde os mitos ancestrais até as histórias em quadrinhos modernas, passando por pinturas, filmes e conversas cotidianas, a narrativa permeia todas as esferas da vida humana.

Sua adaptabilidade e reinvenção contínua reforçam sua presença essencial na experiência humana. Barthes também observa que:

Não se pode duvidar de que a narrativa seja uma hierarquia de instâncias. Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios”, projetar os encadeamentos, horizontais do “fio” narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro (Barthes, 2011, p. 27).

Ao explorar diferentes gêneros narrativos, como a narrativa policial e os contos fantásticos, Todorov (2006) demonstra que, embora as estruturas narrativas variem, elas obedecem a princípios gerais. Para ele, a crítica literária apresenta uma dualidade essencial: escreve-se ou sobre a literatura como um todo ou sobre obras específicas. Todorov alerta que a classificação de textos em gêneros, apesar de útil para organização e estudo, pode obscurecer a individualidade de cada obra. Essa prática, ao impor padrões pré-estabelecidos, limita a apreciação da originalidade e da inovação literária.

Como Todorov (2006, p. 93) aponta:

Escreve-se ou sobre a literatura em geral ou sobre uma obra; e existe uma convenção tácita segundo a qual enquadrar várias obras num gênero é desvalorizá-las. Essa atitude tem uma boa explicação histórica: a reflexão literária da época clássica, que tratava mais dos gêneros do que das obras, manifestava também uma lamentável tendência: a obra era considerada má se não obedecia suficientemente às regras do gênero (Todorov, 2006, p. 93).

Para Todorov (1976), a ciência literária deveria se ramificar em duas direções principais: o estudo do discurso e a investigação histórica. Ambas convergem para compreender a essência singular do fenômeno literário, ou seja, a *literariedade*. Barthes (1976), por sua vez, apresentou uma abordagem crítica mais ampla e interativa, não se limitando à análise da superfície textual. Ele procurou revelar as estruturas subjacentes das obras literárias, reintegrando elementos essenciais para uma crítica mais abrangente, como propunha o estruturalismo. Essa abordagem incluiu a análise contextual e cronológica das obras, bem como a revalorização do papel do leitor na interpretação do texto literário.

A delimitação dos gêneros dentro da narrativa curta, como o conto maravilhoso, representa um desafio constante para críticos e estudiosos. A literatura acadêmica sobre esse gênero é limitada, e as obras analisadas tendem a ser pouco numerosas

e de menor popularidade. Consequentemente, os estudos disponíveis frequentemente carecem de abrangência, favorecendo abordagens filosóficas em detrimento de análises rigorosas baseadas em dados empíricos. A escassez de um corpus textual consolidado e a ausência de uma metodologia científica mais precisa dificultam a construção de um conhecimento sistemático sobre o conto maravilhoso. Segundo Sperânski, citado por Propp (1984), essa falta de material de pesquisa é uma das principais razões para essa lacuna nos estudos acadêmicos.

A obra *Morfologia do Conto Maravilhoso*, de Vladimir Propp, alinhou-se aos objetivos dos formalistas russos ao buscar identificar as estruturas fundamentais e recorrentes nos contos de fadas. Ao decompor essas narrativas em suas funções elementares, Propp contribuiu para um avanço significativo na compreensão da literariedade. Assim como Chklovski, ele focou em isolar o objeto literário das influências externas, concentrando sua análise nas leis internas que regem as narrativas maravilhosas.

A categorização dos gêneros narrativos, como conto, fábula, conto folclórico e conto de fadas, é fundamentada em suas características estruturais distintivas. A diferenciação desses gêneros exige uma análise de suas origens históricas, processos evolutivos e as perspectivas apresentadas por diversos teóricos formalistas. Ao explorar as definições propostas por esses estudiosos, torna-se possível identificar as singularidades que caracterizam cada gênero, bem como as fronteiras que os separam.

Ao analisar as diferentes versões dos textos dos formalistas russos, bem como as edições do trabalho de Propp (1984 e 2001), é possível observar uma variação significativa na terminologia utilizada para definir fábulas, contos fantásticos e maravilhosos. Essa diversidade de termos reflete tanto a dinâmica inerente ao pensamento formalista quanto as nuances que emergem durante o desenvolvimento de suas concepções teóricas. Neste estudo, para manter a clareza e a objetividade, opta-se por apresentar os conceitos de forma direta e consistente, evitando debates extensos sobre as variações terminológicas encontradas em diversas fontes.

Para Propp (1984), a principal barreira ao avanço nos estudos sobre os contos maravilhosos está nos métodos utilizados para analisá-los. O material heterogêneo que compõe esses contos contribui para a dificuldade em alcançar precisão e clareza

na resolução dos problemas relacionados ao tema. Conforme destaca o autor, essa multiplicidade e variação de estilos tornam o processo investigativo desafiador.

A busca por uma taxonomia precisa para os contos é uma prática antiga; no entanto, a fluidez e a subjetividade desse gênero literário tornam essa tarefa particularmente complexa. A extensa variedade de estilos, temas e técnicas narrativas dificulta a definição de padrões objetivos que possam sustentar uma categorização definitiva. Isso leva a questões importantes: Quais critérios delimitam as fronteiras entre um conto de terror, um conto de fadas e um conto realista? Como categorizar obras que mesclam elementos de diferentes subgêneros?

Segundo Propp (1984, p. 15):

Todo pesquisador, ao declarar que faz a classificação segundo um esquema proposto, está na realidade procedendo de outra forma. Mas justamente ao contradizer-se é que ele procede corretamente. Sendo assim, se a divisão está baseada inconscientemente na construção do conto, construção esta que ainda não foi estudada e nem sequer definida, a classificação do conto maravilhoso deve ser assentada em outras bases. É preciso transformá-la num sistema de indícios formais, estruturais, como acontece nas demais ciências (Propp, 1984, p. 15).

Tomashevski (2013), em seu texto *Temática* (1925), define fábula como o conjunto de eventos interligados que nos são comunicados ao longo da obra. Esses acontecimentos podem ser apresentados de maneira prática, seguindo a ordem cronológica e causal das situações descritas. O teórico em questão argumenta que:

Podemos caracterizar o desenvolvimento da fábula como a passagem de uma situação a outra, sendo cada situação caracterizada pelo conflito dos interesses pela luta em que os personagens. O desenvolvimento dialético da fábula é análogo ao desenvolvimento do processo social e histórico, que apresenta a cada nova etapa histórica como resultado do conflito das classes sociais na etapa anterior e, ao mesmo tempo, como o campo em que se chocam os interesses dos grupos sociais que constituem o regime social do momento (Tomashevski, 2013, p. 316-317).

Conforme Salvatore D'Onofrio (2007, p. 92) assinala, o conto popular constitui a “forma mais universal de transmissão da cultura de um povo”. Nesses contos, valores como verdade, justiça, bondade e amor entrelaçam-se em narrativas que confrontam o bem e o mal, culminando sempre na vitória do primeiro.

Embora Propp não tenha distinguido claramente entre conto maravilhoso e conto popular em suas obras, é possível identificar, em seus estudos sobre As

Transformações dos Contos Fantásticos e A Morfologia do Conto Maravilhoso, conceitos alinhados à definição de conto popular apresentada por Salvatore. A ênfase de Propp (1971) na estrutura narrativa permite compreender as características que diferenciam o conto maravilhoso de outros gêneros, destacando seu caráter de distanciamento da realidade.

Segundo Todorov (2006, p. 60): “Os contos de fadas e a ficção científica são algumas das variedades do maravilhoso; mas eles já nos levam longe do fantástico.” Os contos maravilhosos são marcados pela presença de elementos sobrenaturais e fantásticos, localizados em tempos e lugares indeterminados. Apesar de serem adaptados por diferentes autores, essas narrativas mantêm uma essência constante ao longo do tempo. Para Todorov, o maravilhoso vai além dos contos de fadas, abrangendo uma gama de narrativas voltadas a diversos públicos.

Ressalta-se que o estruturalismo desempenhou um papel fundamental na formulação da visão de Vladimir Propp sobre os contos de fadas, consolidando-se como abordagem que influenciou diretamente seus métodos de análise. Embora seu trabalho tenha precedido o movimento estruturalista mais formal, Propp é amplamente reconhecido como um precursor dessa corrente devido à sua contribuição inovadora para o estudo das narrativas.

Uma de suas contribuições mais significativas foi a decomposição dos contos de fadas em unidades básicas de ação, denominadas “funções”. Propp identificou 31 funções recorrentes nos contos de fadas russos, organizando-as em uma sequência fixa. Essa abordagem, alinhada aos princípios estruturalistas, permitiu uma análise sistemática e objetiva, revelando as estruturas subjacentes das histórias.

Além disso, Propp explorou a universalidade das estruturas narrativas, um princípio central no estruturalismo. Ele argumentava que as narrativas, independentemente de conteúdo ou personagens, seguem padrões estruturais comuns. Essa perspectiva destaca que existem elementos universais e recorrentes que conectam narrativas de diferentes culturas por meio de estruturas compartilhadas.

Outro aspecto notável da influência estruturalista no trabalho de Propp foi o foco nas relações e funções narrativas. O estruturalismo prioriza as funções dentro de um sistema, e Propp aplicou essa abordagem aos contos de fadas, evidenciando que os papéis desempenhados pelos personagens e eventos têm mais relevância do que

suas características individuais. Esse deslocamento analítico assegurou um discernimento mais amplo das estruturas narrativas.

Em conclusão, a aplicação de um método rigoroso e científico por Propp, ao tratar os contos de fadas como sistemas complexos regidos por padrões internos, está alinhada aos fundamentos do estruturalismo. Sua abordagem funcional influenciou diretamente teóricos posteriores, como Claude Lévi-Strauss, que adaptou conceitos semelhantes ao estudo dos mitos. A contribuição de Propp consolidou-se como marco na transição entre as análises formalistas e estruturalistas, evoluindo os estudos narrativos.

1.2.1 Propp x Strauss: Vladimir Propp observado pelas lentes da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss

Os conflitos teóricos entre Vladimir Propp e Claude Lévi-Strauss destacam perspectivas distintas na análise das narrativas, cada qual com um foco específico na estrutura e no significado. Propp concentra-se na morfologia dos contos de fadas, identificando funções narrativas fixas e papéis bem definidos para os personagens. Por outro lado, Lévi-Strauss adota uma abordagem estruturalista, enfatizando as relações binárias e os mitos como representações das estruturas mentais humanas. Essas diferenças são ilustradas quando Lévi-Strauss reflete sobre a distinção entre formalismo e estruturalismo, afirmando:

Os adeptos da análise estrutural em linguística e em antropologia são frequentemente acusados de formalismo. Isto é esquecer que o formalismo existe como uma doutrina independente, da qual, sem negar o que lhe deve, o estruturalismo se separa em virtude das atitudes muito diferentes que as duas escolas adotam em relação ao concreto. Ao inverso do formalismo, o estruturalismo recusa opor o concreto ao abstrato, e não reconhece no segundo um valor privilegiado. A forma se define por oposição a uma matéria que lhe é estranha; mas a estrutura não tem conteúdo distinto: ela é o próprio conteúdo, apreendido numa organização lógica concebida como propriedade do real (Strauss, 2001, p. 113).

Na obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984), Propp apresentou uma abordagem funcionalista voltada para a identificação de funções narrativas repetitivas em várias histórias. Seu interesse residia na forma como essas funções se estruturavam de maneira lógica e previsível, desconsiderando os conteúdos específicos das narrativas. Sua metodologia priorizou a estrutura interna dos contos,

explorando os papéis dos personagens e as ações que impulsionam o enredo, resultando em uma análise descritiva e concentrada no desenvolvimento do enredo.

Por outro lado, Claude Lévi-Strauss criticou a abordagem de Propp, classificando-a como formalista e incompatível com os princípios fundamentais do estruturalismo. Em seu texto *Reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp* (1960), Lévi-Strauss observou que, apesar de Propp ter iniciado suas investigações buscando estruturas universais por meio de uma análise morfológica, ele acabou direcionando suas pesquisas para abordagens genealógicas e comparativas, explorando as origens e transformações das narrativas ao longo do tempo.

Para Lévi-Strauss, a “morfolgia” só sabe lidar com os dados invariáveis, uma vez que ela se torna método eficaz ao ignorar o conteúdo histórico dos contos analisados. A morfolgia, em outras palavras, seria um método que se afastaria do concreto, enquanto o estruturalismo, por sua recusa em separar forma e conteúdo, propunha um retorno ao concreto. Lévi-Strauss ainda diz que Propp teria escolhido como ponto de partida um material narrativo inadequado, ao restringir-se aos contos maravilhosos russos (Bernardini, 2000, p. 32).

Assim, para Lévi-Strauss (2001), Propp oscilava entre uma visão formalista e sua inclinação por explicações históricas. Essa antinomia se tornava problemática, pois, embora os contos incluam aspectos históricos, esses são muitas vezes inacessíveis devido à escassez de informações sobre as civilizações ante-históricas em que as narrativas se originaram. Como Lévi-Strauss observa:

A dimensão histórica aparece antes como uma modalidade negativa, resultando da defasagem entre o conto presente e um contexto etnográfico ausente. A oposição se resolve quando se considera uma tradição oral ainda “em situação”, semelhante às que são objeto da etnografia. Aí, o problema da história não se apresenta ou se apresenta apenas excepcionalmente, uma vez que as referências externas, indispensáveis à interpretação da tradição oral, são atuais tanto quanto esta (Strauss, 2001, p. 119).

As controvérsias entre Vladimir Propp e Claude Lévi-Strauss começam com as reflexões do antropólogo sobre a obra fundamental de Propp. Em suas pesquisas sobre mitologia, Lévi-Strauss adota uma abordagem estruturalista que enfatiza a busca por significados universais e inconscientes nas narrativas. Ele acredita que as narrativas não devem ser avaliadas apenas por suas estruturas aparentes, mas também pelo que revelam sobre a mente humana e as interações sociais.

O campo de interesse de Lévi-Strauss estava voltado para o “pensamento mítico”, um raciocínio lógico subjacente aos arquétipos, que, segundo ele, poderia ser elaborado pela “morfologia” ao analisar os mitos (Bernardini, 2000, p. 32). O antropólogo argumenta ainda que, caso o modelo de Propp ultrapassasse a generalidade, o próprio autor russo deveria ter reconhecido esse alcance. Segundo Lévi-Strauss:

Propp é, pois, vítima de uma ilusão subjetiva. Ele não está dividido, como crê, entre as exigências da sincronia e as da diacronia: não é o passado que lhe falta, é o contexto. A dicotomia formalista, que opõe forma e conteúdo, e que os define por caracteres antitéticos, não lhe foi imposta pela natureza das coisas, mas pela escolha acidental que fez de um domínio onde somente a forma sobrevive, enquanto que o conteúdo é abolido. Constrangido, ele se resigna a dissociá-los. E, nos momentos mais decisivos de sua análise, raciocina como se o que lhe escapa de fato lhe escapasse também de direito (Strauss, 2001, p. 119)

Na análise de Lévi-Strauss, o conteúdo simbólico e as relações de oposição binária entre os elementos narrativos são mais relevantes do que a sequência linear das ações, o que representa uma diferença fundamental em relação à abordagem de Propp. Para Lévi-Strauss, a tentativa de Propp de identificar uma estrutura narrativa universal, embora inovadora, simplifica excessivamente a complexidade dos contos de fadas. Ao priorizar as funções narrativas e as sequências de ações, Propp, segundo o antropólogo estruturalista, negligencia as dimensões simbólicas e culturais intrínsecas a cada narrativa.

A redução a um “conto único” proposta por Vladimir Propp, na perspectiva de Claude Lévi-Strauss, obscurece as complexas raízes míticas e as transformações evolutivas que moldam as narrativas populares. Para Lévi-Strauss, a estrutura narrativa não é apenas um esqueleto organizacional, mas um sistema de relações simbólicas que reflete e se inscreve em uma cultura específica. Dessa forma, a busca por uma estrutura universal corre o risco de homogeneizar e descontextualizar as narrativas, apagando as marcas culturais únicas que definem cada tradição.

Propp sentiu o problema, e a última parte de seu trabalho consiste numa tentativa, tão frágil quanto engenhosa, para reintroduzir um princípio de classificação: há um conto único, mas este conto é um arquiconto, formado por quatro grupos de funções, logicamente articulados. Se os chamarmos 1, 2, 3, 4, os contos concretos se dividirem em quatro categorias, segundo utilizem concorrentemente os quatro grupos; ou três grupos, que podem ser apenas

(em razão de sua articulação lógica): 1, 2, 4 ou: 1, 3, 4; ou dois, que devem ser então: 1, 4, (cf. acima, p. 132) (Strauss, 2001, p. 120).

Além disso, Claude Lévi-Strauss, em suas análises da obra de Propp, destacou dificuldades para compreender plenamente as ideias do formalista russo, muitas vezes agravadas pelos desafios da tradução e pela complexidade do texto original. Segundo Strauss, a tradução para o inglês não capturou integralmente a riqueza e os detalhes do pensamento de Propp, dificultando a disseminação de suas ideias. Problemas como erros de impressão e a estrutura intrincada da obra original também contribuíram para essa dificuldade (Strauss, 2001, p. 112).

Em seu texto, Lévi-Strauss aponta para dois equívocos fundamentais do formalismo ao tratar sistemas linguísticos, especialmente os presentes na tradição oral. O primeiro erro reside na ideia de que a sintaxe, ou seja, as regras que governam a combinação das palavras, seria suficiente para compreender integralmente uma língua. Essa visão simplista ignora que o vocabulário e seus significados não podem ser reduzidos apenas às regras gramaticais. A linguagem, segundo Lévi-Strauss, é um sistema complexo que exige análise tanto da forma (sintaxe) quanto do conteúdo (semântica).

O segundo equívoco do formalismo está em tratar a tradição oral como um sistema linguístico equivalente à linguagem escrita. A oralidade possui características únicas, como improvisação, repetição e variação, que a diferenciam seriamente da escrita. Aplicar métodos analíticos estruturais da escrita à oralidade desconsidera sua dimensão cultural e performativa. Ao contrário da linguagem escrita, a linguagem oral é dinâmica e se transforma continuamente em contextos diferentes.

Nos mitos e nos contos dos índios da América do Norte e do Sul, as mesmas ações são atribuídas, de acordo com as narrativas, a diferentes animais. Consideremos, para simplificar, os pássaros: águia, coruja, corvo. Distinguiremos, como Propp, a função constante e os personagens variáveis? Não, pois cada personagem não é apresentado sob a forma de um elemento opaco, diante do qual a análise estrutural deve deter-se a dizer “não irás além”. Sem dúvida, poder-se-ia acreditar o contrário quando - à maneira de Propp - se trata a narrativa como um sistema fechado. Ela não contém efetivamente, informações sobre si mesma, e o personagem aí é comparável a uma palavra encontrada num documento, mas não dicionarizada, ou ainda, a um nome próprio, isto é, um termo desprovido de contexto (Strauss, 2001, p. 121).

A crítica central ao formalismo, apresentada no texto, é que, ao focar exclusivamente na estrutura formal da linguagem, ele ignora a complexidade e a diversidade dos sistemas linguísticos. A linguagem não é apenas um conjunto de regras, mas também um fenômeno cultural e social, manifestando-se de maneiras variadas e adaptadas aos contextos históricos. Assim, a análise da linguagem demanda uma abordagem interdisciplinar, que combine aspectos da linguística, da antropologia e da história. Como aponta Strauss:

Transposição desta situação para a tradição oral explica a distinção que Propp faz entre um único nível morfológico verdadeiro o das funções, e um nível morfológico onde se acumulam personagens, atributos, motivações, ligações; somente este último como se acredita do vocabulário passível da investigação histórica e da crítica literária (Strauss, 2001, p. 125).

Em última análise, os conflitos entre Propp e Lévi-Strauss refletem a tensão entre descrever “como” as narrativas se estruturam (Propp) e compreender “por que” elas existem e têm relevância (Lévi-Strauss). Propp criticava a metodologia de Lévi-Strauss por ser excessivamente interpretativa e desvinculada das estruturas narrativas concretas. Por outro lado, Lévi-Strauss considerava o método de Propp restrito, argumentando que ele se concentrava apenas na superfície das narrativas, sem explorar seus significados mais profundos.

Apesar dessas diferenças, as contribuições de ambos podem ser vistas como complementares. Enquanto Propp fornece instrumentos valiosos para a análise estruturalista das narrativas, Lévi-Strauss propõe interpretações simbólicas e antropológicas que ampliam o entendimento das histórias.

Nesse sentido, ao examinar Vladimir Propp sob a perspectiva da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, torna-se clara a distinção entre formalismo e estruturalismo. Strauss critica Propp por sua abordagem formalista, que, segundo ele, diverge dos fundamentos do estruturalismo ao separar forma e conteúdo. Ainda assim, a análise estruturalista ressalta a importância de uma organização lógica, integrando o concreto e o abstrato como características intrínsecas do real.

Essas críticas e comparações entre as metodologias de Propp e Lévi-Strauss evidenciam a complexidade das análises narrativas, oferecendo perspectivas diversas sobre a estrutura dos contos de fadas. Além disso, mostram como essas abordagens são fundamentais para compreender as transformações socioculturais que moldam as narrativas e seu impacto na cultura.

1.3 A MORFOLOGIA DE PROPP: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

Na primavera de São Petersburgo (Rússia), nasceu Vladimir Propp, um dos mais proeminentes teóricos e formalistas russos. Ele se dedicou à análise estrutural dos contos de fadas, buscando identificar os elementos narrativos fundamentais e as regras que regem sua organização. Ao examinar cerca de cem contos clássicos, Propp lançou as bases do que viria a ser a *Narratologia*,¹⁰ ao desvendar os mecanismos subjacentes que permitem a transmissão dessas histórias de geração em geração, preservando sua essência atemporal.

No estudo da linguística, a morfologia analisa as unidades mínimas de significado de uma língua, os morfemas, e como eles se combinam para formar palavras. Essa abordagem, semelhante à segmentação e classificação dos fonemas na estrutura fonológica, encontra paralelos nos princípios fundamentais da Morfologia de Propp.

Antes de explorar a morfologia proppiana, é importante destacar que os contos de fadas têm suas raízes nas tradições orais de sociedades antigas, onde eram transmitidos de geração em geração como forma de entretenimento e instrução moral. Nesse contexto, Vladimir Propp desenvolveu sua teoria da morfologia dos contos de fadas, concentrando-se nas narrativas folclóricas russas.

As narrativas folclóricas russas, por sua vez, são histórias tradicionais transmitidas oralmente ao longo dos séculos, desempenhando um papel essencial na cultura e identidade do povo russo. Essas histórias refletem crenças, valores e costumes, sendo frequentemente caracterizadas por temas universais, como a luta

¹⁰ O termo *Narratologia* surge no final dos anos 60 por meio da Gramática do Decameron e da Análise Estrutural da Narrativa de Tzvetan Todorov, uma vez que o teórico buscava distinguir esse campo inserido nos estudos literários. Para fortalecer os estudos das narrativas de ficção e não ficção, os teóricos Gérard Genette, Roland Barthes, Lévi-Strauss, Vladimir Propp e A.J. Greimas contribuíram essencialmente para o avanço e entendimento das narrativas ao propiciar um novo olhar para a análise de textos literários.

entre o bem e o mal e a jornada do herói. Apresentam personagens arquetípicos, como heróis corajosos, vilões cruéis, bruxas e animais falantes, além de elementos mágicos e sobrenaturais que adicionam uma dose de fantasia às tramas.

Geralmente ambientadas em vilarejos rurais, florestas e paisagens naturais, essas narrativas seguem uma estrutura clara, com começo, meio e fim bem definidos. O herói enfrenta uma série de provas e desafios antes de alcançar seu objetivo. Essa clareza e riqueza narrativa tornam as histórias folclóricas russas cativantes e atemporais, continuando a inspirar a literatura e a cultura popular até hoje.

Com o objetivo de analisar e classificar essas narrativas, Vladimir Propp propôs uma abordagem inovadora: a morfologia do conto. Em vez de categorizar os contos em grupos preexistentes, ele se concentrou na identificação das estruturas narrativas subjacentes. Ao analisar as funções dos personagens e as sequências de ações, Propp revelou padrões estruturais comuns a muitos contos de fadas, oferecendo uma nova perspectiva para a análise e compreensão dessas narrativas.

De acordo com Vasconcellos (2002 p. 24), a estrutura hipotética dos textos segue uma ordem de padrão:

- a) há combinações de elementos linguísticos que são possíveis na língua e outros que não;
- b) pode-se fazer uma descrição econômica do que é ou não possível tomando-se como base não as próprias unidades linguísticas, mas suas classes: as unidades de uma dada classe podem combinar-se com as de outra classe para formar um certo tipo de construção, mas não com os membros de uma terceira classe por exemplo, um artigo pode combinar-se com um substantivo comum para formar um sintagma nominal, mas não com um verbo; um sintagma nominal pode combinar-se com um sintagma verbal para formar uma oração, mas não com um sintagma adverbial;
- c) na mesma posição ocupada por uma determinada unidade na construção, poderiam aparecer outras unidades da mesma classe por exemplo, no mesmo lugar estrutural ocupado pelo sintagma nominal O menino na oração O menino não veio poderia aparecer uma infinidade de expressões como O homem, O filho de Maria, Pedro, aquele rapaz que esteve ontem, que são, todas elas, sintagmas nominais de diferentes graus de complexidade. Depreender a estrutura das línguas, nesses termos, seria determinar não só as unidades, mas sobretudo as classes das unidades e os tipos de construções existentes na língua.

Assim como os linguistas buscam identificar fonemas e morfemas em uma língua por meio de segmentação e classificação do material de fala, Propp (1984) propôs a identificação das funções narrativas básicas dos contos de fadas através de uma análise sistemática das narrativas folclóricas russas. Enfrentando este desafio, Propp realizou um estudo esquadrinhado de cem contos russos, com o objetivo de

mapear os elementos comuns e as estruturas narrativas presentes. Esse trabalho buscava estabelecer um ponto de partida sólido para pesquisas futuras sobre narrativas folclóricas.

O conto maravilhoso, habitualmente, começa com certa situação inicial. Enumeram-se os membros de uma família, ou o futuro herói (por exemplo, um soldado) é apresentando simplesmente pela menção de seu nome ou indicação de sua situação (Propp, 1984, p. 31).

Embora o estudo de unidades maiores que o morfema seja considerado “desejável”, Propp também enfatizou a relevância de analisar as narrativas folclóricas em sua totalidade para compreender plenamente sua estrutura e significado. Assim, tanto na linguística quanto na narratologia, é evidente que o método sistemático de segmentação, classificação e análise das unidades básicas desempenha um papel essencial para entender a organização e o funcionamento dessas áreas do conhecimento (Kraenkel, 2017).

Ao compreender o contexto da Morfologia de Propp, o pesquisador se depara com uma teoria estrutural que transcende os limites dos gêneros literários, concentrando-se nos elementos narrativos fundamentais presentes nos contos de fadas e nas narrativas populares. Vladimir Propp, pioneiro nesse campo, identificou padrões recorrentes que permeiam essas narrativas, desvendando a estrutura subjacente que orienta a construção dos enredos. Sua análise minuciosa destacou personagens arquetípicos, como o herói, o antagonista e o auxílio mágico, além dos estágios narrativos que compõem a jornada do protagonista, desde a falta inicial até a resolução final (Propp, 2001).

A estrutura das narrativas folclóricas russas, conforme analisada por Vladimir Propp em *A Morfologia dos Contos Maravilhosos*, serve como um modelo repetitivo, resultado da identificação de funções narrativas fixas e de uma sequência padrão de eventos. Propp descobriu que, independentemente das variações nos detalhes das histórias, todas as narrativas folclóricas seguem um conjunto de 31 funções apresentadas em uma ordem específica.

Essas funções incluem elementos como a partida do herói, a ajuda mágica, a realização de provas e o retorno triunfante. Ao seguir esse padrão, as narrativas folclóricas criam uma estrutura organizada que permite tanto a repetição quanto a variação dentro de um modelo previsível. Essa consistência estrutural não apenas

facilita a transmissão oral das histórias, como também garante a preservação de seus temas centrais e lições morais ao longo das gerações. Além disso, ao adotar uma estrutura recorrente, essas narrativas mantêm uma familiaridade que repercute com o público, tornando-se atemporais e culturalmente significativas.

Desse modo, Vladimir Propp dedicou seus estudos à análise das estruturas narrativas dos contos folclóricos russos, buscando compreender as regularidades e padrões presentes nas narrativas orais tradicionais. Para tal, ele identificou funções narrativas fixas e uma sequência de eventos comuns, resultando em um modelo estruturado denominado “Morfologia dos Contos”.

O objetivo de Propp era revelar as características universais e a repetição de padrões entre diferentes contos, demonstrando que, apesar das variações superficiais, todos seguiam uma estrutura narrativa semelhante. Essa investigação buscava uma compreensão mais detalhada narrativa folclórica, além de desvendar os elementos fundamentais que tornam essas histórias atemporais e culturalmente relevantes. Seu trabalho pioneiro influenciou a análise estruturalista da narrativa e abriu caminho para estudos posteriores em diversas culturas.

Por conseguinte, o foco central dos estudos de Propp concentrou-se nas funções desempenhadas pelos personagens. Ele argumentava que, embora houvesse diversidade de personagens e histórias, as ações realizadas por eles dentro dos contos eram relativamente limitadas e seguiam padrões recorrentes. Ou seja, uma mesma função podia ser desempenhada por diferentes personagens em distintos contos.

Assim, ao se concentrar nas funções dos personagens, e não nos personagens em si, Propp conseguiu descrever a morfologia dos contos de fadas, revelando uma estrutura universal aplicável a diversas culturas e tradições narrativas. Esse foco possibilitou uma análise mais metódica da construção narrativa e das relações entre os elementos da história, estabelecendo um modelo que outros estudiosos puderam utilizar em suas próprias pesquisas.

Essa análise inovadora pode ser observada no filme “Matilda” (1996). Apesar de seu contexto e personagens únicos, as ações realizadas pelos personagens seguem as funções narrativas descritas por Propp. Nesse sentido, vemos que os personagens desempenham funções específicas fundamentais à estrutura narrativa do filme. Embora adaptadas a um contexto moderno e realizadas por personagens

distintos, essas funções narrativas seguem as leis de organização identificadas por Propp em sua análise dos contos de fadas. O filme “Matilda”, portanto, exemplifica como uma mesma função pode ser reinterpretada e desempenhada por diferentes personagens em diversos tipos de narrativas, mantendo intacta a estrutura essencial.

Além disso, a temática do casamento é recorrente em diversos contos de fadas. No caso de Cinderela, o ato de se casar com o príncipe simboliza a superação de obstáculos e a conquista da felicidade. Por outro lado, o casamento da madrasta de Cinderela com seu pai representa ambição e maldade. Embora a ação seja a mesma (casar-se), o significado e o impacto narrativo são distintos. Propp identificou um número limitado de funções que se repetem nos contos maravilhosos, sugerindo a existência de uma estrutura subjacente comum a todos eles. Essa estrutura, segundo Propp, é fruto de um processo de evolução e transformação das narrativas ao longo do tempo.

Uma das principais conclusões de Propp é que a sequência das funções narrativas é fundamental para a compreensão da estrutura dos contos. Ele observou que diferentes histórias podem apresentar sequências de funções idênticas ou semelhantes, sugerindo a ocorrência de um modelo básico subjacente no qual os contos são construídos. Propp também sugere que todos os contos maravilhosos se originam de um único modelo primordial. Essa teoria não implica que todos os contos sejam idênticos, mas que compartilham uma estrutura fundamental comum. As variantes de um conto seriam, portanto, o resultado de combinações e transformações desse modelo básico.

Com base nessa perspectiva, o filme “Matilda” (1996) ilumina a estrutura narrativa da obra e revela semelhanças com os contos de fadas tradicionais. Propp identificou que a sequência das funções narrativas é essencial para entender a construção dos contos. No caso de “Matilda”, é possível observar essa sequência de funções, como a introdução do herói, os desafios enfrentados e a resolução final, refletindo o modelo básico descrito por Propp.

Portanto, a teoria de Propp revolucionou os estudos sobre os contos de fadas ao demonstrar a existência de uma estrutura universal nessas narrativas. Ao examinar as atribuições dos personagens e o desenrolar das ações típicas dos contos maravilhosos, ele contribuiu significativamente para a compreensão da narrativa e da imaginação humana.

Na visão de Kraenkel (2017), a obra cinematográfica “Matilda”, lançada no Brasil em 24 de janeiro de 1997, apresenta um terreno fértil para a aplicação das teorias de Propp, oferecendo uma narrativa rica em elementos formais e estruturais passíveis de análise. No âmbito do formalismo literário, o filme destaca uma construção narrativa meticulosa, onde cada cena, diálogo e detalhe contribuem para a coerência e o impacto da história.

De acordo com os estudos baseados nas propostas de Propp, analisados por Pilshchikov (2020), os personagens, apesar de suas características distintas, frequentemente desempenham as mesmas funções. Embora o meio pelo qual executam essas ações possa variar, a função em si permanece constante. A identidade de quem realiza uma ação e a forma como ela é conduzida são aspectos que requerem estudos complementares. Em “Matilda”, observa-se que os personagens, apesar de suas particularidades, exercem funções semelhantes às encontradas nos contos de fadas tradicionais.

Para destacar essas funções¹¹, é crucial defini-las com precisão, partindo de dois pontos de vista complementares. Primeiramente, deve-se evitar considerar o personagem que realiza a ação. Em muitos casos, a definição será expressa por meio de um substantivo que descreve a ação em si, como “Proibição”, “Interrogatório” ou “Fuga”. Em segundo lugar, a ação deve ser contextualizada no desenvolvimento do enredo, considerando o papel que uma determinada função desempenha na progressão da narrativa.

Dessa forma, a função é entendida como o comportamento de um personagem, definido pelo impacto que exerce sobre o desenvolvimento do enredo. Essas observações podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

- I. Os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções dos personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto.
- II. O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado
- III. A sequência das funções é sempre idêntica. (só para o folclore e não para os contos maravilhosos criados artificialmente)
- IV. Todos os contos de magia são monotípicos quanto à construção

¹¹ Sobre a concepção de função para Propp, compreende-se que as funções são elementos fundamentais da história, são os cursos feitos pelos personagens que levam ao desenrolar dos acontecimentos (Propp, 2001, p. 40).

(Propp, 2001, p. 16).

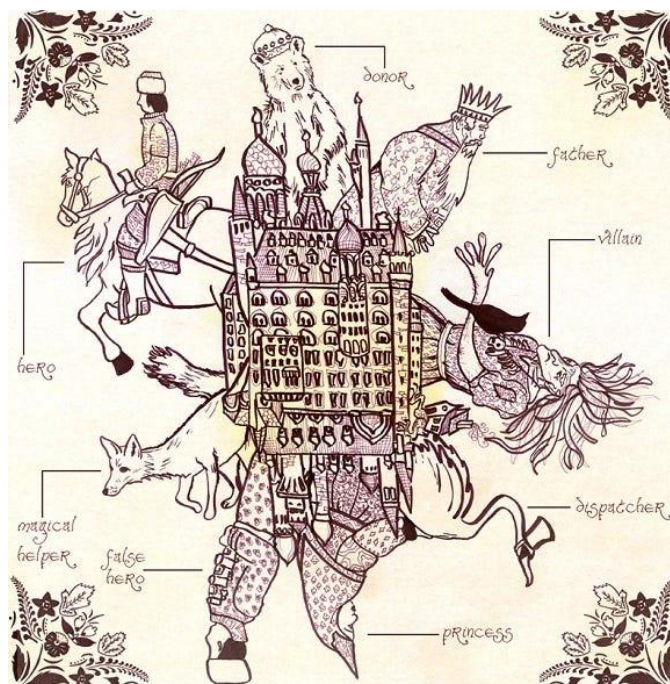
Kraenkel (2017) destaca em sua pesquisa que os arquétipos dos personagens, conforme definidos por Propp em sua *Morfologia do Conto de Fadas*, desempenham um papel essencial na estrutura e compreensão dos contos populares. Propp identificou sete personagens principais que se repetem em muitas histórias folclóricas, independentemente de sua origem cultural. Esses arquétipos são cruciais para o desenvolvimento das tramas e a análise das funções narrativas ao longo dos contos.

Durante a análise de cem contos, Propp observou padrões recorrentes de estrutura e personagens. Ele constatou que nem todas as narrativas apresentavam todas as funções e esferas de ação que delineou como um modelo geral. Contudo, estudiosos modernos reconhecem que, mesmo que apenas metade das funções e esferas de ação esteja presente, um conto que segue a teoria de Propp já pode ser considerado parte de uma estrutura clássica, como os contos atemporais analisados por ele (Propp, 2001).

A seguir, a figura 1, intitulada “Diagrama Geral dos Personagens”, ilustra de forma visual os sete arquétipos principais identificados por Vladimir Propp em sua *Morfologia do Conto de Fadas*. Esses arquétipos desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento narrativo dos contos folclóricos, ajudando a organizar as ações e funções desempenhadas dentro da estrutura da história.

Por meio desse diagrama, é possível observar como cada arquétipo está relacionado às funções narrativas descritas por Propp, destacando a amplitude e a recorrência desses elementos em diferentes culturas e tradições. A representação serve como uma ferramenta didática, permitindo uma compreensão mais clara da aplicação prática da teoria proppiana na análise narrativa.

Figura 1 - Diagrama geral dos personagens



Fonte: Propp (1983).

Entre os arquétipos representados, cada um desempenha um papel único na construção do enredo. Por exemplo, o herói é o protagonista que conduz a narrativa ao enfrentar desafios e superar obstáculos para atingir seus objetivos, enquanto, o vilão é o antagonista que cria os conflitos que o herói deve superar. Já o doador, por sua vez, oferece ao herói um recurso essencial, como um objeto mágico ou uma informação crucial, que será determinante para o progresso da narrativa.

Esses papéis se complementam ao longo da história e criam uma estrutura coesa e significativa, como detalhado por Kraenkel (2017). A figura também organiza visualmente outras funções narrativas, ajudando a destacar como os personagens se interconectam dentro do modelo estrutural descrito por Propp, conforme exemplificado pelo quadro 1.

Quadro 1- Arquétipos de personagens em contos populares

Arquétipo	Descrição
Herói (Ou Protagonista)	O personagem central da história, encarregado de realizar uma jornada ou missão, enfrentando desafios e adversidades com coragem e determinação.

Vilão (Ou Antagonista)	O antagonista da história, responsável por criar obstáculos para o Herói, muitas vezes agindo de forma maliciosa ou egoísta.
Doador (Ou Dono)	Um personagem que fornece ao Herói algo que o ajuda em sua jornada, como um objeto mágico ou um conselho sábio, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento da trama.
Auxiliar	Um companheiro ou aliado do Herói, que oferece suporte em sua jornada e ajuda na resolução dos problemas que surgem ao longo do caminho.
Falso Herói	Um personagem que inicialmente parece ser um aliado do Herói, mas que, eventualmente, revela suas verdadeiras intenções e se torna um inimigo, criando conflito e tensão na história.
Princesa (Ou Recompensa)	Muitas vezes retratada como o objeto do desejo do Herói, a Princesa pode ser uma figura de pureza e inocência, ou pode desempenhar um papel mais ativo na história, ajudando o Herói em sua jornada.
Mandatário (Ou despachador)	O personagem que envia o herói em sua missão ou aventura.

Fonte: Propp (2001).

Sendo assim, a pesquisa de Kraenkel (2017) sobre os arquétipos de personagens definidos por Propp em sua *Morfologia do Conto de Fadas* relaciona-se diretamente com o filme “Matilda” (1996), fornecendo uma base estrutural para a análise dos personagens. Esses arquétipos são claramente representados no filme e desempenham papéis fundamentais na construção de sua narrativa.

A análise de Propp, centrada nos contos de fadas, e a identificação dos arquétipos de personagens exerceram um impacto duradouro nos estudos literários, sendo amplamente utilizados até hoje para avaliar a estrutura narrativa em diversos gêneros. No caso de “Matilda”, as funções narrativas dos personagens refletem com precisão os padrões identificados por Propp, destacando a aplicação de sua teoria mesmo em contextos modernos.

Para ilustrar de forma mais detalhada como cada categoria se aplica aos personagens do filme, Kraenkel (2017) apresenta a seguinte narrativa:

Situação inicial: descrição inicial do herói, da família e a sua situação.

I. Um dos membros da família sai de casa. (definição: afastamento): frequentemente por trabalho, ir à mata, comércio, guerra, negócios.

II. Impõe-se ao herói uma proibição (definição: proibição): surge uma adversidade sobre a família feliz. O herói é proibido/ordenado de não fazer alguma coisa.

III. A Proibição é transgredida: I e III constituem um elemento par. O segundo membro pode existir, às vezes sem o primeiro. Surge o antagonista, cujo papel é estragar a felicidade do protagonista.

IV. O Antagonista procura obter uma informação. (definição: interrogatório): o interrogatório pode ser feito também pela vítima ao antagonista.

V. O Antagonista recebe informações sobre a sua vítima.

VI. O Antagonista tenta ludibriar sua vítima para apoderar-se dela ou de seus bens. Ele se disfarça, usa magia, suborna ou cria artifícios para enganar a vítima.

VII. A vítima deixa-se enganar, ajudando assim, involuntariamente, seu inimigo. Veja que: proibições são sempre desobedecidas e as propostas enganosas, pelo contrário, são sempre aceitas e executadas.

VIII. O Antagonista causa dano ou prejuízo a um dos membros da família. Os VII podem ser considerados a parte preparatória do conto maravilhoso, enquanto o nó da intriga está ligado ao dano — tudo leva a esse ponto.

VIII-A. Falta alguma coisa a um membro da família, ele deseja obter algo. A carência pode ser muitas vezes provocada pelo dano. A carência pode também vir antes do dano. Esses dois pontos são o centro do conto.

IX. É divulgada a notícia do dano ou da carência, faz-se um pedido ao herói ou lhe é dada uma ordem, mandam-no embora ou deixam-no ir. O herói é introduzido no conto.

X. O Herói-Buscador aceita ou decide, reagir. Os heróis do conto maravilhoso podem ser de dois tipos: 1) Se a jovem foi raptada, e desapareceu assim das vistas de seu pai (bem como do horizonte do leitor), e Ivan parte à procura da jovem, então o herói do conto é Ivan, e não a jovem raptada. Podemos denominar buscadores a este tipo de heróis. 2) Se uma jovem ou um menino são raptados ou expulsos, e o conto centrado em quem foi raptado ou expulso, não se interessando pelos que ficaram, então o herói do conto é a jovem (ou o menino) raptada (-o) ou expulsa (-o). Nestes contos não herói-buscador, e o personagem principal pode ser denominada herói-vítima.

XI. O herói deixa a casa. Momento no qual se iniciam as aventuras do herói.

Entra no conto um novo personagem, que pode ser denominado doador (seria, mais precisamente, o provedor). Geralmente, ele é encontrado por acaso na mata, no caminho etc. (cf. cap. VII, as formas de entrada em cena dos personagens). Tanto o herói-buscador, como o herói-vítima, recebem dele um objeto (geralmente um meio mágico) que lhes permite superar o dano sofrido.

XII. O herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque etc., que o preparam para receber um meio ou um auxiliar mágico. O herói recebe uma prova do provedor. Ou ele recebe um pedido de alguém que é desafiador. Ou passa por ataques.

XIII. O herói reage diante das ações do futuro doador. Responde os pedidos (sim ou não). Falha no desafio ou o supera. Ele vence ou não aos ataques, entre outros.

XIV. O meio mágico passa às mãos do herói. O herói consegue um animal mágico ou objeto mágico através de um presente, recompensa, por acaso, roubo, consumo(comida/bebida), compra, personagens que oferecem serviços, entre outros.

XV. O herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura. Geralmente, o que ele procura se encontra longe, esse objeto não é o objeto mágico que o auxilia e sim, o objeto de sua carência.

XVI. O herói e seu antagonista se defrontam em combate direto. Se ele vence o antagonista recebe seu objeto de carência.

XVII. O herói é marcado.

XVIII. O antagonista é vencido.

XIX. O dano inicial ou a carência são reparados.

XX. Regresso do herói.

XXI. O herói sofre perseguição.

XXII. O herói é salvo da perseguição.

Este fenômeno mostra que uma grande parte dos contos maravilhosos se compõe de duas séries de funções, que podemos chamar de sequências. Uma nova desgraça dá origem a uma nova sequência, deste modo, uma história reúne, às vezes, toda uma série de contos. O desenrolar da ação, que descreveremos a seguir, mesmo constituindo uma nova sequência, não deixa de ser um prolongamento de um determinado conto.

XXIII. O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país.

XXIV. Um falso herói apresenta pretensões infundadas.

XXV. É proposto ao herói uma tarefa difícil.

XXVI. A tarefa é realizada.

XXVII. O herói é reconhecido. Reconhecido pela marca ou pelo objeto conquistado.

XVIII. O falso herói ou antagonista ou malfeitor é desmascarado.

XXIX. O herói recebe nova aparência.

XXX. O inimigo é castigado.

XXXI. O herói se casa e sobe ao trono.

Kraenkel (2017) utiliza essa narrativa como forma de exemplificar as funções narrativas propostas por Propp, ressaltando como os contos maravilhosos seguem uma estrutura comum e recorrente. A situação inicial apresenta o herói, sua família e o contexto em que se encontram, estabelecendo as bases para o desenvolvimento da história. As funções subsequentes, como “Um dos membros da família sai de casa”,

“Impõe-se ao herói uma proibição” e “A proibição é transgredida”, delineiam o surgimento do conflito e a jornada transformadora do herói. Durante essa trajetória, o protagonista encontra aliados, enfrenta adversidades e confronta diretamente o antagonista, culminando em um desfecho que resolve as tensões narrativas. Essa sequência narrativa serve como um modelo essencial para a análise e compreensão dos contos maravilhosos.

Em muitos contos maravilhosos, a trama frequentemente começa com a apresentação detalhada do núcleo familiar do protagonista, enfatizando as relações e o contexto social que dão suporte à narrativa. Comumente, um dos membros da família se afasta por diferentes motivos, como a busca por sustento, a procura por aventuras ou a necessidade de escapar de um perigo iminente. Esse afastamento funciona como um ponto de partida para desencadear uma série de eventos que impulsionam o herói em sua jornada. Embora esse padrão narrativo não seja absoluto, ele revela a centralidade da família e da comunidade na construção das narrativas maravilhosas, além de destacar o afastamento como um marco simbólico no desenvolvimento do protagonista.

Essa abordagem se conecta diretamente ao filme “Matilda” (1996), que exemplifica de maneira clara e consistente diversas funções narrativas descritas por Propp. A situação inicial apresenta a heroína, Matilda, e sua família, estabelecendo o contexto social e emocional em que ela vive. Esse ponto de partida é essencial para compreender sua jornada ao longo da trama. À medida que a narrativa se desenrola, Matilda encontra aliados que desempenham papéis fundamentais na superação dos desafios impostos pela vilã da história.

Esses elementos narrativos fornecem uma base sólida para a análise de “Matilda”, demonstrando como as funções propostas por Propp podem ser aplicadas e adaptadas em um contexto moderno. A estrutura narrativa do filme reflete de maneira fiel o modelo dos contos maravilhosos, reforçando a universalidade das funções narrativas e sua relevância na construção e compreensão da trama.

Ademais, de acordo com os estudos de Peixoto (2023), o filme “Matilda” serve como um recurso envolvente e acessível para a introdução dos princípios e conceitos da *Morfologia do Conto de Fadas*. Acompanhando a jornada da protagonista, o espectador é imerso em uma narrativa rica em elementos maravilhosos e emocionantes, que facilitam a exploração das relações entre os personagens e os

desdobramentos da história. Por meio das experiências de Matilda, é possível observar como as funções desempenhadas pelos personagens se desenvolvem e se conectam, destacando a importância desses elementos para a compreensão da estrutura narrativa.

Para compreender em detalhes a estrutura dos contos clássicos analisados, Vladimir Propp, teórico narratológico, desenvolveu uma linguagem codificada composta por símbolos que representam as 31 funções narrativas ou a fórmula ideal. Essas funções são simbolizadas por letras e códigos, desde α até W, com cada uma delas descrevendo um aspecto específico da narrativa (Propp, 1983).

Segundo Propp (1983), essas funções constituem a base morfológica dos contos maravilhosos. A sequência inicia-se com a exposição da situação inicial, representada por α , e percorre um caminho narrativo que abrange o afastamento do herói, os desafios enfrentados e a vitória final sobre o antagonista. Cada função desempenha um papel essencial na construção da história, do estabelecimento do conflito à sua resolução.

Além disso, Propp (1983) identificou as esferas de ação, relacionadas às sete categorias de personagens que desempenham papéis cruciais na narrativa. Essas categorias incluem o Antagonista, o Doador, a Princesa, o Auxiliar Mágico, o Mediador, o Herói e o Falso Herói, sendo cada uma responsável por contribuir de forma única para o desenvolvimento da trama.

Ao compreender as funções e as esferas de ação propostas pela teoria de Propp, assim como o significado simbólico de cada elemento, os estudiosos podem analisar e interpretar os contos de maneira mais precisa. Por meio de exemplos práticos, como a análise de um conto simples, é possível visualizar como essas funções e esferas de ação se manifestam, fornecendo um modelo consistente e eficaz para o estudo das narrativas clássicas (Propp, 1983).

No filme “Matilda” (1996), os conceitos de Vladimir Propp fornecem uma base sólida para analisar sua estrutura narrativa, revelando tanto sua profundidade quanto complexidade. Propp identificou 31 funções narrativas em contos de fadas tradicionais, muitas das quais podem ser observadas na trama de “Matilda”. Entre essas funções, destacam-se a ausência, a proibição, a violação da proibição, o desafio e o desfecho, que foram adaptadas ao contexto do filme. A negligência dos pais de Matilda, por exemplo, representa a função da ausência, enquanto sua luta

contra a opressão da diretora Agatha Trunchbull reflete o desafio. Essa conexão entre funções narrativas e personagens reforça a estrutura que sustenta a evolução da trama, evidenciando o papel das esferas de ação na construção da história.

As esferas de ação descritas por Propp (1983) também encontram paralelos diretos em “Matilda”. Os sete tipos de personagens definidos por Propp desempenham papéis essenciais na narrativa, contribuindo de maneira única para o desenvolvimento da trama. Matilda Wormwood, a protagonista, personifica o arquétipo do herói, enfrentando desafios que testam sua inteligência e resiliência. Seus poderes especiais funcionam como elementos mágicos, típicos dos contos maravilhosos, permitindo que ela supere os obstáculos impostos pela antagonista. A diretora Agatha Trunchbull assume o papel do antagonista, enquanto a professora Jennifer Honey corresponde aos arquétipos de doadora e auxiliar, oferecendo suporte e inspiração à heroína em sua jornada.

No desfecho, Matilda triunfa sobre sua vilã, reafirmando temas universais como justiça e resiliência, bastante presentes nos contos de fadas. O filme adapta essas estruturas tradicionais para um público contemporâneo, preservando a essência das narrativas maravilhosas enquanto as ressignifica no contexto moderno. Ao integrar técnicas visuais e auditivas que acentuam os aspectos maravilhosos e contemporâneos da história, “Matilda” transforma elementos clássicos em uma narrativa poderosa de empoderamento e esperança.

Por fim, a análise de contos maravilhosos exige um estudo detalhado que considere tanto a diversidade de suas expressões quanto a consistência de seus princípios estruturais básicos. Com base nos modelos sugeridos por Propp, é possível identificar em produções como “Matilda” elementos e sequências narrativas típicas dos contos de fadas clássicos, destacando a continuidade de modelos universais ao longo do tempo e entre diferentes formas de arte. Essa perspectiva reforça a relevância das teorias proppianas para a análise narrativa, mesmo em contextos contemporâneos.

2 ANÁLISE PROPPIANA: OS PARADIGMAS NARRATIVOS EM MATILDA (1996)

O segundo capítulo desta pesquisa investiga, com base nos conceitos de Vladimir Propp, os aspectos narrativos e estruturais que moldam o filme “Matilda”

(1996). Por meio da análise das funções narrativas e das esferas de ação dos personagens, busca-se compreender como as estruturas subjacentes sustentam a trama e dialogam com os paradigmas clássicos dos contos de fadas maravilhosos, ressignificando-os para um contexto moderno. Além disso, o capítulo explora como os elementos mágicos, como os poderes de Matilda, e as dinâmicas entre os personagens centrais ampliam temas como justiça, autonomia e esperança.

Nesse contexto, o filme “Matilda” é analisado a partir de sua composição narrativa, destacando os papéis desempenhados pelos personagens centrais. A família Wormwood, composta por Matilda, Harry, Zinnia e Michael, é apresentada como um elemento essencial na trama, especialmente na construção do ambiente inicial de adversidade enfrentado pela protagonista.

Paralelamente, a professora Jennifer Honey e a diretora Agatha Trunchbull assumem papéis narrativos fundamentais, representando, respectivamente, a figura da mentora e da antagonista, cujas interações destacam os contrastes entre esperança e opressão. Esse equilíbrio entre a leveza da infância e os desafios da vida adulta é explorado como uma dimensão crucial da narrativa.

Para Propp (2006), a importância dos personagens reside nas ações que realizam e em sua contribuição ao enredo, sendo sua relevância determinada pelo impacto que essas ações têm no herói. Conforme enfatiza Propp:

O importante não é o que eles [personagens] querem fazer nem tampouco os sentimentos que os animam, mas suas ações em si, sua definição e avaliação do ponto de vista de seu significado para o herói e para o desenvolvimento da ação. [...] os sentimentos do mandante podem ser hostis, neutros ou amistosos, isto não influirá no desenvolvimento da ação. (Propp, 2006, p. 79).

Este capítulo, portanto, examina como os paradigmas narrativos proppianos se manifestam no enredo de “Matilda”, com ênfase nas ações decisivas dos personagens e nas relações que estabelecem. Busca-se evidenciar de que maneira as estruturas narrativas dos contos de fadas clássicos são reinterpretadas no contexto cinematográfico, mantendo sua relevância ao incorporar elementos que dialogam com um público contemporâneo. O filme combina estruturas narrativas tradicionais com temas modernos, como o empoderamento infantil, o questionamento de figuras de autoridade e a celebração da autonomia, ressignificando os contos de fadas para novas gerações.

Para complementar a análise, serão apresentados quadros que sintetizam as características dos personagens e suas respectivas funções narrativas, facilitando a visualização das relações proppianas. A narrativa de “Matilda” será discutida a partir de suas funções principais, como a falta, a proibição, a intervenção mágica, a prova e a recompensa, adaptadas de forma gradativa para criar uma estrutura coesa que ressoa com o público contemporâneo.

Além disso, a análise abrange os aspectos narrativos fundamentais, incluindo os arquétipos do herói, da antagonista, da doadora, da auxiliar, da princesa, do pai da princesa, do falso herói e dos elementos mágicos. Considera-se tanto a personalidade quanto os comportamentos de cada personagem, alinhados ao seu papel narrativo dentro da história. O filme se diferencia ao apresentar uma protagonista que não depende de um mandatário para iniciar sua jornada, mas que age por autoiniciativa, refletindo sua autonomia e resiliência. Dessa forma, a narrativa desenvolve-se de maneira única, centrada na jornada de Matilda e na superação das adversidades.

Ao longo do desenvolvimento deste capítulo, serão analisadas as características marcantes dos personagens do filme “Matilda”, que desempenham papéis essenciais na construção da narrativa. Matilda, a protagonista, é uma menina adorável, dotada de inteligência e curiosidade, cuja visão única do mundo ao seu redor guia a trama e sustenta o avanço da história. Agatha Trunchbull, a diretora escolar, é uma figura tirânica e autoritária, cujo comportamento impulsivo cria o contraste necessário para destacar os valores morais centrais da narrativa. Jennifer Honey, a professora bondosa e dedicada, emerge como um símbolo de esperança e mentora, desempenhando um papel fundamental no apoio e orientação da protagonista.

Entre os personagens coadjuvantes, Lavender Brown é apresentada como a amiga leal que oferece suporte emocional e companhia à protagonista em sua jornada. Magnus, apesar de sua presença limitada, possui um papel narrativo significativo, reforçando os aspectos familiares e os desafios que Matilda e Srta. Honey enfrentam. Harry e Zinnia Wormwood, os pais de Matilda, são caracterizados por sua negligência e egoísmo, funcionando como um obstáculo ao desenvolvimento e à autonomia da heroína.

Por conseguinte, os elementos mágicos, como os poderes telecinéticos de Matilda, operam como fios condutores que conectam os personagens e suas ações ao universo simbólico dos contos de fadas. Esses elementos maravilhosos

transcendem a realidade, criando um espaço narrativo deslumbrante que ressignifica o tradicional e amplia as possibilidades de interação entre os temas e os personagens. Essa análise detalhada irá destacar as contribuições individuais de cada personagem para a construção da trama, enfatizando sua relevância no contexto de um conto de fadas moderno e adaptado às sensibilidades contemporâneas.

No contexto do filme “Matilda”, a luta da jovem protagonista pela justiça desempenha um papel crucial na resolução do conflito central, culminando no triunfo do bem sobre o mal. Seus esforços para enfrentar a autoridade tirânica da Sra. Trunchbull e expor suas crueldades não apenas cativam o público, mas também destacam a importância de permanecer fiel aos próprios princípios diante da adversidade (Braz, 2018). Além disso, a narrativa enfatiza o papel essencial da união na trajetória de Matilda, evidenciada pelo apoio e solidariedade que ela recebe de amigos, professores e, eventualmente, de sua família, reforçando a força coletiva em momentos de desafio.

A ideia de união e apoio mútuo reflete um tema recorrente nos contos de fadas, nos quais os personagens frequentemente colaboram para superar desafios e alcançar seus objetivos (Braz, 2018). Esse tema também se manifesta na relação entre Matilda e a Srta. Honey, que ao longo da narrativa se estabelece como mentora e amiga. Para além disso, a Srta. Honey surge como uma figura de autoridade capaz de reconhecer e valorizar as habilidades únicas de Matilda, fortalecendo a protagonista em sua jornada de autodescoberta e enfrentamento das adversidades. Essa conexão destaca a importância do vínculo afetivo e do reconhecimento mútuo no desenvolvimento pessoal e na resolução de conflitos.

A relação de respeito mútuo e apoio desempenha um papel essencial no crescimento e desenvolvimento de Matilda, evidenciando como o reconhecimento e a empatia são fundamentais em sua jornada de autodescoberta (Braz, 2018). Em sua essência, “Matilda” apresenta uma reflexão profunda sobre temas universais, como justiça, coragem, reconhecimento e união. Com essa análise, busca-se evidenciar como o filme em questão combina as estruturas clássicas dos contos de fadas com temas contemporâneos, criando uma narrativa fascinante e atemporal que dialoga com diferentes gerações.

2.1 PROPP APLICADO: ESTRUTURA E ELEMENTOS NARRATIVOS EM MATILDA

Ao aplicar a teoria de Vladimir Propp na análise do filme “Matilda” (1996), busca-se compreender como as funções narrativas e as esferas de ação dos personagens moldam a trama e dialogam com os paradigmas dos contos de fadas maravilhosos. A abordagem proppiana permite identificar padrões estruturais subjacentes, como as ações decisivas dos personagens e os elementos mágicos, que sustentam a narrativa e reforçam seu caráter encantador.

O filme apresenta uma estrutura narrativa que reflete, em muitos aspectos, as sequências propostas por Propp, como a ausência, o desafio e o desfecho. No entanto, adapta essas funções para um contexto contemporâneo, destacando a proatividade da protagonista e a ressignificação dos elementos mágicos como ferramentas de empoderamento.

Os personagens desempenham papéis essenciais na composição da narrativa, desde a heroína Matilda, que enfrenta adversidades com coragem e inteligência, até a vilã Agatha Trunchbull, cuja tirania impulsiona os conflitos centrais. A análise também explora o papel dos pais negligentes e do irmão desinteressado, que contrastam com a bondade e o apoio da Srta. Honey, reforçando os temas de justiça e união.

Com base na citação “No cinema, são as imagens que desfilam e não as palavras” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 65), será realizada uma análise das imagens presentes no filme Matilda. Essa abordagem se concentrará na construção dos personagens e dos elementos principais do filme, utilizando as características visuais e narrativas para identificar seus aspectos e comportamentos. A partir desse estudo, será possível estabelecer os paradigmas narrativos de Propp, explorando as funções e as esferas de ação dos personagens, bem como os elementos cinematográficos que reforçam suas posições e contribuições dentro da trama.

Dentro dessa perspectiva, a mise-en-scène emerge como uma das bases fundamentais da linguagem cinematográfica, fornecendo os recursos visuais necessários para potencializar a narrativa e delinear a construção simbólica dos personagens. A disposição dos elementos no quadro, como cenários, iluminação, paleta de cores, figurino e enquadramento, trabalha de forma integrada para comunicar significados e sensações ao espectador. Através da composição espacial,

o cinema constrói atmosferas que reforçam temas e conflitos, utilizando jogos de luz e sombra para intensificar emoções e simbolismos.

Dessa maneira, os conceitos da mise-en-scène serão aplicados no filme “Matilda” por meio da interação dos personagens em cena, articulando visualmente a jornada da protagonista e as dinâmicas que permeiam sua história, fortalecendo sua conexão com os paradigmas narrativos de Propp e com os elementos visuais que estruturam a narrativa cinematográfica.

Assim, Mahmudah (2018) conduziu uma pesquisa detalhada sobre as características dos personagens do filme “Matilda” (1996). Segundo a autora, Matilda é retratada como uma menina adorável, sendo a protagonista central da narrativa. A Figura 2, apresentada abaixo, exibe um registro visual da personagem, extraído diretamente da obra cinematográfica.

Figura 2 - Personagem Matilda Wormwood



Fonte: Pinterest (2023).

Observa-se que a composição do quadro visual é centrada na protagonista Matilda, destacando-a como o elemento principal da cena. Ela veste um vestido azul com padrão floral e um laço vermelho no cabelo, que naturalmente atraem o olhar do espectador. A organização dos elementos visuais reforça a relevância da personagem na narrativa. Além disso, a iluminação suave e uniforme realça suas características,

criando uma atmosfera acolhedora e amigável. Essa atmosfera é frequentemente associada à inocência e bondade, traços fundamentais da personagem.

As cores utilizadas na cena são intensas e contrastantes para impactar visualmente à figura de Matilda. O azul do vestido e o vermelho do laço se destacam contra o cenário, simbolizando pureza e vitalidade. Esses tons alegres e intensos transmitem a positividade e a força interior de Matilda. O enquadramento coloca a protagonista no centro da composição, guiando o espectador a focar inteiramente nela. Essa centralidade visual reforça sua importância na narrativa e estabelece uma ligação direta com o público.

A câmera, posicionada em um ângulo direto e ao nível dos olhos, promove uma sensação de proximidade e intimidade com a protagonista. Esse enquadramento permite que o público perceba o mundo sob a ótica de Matilda, ampliando a empatia e a imersão na trama. Assim, a perspectiva escolhida não apenas destaca a personagem, mas também envolve o espectador em sua jornada única.

A análise da *mise-en-scène* no retrato da figura de Matilda revela como os elementos visuais são estrategicamente organizados para destacar sua importância narrativa e emocional. De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2002), o enquadramento central atua como uma ferramenta que estrutura o espaço visual e direciona o olhar do espectador, consolidando Matilda como ponto focal da cena. Essa escolha, combinada com o ângulo direto da câmera ao nível dos olhos, não apenas enfatiza seu papel de protagonista, mas também estabelece uma conexão íntima e empática entre público e personagem. Isso reforça o impacto emocional e narrativo que a centralidade visual proporciona.

A escolha das cores, como o azul vivo do vestido e o vermelho intenso do laço, não se limita a uma função estética decorativa, mas desempenha um papel essencial na construção do significado visual e narrativo da personagem Matilda. De acordo com Aumont e Marie (2012, p. 198), “o código de cores intervém em todas as linguagens em que o significante pode ser 'colorido': o código dos trajes, a fotografia etc. Num determinado filme, esse código é submetido às características dos espectros e dos valores da película utilizada”.

Sob essa perspectiva, o azul do vestido pode ser lido como um elemento que, além de destacar a personagem no cenário, sugere uma associação simbólica de introspecção e tranquilidade. Por outro lado, o vermelho do laço reforça sua vitalidade

e energia, construindo uma interação cromática que engrandece a narrativa visual e destaca traços fundamentais de sua personalidade. Assim, a utilização dessas cores segue o código descrito por Aumont e Marie, atuando como uma linguagem que orienta o olhar do espectador e acrescenta camadas de significado ao filme.

A iluminação suave, ao criar uma atmosfera acolhedora que se alinha à inocência e bondade de Matilda, pode ser interpretada como um elemento narrativo ativo, conforme discutido por Vanoye e Goliot-Lété (2002). Para esses teóricos, a iluminação transcende sua função técnica e assume um papel simbólico e narrativo, moldando a percepção do espectador e intensificando a experiência cinematográfica.

Gerard Betton (2002, p. 55) complementa essa visão ao descrever a iluminação como “um cenário vivo e quase um ator”, capaz de criar lugares, climas temporais e psicológicos, além de contribuir para a estética. Assim, o uso de luz suave não apenas reforça qualidades de otimismo e pureza na narrativa visual, mas também atua como uma ferramenta de construção simbólica, que pode ser contrastada com zonas de baixo brilho para introduzir texturas e destacar tensões latentes, intensificando o envolvimento do público e equilibrando clareza narrativa com nuances dramáticas.

Portanto, a análise da *mise-en-scène* da figura de Matilda evidencia como cada elemento visual, desde o enquadramento ao uso de cores e iluminação, é cuidadosamente articulado para construir uma narrativa rica e emocionalmente impactante. A câmera, posicionada de forma direta e central, destaca a importância da personagem ao aproximá-la do público, segundo Vanoye e Goliot-Lété. Aumont e Marie apontam que a interação entre azul e vermelho reforça seu simbolismo visual e psicológico, enquanto a iluminação suave acentua sua serenidade. Assim, a *mise-en-scène* atua como uma linguagem narrativa essencial, consolidando Matilda como uma protagonista memorável e integrada ao universo do filme.

A personagem Matilda Wormwood é uma menina brilhante, de apenas seis anos, que enfrenta negligência e maus-tratos constantes de seus pais, Harry, um vendedor de carros desonesto, e Zinnia, bem como do irmão mais velho, Michael. Apesar do ambiente tóxico em que vive, Matilda encontra nos livros da biblioteca pública um refúgio que alimenta sua imaginação e fortalece seu intelecto. Através da leitura, ela mergulha em mundos que oferecem não apenas aprendizado, mas também esperança e inspiração para lidar com os desafios do cotidiano (Mahmudah, 2018).

A Figura 3, apresentada a seguir, captura um momento tenso no núcleo familiar, em que os pais de Matilda exibem visível irritação, possivelmente relacionado a uma situação abrangendo a protagonista. Essa cena revela dinâmicas familiares marcadas por conflito e desrespeito, enfatizando ainda mais o contraste entre a hostilidade do ambiente doméstico e os mundos acolhedores que Matilda encontra na literatura.

Figura 3 - Família Wormwood (1996).



Fonte: Villains Fandom (2014).

Percebe-se que a composição da cena é cuidadosamente estruturada para representar visualmente a dinâmica tensa e disfuncional da família Wormwood. Os membros estão reunidos em torno de uma mesa de jantar, com cada um posicionado de maneira a evidenciar traços únicos de personalidade. Matilda, embora presente, é frequentemente enquadrada de forma a sublinhar seu isolamento e sua distinção em relação aos demais.

Quanto à paleta visual, as cores são vibrantes e contrastantes, refletindo a estética propositalmente exagerada do filme. O tom amarelo predominante na mesa e nas cortinas infunde à cena uma vibração caótica, enquanto o figurino dos personagens contribui para essa sensação de excentricidade. Por outro lado, Matilda aparece vestida com cores que evocam simplicidade e pureza, reforçando seu contraste com o ambiente ao seu redor.

O enquadramento da cena engloba todos os membros da família no campo de visão, permitindo ao espectador observar as interações e a dinâmica entre os personagens. No entanto, Matilda é muitas vezes posicionada de forma a enfatizar

seu distanciamento, reforçando sua posição como uma figura central, mas claramente distinta na narrativa.

Para concluir, os ângulos de câmera são diretos e ao nível dos olhos, criando uma sensação de realismo e envolvimento. Esse posicionamento coloca o espectador como um observador presente na sala, aumentando a proximidade emocional com a cena e a intimidade com a disfuncionalidade familiar.

A análise da *mise-en-scène* deste plano da família Wormwood destaca como a composição visual reflete a dinâmica disfuncional e caótica desse núcleo familiar. Segundo Vanoye e Goliot-Lété (2002), a disposição espacial dos personagens em torno da mesa pode ser interpretada como uma escolha que reflete não apenas a individualidade exagerada de cada membro, mas também a tensão implícita em suas interações.

Quanto à paleta visual, as cores vibrantes e contrastantes refletem a estética propositalmente exagerada do filme. Aumont e Marie (2012) argumentam que as cores têm um papel narrativo essencial, funcionando como extensões visuais das características psicológicas dos personagens e do ambiente. O amarelo predominante na mesa e nas cortinas infunde à cena uma vibração caótica e extravagante, reforçando o comportamento excêntrico e desordenado dos Wormwoods.

O enquadramento e o ângulo da câmera desempenham um papel crucial na narrativa visual ao apresentar todos os membros reunidos, permitindo ao espectador observar suas interações e captar a tensão implícita na cena. Conforme Ismail Xavier (1983, p. 98), “o enquadramento e o ângulo podem fazer com que as coisas se tornem odiosas, adoráveis, aterradoras ou ridículas, à sua vontade”.

Essa perspectiva ressalta como as escolhas de enquadramento e ângulo não apenas estruturam o espaço visual, mas também influenciam diretamente a percepção emocional do espectador. No caso da família Wormwood, o ângulo ao nível dos olhos reforça a sensação de desconforto e caos doméstico, enquanto posiciona Matilda de maneira oposta aos demais, oferecendo ao público uma visão clara de sua busca por pertencimento e destacando sua singularidade dentro do contexto familiar.

A disposição espacial, as escolhas cromáticas e os ângulos da câmera trabalham harmonicamente para ressaltar as tensões dramáticas, reforçando a desconexão da protagonista nesse ambiente caótico. Assim, a *mise-en-scène* não se limita a um suporte estético, mas se estabelece como uma linguagem narrativa

essencial, ampliando o impacto emocional e psicológico da história e consolidando Matilda como um contraponto fundamental à dinâmica disfuncional da família.

De acordo com Mahmudah (2018), apesar da pouca idade, Matilda demonstra uma capacidade intelectual extraordinária, evidenciada por seu interesse precoce pela leitura e pelo conhecimento. Ávida leitora, ela encontra refúgio e consolo nos livros da biblioteca pública, onde passa horas mergulhada em mundos de sonhos e aventura.

Além de sua inteligência excepcional, Matilda exibe um forte senso de justiça e empatia. Ela demonstra compaixão por aqueles que são injustiçados ou maltratados e, frequentemente, intervém para proteger os outros, mesmo quando isso a coloca em situações de risco. Sua coragem e determinação ficam evidentes quando enfrenta a autoridade abusiva da diretora da escola, Senhorita Trunchbull, liderando seus colegas em atos de resistência contra a tirania (Mahmudah, 2018).

Apesar das adversidades que enfrenta tanto em casa quanto na escola, Matilda mantém uma postura otimista e uma vontade inabalável de fazer o que é certo. Ela não permite que os desafios a impeçam de buscar conhecimento, desenvolver suas habilidades e lutar por justiça. Seu comportamento combina curiosidade, coragem, bondade e determinação, tornando-a uma personagem inspiradora para o público (Mahmudah, 2018).

Já segundo Batista (2024), os pais de Matilda, Harry e Zinnia Wormwood, são retratados como figuras egoístas, negligentes e desonestas ao longo do filme. Harry Wormwood, um vendedor de carros desonesto, reflete seu desejo de ganhar dinheiro rápido, muitas vezes prejudicando outros. Ele é apresentado como um homem rude e frio, que frequentemente desvaloriza sua filha e ignora suas habilidades extraordinárias.

Visualmente, Harry Wormwood é associado a roupas estampadas e chamativas, exibindo ternos estampados e gravatas berrantes, além de cabelo engomado e um bigode fino, reforçando sua imagem como um vendedor pouco confiável. Ele exibe comportamentos estereotipados de ganância e desonestidade, buscando constantemente enganar os clientes e obter dinheiro de forma fraudulenta.

Por outro lado, Zinnia Wormwood é representada como uma mulher superficial, negligente e egoísta, mais preocupada com sua aparência e interesses próprios do que com o bem-estar de seus filhos. Suas atividades são geralmente triviais, como

jogar bingo ou assistir televisão, negligenciando as necessidades emocionais e educacionais de Matilda (Batista, 2024).

O estilo exagerado de Zinnia, com maquiagem pesada, roupas chamativas e acessórios extravagantes, contribui para sua imagem fútil e rasa. Suas atitudes descomedidas e desinteressadas reforçam seu papel como uma mãe negligente, incapaz de oferecer o ambiente de suporte que uma criança precisa para prosperar.

Ambos os pais falham em reconhecer ou valorizar o intelecto e a criatividade de Matilda, tratando-a com desdém e indiferença (Batista, 2024). Seus diálogos são repletos de exageros e frases clichês, que sublinham suas personalidades caricatas. Enquanto as falas de Harry destacam sua desonestidade e avareza, Zinnia é retratada como frívola e alheia aos assuntos importantes.

Essas características exageradas ajudam a acentuar o contraste entre Matilda e seus pais, destacando a inteligência e generosidade da protagonista de maneira oposta à superficialidade e deslealdade de sua família. Por meio dessas caricaturas, o filme aborda os pais de Matilda de maneira simultaneamente cômica e crítica.

Figura 4 - Matilda e os pais



Fonte: TriStar Pictures (1996).

A disposição da cena acima ressalta a dinâmica entre Matilda e seus pais, evidenciando o contraste emocional e visual que permeia sua relação. A menina ocupa uma posição central na composição, destacando sua relevância na narrativa e a separação simbólica em relação aos outros membros da família. Por outro lado, seus pais são posicionados de maneira que acentuam o contraste entre suas personalidades e a figura de Matilda, sublinhando a disfuncionalidade do núcleo familiar.

O jogo de luzes na cena é uniforme e claro, garantindo que todos os elementos, desde os personagens até o fundo, sejam visíveis. No entanto, há um cuidado especial na iluminação que reforça o contraste entre Matilda e seus pais. Enquanto a protagonista é iluminada de forma suave, refletindo sua inocência e bondade, os pais aparecem sob uma luz mais chamativa e exagerada, que destaca suas características burlescas e materialistas.

No que diz respeito à paleta de cores, os tons vibrantes e contrastantes contribuem para a estética marcante do filme. Matilda é retratada em um vestido azul claro com colarinho branco, simbolizando sua pureza e simplicidade. Em contraposição, o pai usa roupas com tons amarelos e vermelhos, destacando sua personalidade extravagante e superficial. A mãe, por sua vez, veste um traje estampado e colorido, reforçando a excentricidade e caos visual que caracteriza a família.

O enquadramento centralizado posiciona Matilda como o principal elemento da cena, enquanto seus pais estão deslocados para as laterais, realçando a distância emocional e visual entre eles. O cenário, com vegetação e uma coluna branca ao fundo, oferece um contexto visual complementar, que não rouba a atenção do foco principal.

Portanto, a câmera é posicionada em um ângulo direto, ao nível dos olhos, oferecendo ao espectador uma visão clara e sem distorções dos personagens. Esse enquadramento cria uma atmosfera de familiaridade e proximidade, permitindo que o público se conecte diretamente com a cena, enquanto observa o contraste entre a inocência de Matilda e a ostentação de seus pais.

A mise-en-scène deste plano retrata visualmente o contraste emocional e visual entre Matilda e seus pais, destacando sua separação tanto física quanto simbólica. A iluminação suave que recai sobre Matilda ressalta sua inocência e bondade, em contraponto à iluminação mais chamativa que incide sobre seus pais. O contraste entre esses tipos de iluminação constrói uma separação visual e simbólica entre os personagens, evidenciando a desconexão emocional entre Matilda e sua família.

Essa abordagem dialoga com a perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 20), que afirmam que “o analista diz coisas sobre o filme, o filme também diz coisas” destacando como os elementos visuais, como a iluminação, podem ser interpretados como narrativas que comunicam significados próprios. Dessa forma, a luz não apenas

organiza esteticamente os personagens no espaço cinematográfico, mas também contribui para a construção da identidade de Matilda como símbolo de pureza e simplicidade em meio ao caos familiar.

O figurino também desempenha um papel essencial na narrativa visual. O vestido azul claro de Matilda, com colarinho branco, transmite simplicidade e pureza, alinhando-se aos estudos de Aumont e Marie (2012) sobre como os trajes podem amplificar as características emocionais e narrativas de um personagem. Em contraste, o paletó amarelo e a gravata amarela do pai, junto ao traje estampado e chamativo da mãe, refletem a estética exagerada dos Wormwoods, indicando sua ostentação e superficialidade.

Essa dissonância estética entre Matilda e seus pais opera como uma ferramenta narrativa que reforça a desconexão emocional entre os membros da família e destaca os valores opostos que os definem. Como afirma Marcel Martin (2003, p. 77), “por vezes o figurino desempenha um papel diretamente simbólico na ação” e, nesse caso, os trajes não apenas caracterizam os personagens, mas também funcionam como símbolos visuais que comunicam suas diferenças fundamentais e intensificam o contraste entre a inocência de Matilda e a superficialidade de seus pais.

Dessa maneira, a *mise-en-scène* da imagem em questão opera como um mecanismo narrativo essencial, articulando visualmente a separação emocional e ideológica entre a protagonista e sua família. Os contrastes de iluminação e o figurino contribuem significativamente para a construção dos significados internos da cena, enfatizando simbolicamente a jornada de Matilda dentro da trama. Como visto, cada elemento visual não apenas sustenta a estética do filme, mas também desempenha um papel ativo na comunicação de suas temáticas centrais.

Para Dahl (2010), o irmão de Matilda, Michael Wormwood, é retratado como um jovem que, assim como seus pais, Harry e Zinnia, é mais interessado em atividades mundanas e superficiais do que na busca de conhecimento ou desenvolvimento intelectual. Ele é representado como um adolescente preguiçoso, desinteressado pela escola e mais preocupado com diversões triviais, como assistir televisão e brincar com seus brinquedos eletrônicos.

Dahl (2010) ainda enfatiza que, ao contrário de Matilda, que é retratada como uma criança prodígio e ávida leitora, Michael parece não ter interesse em aprender ou se envolver em atividades intelectualmente estimulantes. Ele é frequentemente

mostrado se envolvendo em comportamentos preguiçosos, como se deitar no sofá assistindo televisão por longos períodos, enquanto demonstra pouco interesse em desenvolver suas habilidades acadêmicas ou culturais.

Além disso, Michael também é retratado como um tanto rude e egoísta em relação à sua irmã mais nova. Ele, muitas vezes, zomba de Matilda por sua inteligência e a trata com desdém, refletindo uma dinâmica de relacionamento disfuncional dentro da família Wormwood. Sua falta de apoio e empatia por Matilda sugere uma falta de compreensão e conexão emocional com sua irmã (Braz, 2018).

De maneira marcante, o irmão de Matilda é visto como um personagem bonachão, dado que a sua caracterização é feita através de diversos elementos cinematográficos que destacam a sua personalidade simples e ingênua. Ele é mostrado frequentemente como alguém que segue cegamente as ordens de seu pai, sem questionar ou demonstrar muita inteligência ou iniciativa própria.

Além do mais, as roupas, os gestos e as expressões faciais de Michael contribuem para a percepção de seu caráter bonachão. Ele geralmente é visto com roupas desleixadas e um olhar perdido, muitas vezes mastigando alguma coisa de maneira distraída. Suas falas e ações no filme também reforçam sua imagem de alguém facilmente manipulável.

Esses elementos combinados ajudam a criar uma figura cômica e bem-humorada, que contrasta com a inteligência e a sagacidade de Matilda, a protagonista. A presença de Michael na história serve para enfatizar ainda mais a disparidade entre Matilda e o restante de sua família, realçando o seu papel como o herói que desafia as normas e as expectativas estabelecidas.

Figura 5 – Personagem Michael Wormwood



Fonte: TriStar Pictures (1996).

Infere-se que a composição da imagem destaca Michael Wormwood como o elemento central da cena. Ele está vestido com uma camisa vermelha e usa um boné, posicionando-se de maneira que sua figura se sobressai nitidamente em relação ao fundo. A organização visual conduz naturalmente o olhar do espectador em sua direção, reforçando sua relevância no quadro.

Quanto à paleta de cores, esta é vibrante e impactante. A camisa laranja de Michael contrasta nitidamente com o fundo, chamando atenção para sua presença. O uso da cor laranja pode simbolizar sua energia e impulsividade, atributos frequentemente associados ao personagem. O enquadramento da cena posiciona Michael no centro, estabelecendo-o como o ponto focal principal. Esse enquadramento não apenas enfatiza sua importância na narrativa, mas também facilita uma conexão visual direta com o público.

Destarte, a câmera é colocada em um ângulo direto e ao nível dos olhos, proporcionando uma visão clara e objetiva do personagem. Esse posicionamento cria uma sensação de proximidade e autenticidade, permitindo que o espectador observe Michael de forma realista e se conecte mais facilmente com sua personalidade enérgica e dinâmica.

A mise-en-scène deste plano destaca Michael Wormwood como o elemento central, utilizando recursos visuais para reforçar sua presença e dinamismo. O posicionamento central do personagem, aliado à camisa laranja que contrasta com o fundo, cria um ponto focal evidente, direcionando o olhar do espectador e ressaltando sua energia e impulsividade. Essa composição visual não apenas enfatiza sua personalidade vibrante, mas também contribui para a construção narrativa ao diferenciá-lo dos demais elementos da cena.

Essa centralidade, aliada à paleta de cores intensas, reflete sua personalidade impulsiva e energética, enquanto o boné usado pelo personagem adiciona um toque de casualidade e autenticidade. Sob a perspectiva de Gérard Betton (2002, p. 59), “a cor se impõe em filmes em que ela possa exibir seu caráter feérico, caloroso, artificial e invasor, onde possa ‘frustrar a ação de recalque’”. Nesse contexto, o laranja da camisa de Michael não apenas evoca dinamismo e entusiasmo, mas também atua como um elemento visual que invade a cena com sua intensidade, destacando a energia vibrante do personagem e reforçando sua presença marcante na narrativa.

A câmera focada exclusivamente no rosto amplia a percepção de detalhes, criando uma conexão emocional mais imediata com o público. Como argumenta Xavier (1983, p. 91), “close-ups geralmente são revelações dramáticas sobre o que está realmente acontecendo sob a superfície das aparências”. Essa abordagem, alinhada à perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété, evidencia como o close-up traduz visualmente o estado de espírito dos personagens, intensificando a narrativa visual.

Em Michael Wormwood, essa técnica capta o impacto visceral do momento e transforma a cena em um evento visual poderoso, mantendo o equilíbrio entre humor e emoção. Assim, o close-up atua como uma ferramenta essencial para comunicar as emoções de maneira direta, elevando o impacto da narrativa e reforçando o caráter cômico e dinâmico do personagem.

Diferentemente da natureza corajosa, compassiva e determinada de Matilda, Michael é retratado como alguém que carece dessas qualidades redentoras. O personagem representa a complacência e a apatia em face das injustiças, bem como a falta de motivação para buscar o crescimento pessoal e o autoaperfeiçoamento. Sua caracterização serve como um contraponto ao caráter inspirador de Matilda, destacando as diferentes maneiras como os membros da mesma família podem responder às adversidades da vida (Braz, 2018).

A Senhora Agatha Trunchbull é retratada como uma figura autoritária e tirânica na Escola Primária Crunchem Hall. Ela é a personificação da crueldade e da injustiça, exercendo seu poder de maneira opressiva sobre os alunos e funcionários da escola. Com seu comportamento intimidador e métodos disciplinares abusivos, ela cria um ambiente de medo e opressão, onde os alunos são constantemente humilhados e punidos (Braz, 2018).

Na aparência física, a Sra. Trunchbull é apresentada como uma figura imponente e assustadora, com uma postura vigorosa e musculosa. Seu uniforme militar e o coque apertado contribuem para sua imagem autoritária e inflexível. Em conjunto com as expressões faciais exageradas, como caretas e olhares ferozes, ajudam a reforçar sua natureza intimidante e cruel. Somado a isso, seus movimentos são muitas vezes exagerados, além do andar firme como se estivesse marchando no pelotão do exército, demonstram o seu controle absoluto sobre a escola.

Além do mais, os diálogos de Trunchbull são repletos de ameaças e insultos, reforçando sua personalidade autoritária e abusiva. Sua maneira de falar é muitas

vezes abrupta e severa, o que acentua seu papel de vilã. Ao interagir com outros personagens, a então diretora exerce um papel dominador e opressor sobre eles, como os alunos e a Srta. Honey. Essas interações destacam ainda mais sua natureza despótica e carrasca.

Figura 6 – Personagem Agatha Trunchbull



Fonte: Twitter (2018).

Por meio da imagem retratada, evidencia-se a presença imponente e intimidadora de Agatha Trunchbull. A personagem é posicionada de forma central e dominante, reforçando seu papel de autoridade opressora na narrativa. A iluminação dramática e direcionada cria sombras marcantes, que acentuam suas feições rígidas e severas. Esse jogo de luzes contribui para a construção de uma atmosfera densa e intimidante, refletindo sua personalidade controladora e ameaçadora.

A paleta de cores é composta por tons escuros e sóbrios, predominantemente cinza e preto, presentes no figurino de Trunchbull. Essas tonalidades sombrias contrastam significativamente com as cores associadas à vivacidade e inocência de Matilda, destacando o antagonismo visual entre as duas personagens. O enquadramento é fechado, focando a personagem de perto para capturar suas expressões faciais e postura dominante. Esse enquadramento transmite a intensidade da presença de Trunchbull, além de criar uma sensação de claustrofobia, refletindo o impacto que sua figura exerce sobre os alunos.

A câmera é posicionada em um ângulo ligeiramente baixo, olhando para cima em direção a Trunchbull, ampliando sua aura de autoridade e intimidação. Esse

ângulo reforça a percepção de poder absoluto que a personagem impõe aos demais, destacando sua capacidade de controlar e subjugar aqueles ao seu redor.

A mise-en-scène deste plano intensifica a aura intimidadora da personagem por meio de um close-up fechado, que captura cada detalhe de sua expressão facial rígida. O enquadramento aproxima o espectador de Trunchbull, tornando sua presença opressiva e inevitável. Sob a perspectiva de Ismail Xavier (1983, p. 58), o close-up não apenas isola um fragmento específico da cena, mas também constrói significados próprios ao revelar camadas emocionais e narrativas que estão além das aparências. No caso de Trunchbull, essa técnica amplifica sua dominância e reforça a atmosfera de ameaça palpável, enquanto a iluminação dramática, com sombras duras projetadas em seu rosto, intensifica o impacto visual e emocional da personagem.

Além disso, o figurino e a paleta de cores desempenham um papel fundamental na percepção de sua ameaça. Os tons escuros e opacos presentes em suas roupas contrastam com o universo infantil e vibrante de Matilda, destacando sua posição como uma força opressora na narrativa. Lotte Eisner apud Marcel Martin (2003, p. 76) observa que “o traje nunca é um elemento artístico isolado. Deve ser considerado em relação com um determinado tipo de realização, a que pode acrescentar ou diminuir o efeito”.

Nesse contexto, o figurino de Trunchbull não apenas reforça sua presença intimidadora, mas também se destaca do fundo dos cenários para valorizar suas expressões rígidas e gestos autoritários, intensificando sua dominância. Assim, o traje atua como uma extensão visual de sua personalidade, contribuindo para a construção simbólica de sua ameaça e consolidando sua posição como antagonista na narrativa.

A análise da mise-en-scène revela sua eficácia em comunicar significados subtis por meio de elementos visuais e narrativos integrados. Detalhes como o close-up fechado e o figurino opaco de Trunchbull intensificam sua aura opressiva e ameaçadora. Esses elementos, somados à iluminação dramática e à construção simbólica, consolidam sua posição como antagonista e ampliam o impacto emocional e visual da narrativa. Assim, a mise-en-scène vai além do estético, tornando-se essencial para realçar a tensão dramática e a complexidade do filme.

Outrossim, a diretora escolar é caracterizada por sua rigidez e falta de empatia. Ela impõe regras absurdas e punições cruéis aos alunos, como jogá-los pela janela ou trancá-los na *chokey* (“sufoco”), uma espécie de cela sombria e claustrofóbica. Sua

autoridade é inquestionável e ela não tolera desafios ou questionamentos de sua liderança (Moreno, 2008).

Além de sua brutalidade física, Moreno (2008) destaca que Trunchbull também é retratada como uma figura psicologicamente manipuladora. Ela usa táticas de intimidação e chantagem para manter os alunos sob controle, ameaçando-os com punições ainda mais severas se desafiarem sua autoridade. Sua presença na escola é uma fonte constante de ansiedade e angústia para os alunos, que vivem com medo de suas reações explosivas e imprevisíveis.

Figura 7- A atitude da Sra. Trunchbull



Fonte: TriStar Pictures (1996).

A imagem apresenta um enquadramento dramático que captura a atitude autoritária da Sra. Trunchbull em relação a um aluno de sua escola. A diretora segura a criança pelo tornozelo, deixando-a de ponta-cabeça, uma pose que simboliza sua postura opressora e o desequilíbrio de poder entre os personagens. A interação na cena ressalta a figura dominante de Trunchbull e a vulnerabilidade do aluno, intensificando a tensão dramática. A iluminação está estrategicamente focada nos personagens, criando um contraste que realça a ação central e direciona o olhar do espectador.

O uso de sombras na composição adiciona profundidade e um toque de mistério à cena. As cores também desempenham um papel significativo: o traje verde de Trunchbull se destaca como um ponto focal, atraindo a atenção do espectador. A escolha dessa cor, semelhante ao verde militar dos fardamentos do exército, reforça a imagem de poder e controle absoluto da personagem. Esse detalhe visual sublinha sua autoridade rígida e intimidadora.

O ângulo de câmera utilizado é *Contra-Plongée* (de baixo para cima), evidenciado pela forma como a Sra. Trunchbull é retratada, ampliando sua presença imponente e dominadora. No entanto, o aluno, visto de cabeça para baixo, é enquadrado de maneira que enfatiza sua fragilidade e impotência. Essa escolha de ângulo não apenas contribui para a atmosfera dramática da cena, mas também destaca a relação de tensão e desigualdade entre os personagens, reforçando o impacto emocional da narrativa.

A *mise-en-scène* deste plano exalta a brutalidade da postura autoritária da Sra. Trunchbull, intensificando o desequilíbrio de poder entre ela e o aluno. Marcel Martin (2003, p. 53) ressalta que o enquadramento inclinado pode querer materializar, aos olhos do espectador, uma imposição sofrida por uma personagem, como uma perturbação ou um desequilíbrio moral. Nesse contexto, o enquadramento dramático e inclinado realça a violência implícita na atitude de Trunchbull, reforçando visualmente seu domínio absoluto e a transformação do corpo infantil em um objeto manipulável dentro da narrativa.

A escolha do ângulo *contra-plongée* intensifica a hierarquia na cena, posicionando a Sra. Trunchbull como uma figura indomável e intransponível. Gérard Betton (2002, p. 34-35) observa que o *contra-plongée* magnifica os indivíduos, evocando superioridade, poder, triunfo, orgulho, majestade, ou, em casos específicos, tragédia e pavor. Essa técnica é utilizada aqui para exaltar a presença física de Trunchbull, transformando-a quase em uma entidade inatingível e opressiva. Sua figura, engrandecida pela câmera posicionada de baixo para cima, domina completamente o espaço visual, evocando tanto o poder absoluto quanto o peso de sua presença.

Esse enquadramento também reforça o contraste psicológico na cena: enquanto Trunchbull é magnificada pela angulação, o aluno, reduzido a um objeto de sua manipulação, é apresentado de maneira que enfatiza sua fragilidade. A posição

de ponta-cabeça do personagem não apenas distorce a ordem natural, mas também traduz visualmente o caos, a injustiça e o abuso de poder impostos pela vilã. Dessa forma, a escolha do contra-plongée, como apontado por Vanoye e Goliot-Lété, intensifica a tensão entre opressor e oprimido, criando uma composição visual que captura e amplifica a dinâmica de poder e submissão.

Além do mais, o gesto cênico da Sra. Trunchbull ao segurar um aluno de ponta a cabeça em “Matilda”, é uma representação visual poderosa de sua crueldade e autoridade. Nesta cena, evidencia-se o contraste entre sua postura resistente e o desconcerto do aluno que reforça mais ainda a dominação que ela exerce sobre as crianças da escola. Esse gesto dramático encapsula visualmente a arbitrariedade da diretora e cria um impacto contínuo tanto no espectador quanto na narrativa do filme.

Assim como os Wormwoods, Trunchbull, na perspectiva de Dahl (2010), representa um exemplo extremo de comportamento egoísta e cruel. Sua falta de compaixão e respeito pelos outros é evidente em sua atitude desumana em relação aos alunos, os quais ela vê como meros objetos a serem controlados e subjugados. Sua caracterização como uma antagonista implacável serve como um contraponto ao caráter heroico e compassivo de Matilda, destacando as forças do bem e do mal em conflito dentro da narrativa do filme.

Esses aspectos irrisórios ajudam a criar uma figura de vilã inolvidável, que serve como o principal obstáculo que Matilda deve superar. A caricatura de Trunchbull também adiciona um elemento de humor ácido ao filme, tornando suas ações terríveis de uma maneira que é ao mesmo tempo assustadora e cômica.

Em contrapartida, na trama de *Matilda*, a Senhorita Jennifer Honey é a personagem que representa um contraponto à tirania da diretora Agatha Trunchbull. Ela é apresentada como uma figura gentil, atenciosa, compassiva e preocupada com o bem-estar de seus alunos, incluindo Matilda (Dahl, 2010).

Em conformidade com Dahl (2010), Moreno (2008) destaca que a Senhorita Honey é retratada como uma professora dedicada, cujo amor pelo ensino é evidente em sua interação carinhosa e encorajadora com os alunos; ela valoriza a criatividade, a curiosidade e o potencial de cada criança, criando um ambiente de aprendizado positivo e acolhedor em sua sala de aula.

Diferente dos outros personagens em “Matilda” (1996), a Jennifer Honey não é retratada de maneira caricaturesca. Ela é, ao contrário, um contraste marcante com

os personagens exagerados e vilanescos ao seu redor. Assim, a Srta. Honey é apresentada de maneira simples e natural. Suas roupas são modestas e suaves, refletindo sua personalidade gentil e discreta.

Figura 8 – Personagem Professora Honey



Fonte: Pinterest (2021).

A imagem utiliza um plano médio para capturar uma interação agradável entre a Srta. Honey e Matilda, ambas sentadas à mesa em uma cozinha no chalé da professora. O enquadramento é centralizado nas personagens e nos elementos da mesa, destacando a ação de servir o leite com biscoitos, o que sugere uma relação mútua de cuidado e carinho. A iluminação natural aparenta vir de uma janela no fundo, criando um ambiente acolhedor e autêntico. A luz suave e difusa destaca as personagens e os objetos na mesa, adicionando uma sensação de calor e conforto à cena.

A direção de arte é detalhada e cuidadosamente escolhida, com elementos como a chaleira verde, os biscoitos, o jarro com flor amarela e os utensílios de cozinha pendurados na parede. Esses detalhes contribuem para a mise-en-scène, criando uma atmosfera confortável na casa de campo da Srta. Honey, proporcionando uma sensação que evoca aconchego familiar.

Utiliza-se na imagem apresentada uma paleta de cores suaves e quentes. Os tons de verde, amarelo e marrom predominam, criando uma atmosfera acolhedora e nostálgica. A chaleira verde e a flor amarela sobre a mesa adicionam toques de cor que chamam a atenção sem destoar do ambiente geral. Assim, as cores escolhidas

evocam sentimentos de tranquilidade, intimidade e carinho. Elas ajudam a criar uma atmosfera relaxante e convidativa, reforçando o laço emocional de amizade entre as personagens.

O uso do plano médio permite uma visão clara das personagens e da interação entre elas. Este ângulo é eficaz para mostrar a relação próxima e amigável, além de destacar a ação central da cena de servir o leite. O ângulo de câmera, alinhado praticamente à altura dos olhos das personagens, cria um ponto de vista subjetivo que proporciona uma sensação de imersão ao espectador. Essa escolha permite ao público sentir-se parte do momento íntimo e cotidiano capturado na cena familiar, reforçando sua identificação emocional com a narrativa.

A mise-en-scène deste plano reforça a intimidade e a conexão emocional entre Srta. Honey e Matilda, utilizando um plano médio conjunto que encapsula as duas personagens em um espaço harmonioso e acolhedor. Sendo assim, o plano conjunto e a escolha do ângulo de câmera na altura dos olhos potencializam a sensação de proximidade. Marcel Martin (2003, p. 51) observa que ângulos de filmagem excepcionais, quando não diretamente justificados por uma situação ligada à ação, podem adquirir significados psicológicos específicos, adicionando camadas interpretativas à narrativa. Esse enquadramento direto ao nível dos olhos promove um envolvimento íntimo com as personagens, eliminando distorções visuais e colocando o espectador em uma posição de igualdade.

Segundo Xavier (1983, p. 97), cada ângulo visual transmite uma atitude interior, sendo o objetivo de um plano o reflexo subjetivo de sua composição. Dessa forma, o ângulo neutro escolhido aqui carrega implicações emocionais que ampliam a conexão entre espectador e personagem. Assim, a neutralidade do plano conjunto se torna um recurso visual eficaz para amplificar a harmonia e a proximidade na relação retratada, enquanto as teorias destacadas sublinham o poder subjetivo e psicológico desse recurso cinematográfico.

Cada detalhe da mise-en-scène foi pensado para construir um ambiente acolhedor e sincero, transformando essa sequência em um momento de grande carga emocional dentro do filme. Nessa cena, a escolha dos planos intensifica o vínculo entre Srta. Honey e Matilda, transmitindo uma conexão emocional que transcende o espaço narrativo. Além disso, a composição visual é projetada de maneira a direcionar

o olhar do espectador para os símbolos da interação, fortalecendo a harmonia e a delicadeza da relação retratada.

Ao contrário da Senhora Trunchbull, cuja autoridade é baseada no medo e na intimidação, a Senhorita Honey conquista o respeito de seus alunos por meio de sua bondade e compaixão. Ela está sempre disposta a ouvir e apoiar os alunos em suas dificuldades, oferecendo conforto e orientação quando necessário. Matilda encontra na Senhorita Honey uma mentora e amiga, alguém em quem confiar e com quem compartilhar suas preocupações. (Dahl, 2010).

Nas descrições comportamentais e gestuais, a professora Honey age de modo calmo e paciente, demonstrando empatia com seus alunos, especialmente com Matilda. Seu gestual é suave e reconfortante, enfatizando sua natureza carinhosa e protetora. Já os diálogos da personagem em questão são tranquilos e encorajadores, refletindo sua bondade e sabedoria. Ela é um suporte de apoio e inspiração para Matilda, auxiliando a protagonista a desenvolver seu potencial.

Destarte, Moreno (2008) aponta que a relação entre Matilda e a Srta. Honey é uma fonte de inspiração e esperança na história, demonstrando o poder transformador do amor e da educação. Por meio do apoio e orientação da Srta. Honey, Matilda descobre sua própria força interior e capacidade de enfrentar os desafios que encontra em sua vida.

A bondade é uma característica central na constituição do perfil da personagem Jennifer Honey, desempenhando um papel crucial na narrativa de Matilda e na conexão emocional entre os personagens. Sua gentileza não se limita a ações altruístas; ela é intrínseca à sua essência, representando um contraste nítido com a crueldade de figuras como a Sra. Trunchbull. Esse perfil tipificado reflete uma função arquetípica de mentor ou guardião presente nos contos de fadas, onde a bondade serve como uma força transformadora.

Assim, a Senhorita Honey age como um catalisador para o desenvolvimento de Matilda, promovendo coragem, autoconfiança e resiliência. Além disso, sua bondade é apresentada como vulnerável, mas poderosa, evidenciando que ela não apenas inspira, mas também desafia as adversidades ao ser um símbolo de esperança em meio à opressão. Em última instância, a tipificação da bondade na Srta. Honey transcende o simples gesto de ajuda e passa a representar um ideal de humanidade

que transforma e guia, tornando-a um eixo fundamental para o desenrolar da trama e para a mensagem moral do filme.

A bondade de Jennifer Honey, longe de ser excessiva, é apresentada como uma virtude que transcende altruísmo simples e adquire um papel simbólico dentro da narrativa de Matilda. Sua generosidade e empatia são evidenciadas por meio de ações consistentes que vão além do esperado, como oferecer apoio emocional e intelectual a Matilda mesmo enquanto enfrenta suas próprias dificuldades, especialmente as imposições da Sra. Trunchbull. Essa qualidade é destacada por sua postura gentil, sua paciência inabalável e sua capacidade de enxergar o potencial de Matilda quando outros a subestimam.

Além disso, a bondade da personagem também atua como uma força contrapontal na história: enquanto a crueldade da vilã é opressiva e destrutiva, a gentileza de Srta. Honey oferece um refúgio e, ao mesmo tempo, uma inspiração transformadora. O filme utiliza elementos visuais e narrativos, como a iluminação suave em cenas em que ela aparece e seu tom de voz caloroso, para reforçar sua qualidade virtuosa. Assim, a bondade da Srta. Honey não é “excessiva” ou irrealista; ela é intencionalmente construída como um pilar narrativo que simboliza esperança e coragem, sublinhando sua importância no enfrentamento de adversidades e na formação de laços genuínos.

A Srta. Honey é associada a uma “heroína educativa” porque desempenha o papel de mentora e guia, promovendo não apenas o aprendizado formal, mas também o desenvolvimento emocional e ético de Matilda. Essa associação surge de sua habilidade de nutrir o talento e o potencial da protagonista em meio a um ambiente hostil e opressor. Como educadora, Srta. Honey desafia a norma da passividade e se torna uma facilitadora do empoderamento de Matilda, oferecendo suporte emocional e intelectual.

Sua atuação é simbolicamente heroica porque ela não apenas ensina conteúdos acadêmicos, mas também representa valores de empatia, paciência e justiça. Isso é evidenciado tanto em suas ações gentis e compreensivas quanto em sua coragem de enfrentar, mesmo que de forma sutil, a tirania representada pela Sra. Trunchbull. Além disso, sua postura inspira Matilda a acreditar em si mesma e a usar suas habilidades de maneira positiva, o que reflete o papel transformador dos “heróis educativos” em narrativas. A Srta. Honey se posiciona como um modelo de bondade

e coragem que transcende os métodos pedagógicos tradicionais, simbolizando a força de uma educação fundamentada em humanidade e respeito mútuo.

De acordo com Moreschi (2021), a análise dos personagens não se limita apenas às suas características individuais, mas busca identificar os papéis que desempenham na estrutura narrativa. Seguindo os conceitos estabelecidos por Propp (1983), em sua teoria morfológica do conto, cada personagem é visto como um arquétipo que contribui para o desenvolvimento da história. Nesse contexto, os atributos e comportamentos dos personagens são examinados não apenas como traços individuais, mas como elementos que cumprem funções específicas dentro da narrativa, contribuindo para a construção e progressão da trama. Conforme apresentado no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Principais características dos personagens do filme Matilda

Personagem	Descrição
Matilda	Uma menina prodígio de seis anos, inteligente e independente, que é negligenciada e maltratada por sua família. Encontra consolo nos livros e possui habilidades psicocinéticas.
Pais de Matilda	Harry: Um vendedor de carros desonesto e negligente. Zinnia: Uma mãe apática e desinteressada.
Irmão de Matilda	Michael: O irmão mais velho de Matilda, que segue os passos dos pais na desonestidade e negligência.
Diretora Trunchbull	Uma mulher tirânica e intimidadora, conhecida por seus métodos disciplinares abusivos na Escola Primária Crunchem Hall.
Professora Honey	A Senhorita Jennifer Honey é uma figura gentil, compassiva e dedicada ao ensino. Ela valoriza a criatividade e o potencial de cada aluno, criando um ambiente de aprendizado positivo.

Fonte: Mahmudah (2018).

Na perspectiva de Propp (1983), ao analisar individualmente cada personagem, torna-se mais fácil enquadrá-los dentro das perspectivas da narrativa, onde cada personagem desempenha um papel específico e previsível. Propp (1983) identificou arquétipos recorrentes que ocupam lugares bem definidos na estrutura narrativa, o que facilita a compreensão das funções que cada personagem desempenha ao longo da história. Ao examinar as características de cada personagem de forma isolada, é

possível identificar padrões comportamentais e motivacionais que os alinham com os papéis estabelecidos por Propp (1983), contribuindo assim para uma análise mais detalhada e precisa da dinâmica narrativa.

A fim de apresentar uma análise das principais funções narrativas presentes no filme “Matilda”, destacando como esses elementos estruturais impulsionam a trama e contribuem para o desenvolvimento dos personagens e da história como um todo, cada função é examinada em relação ao seu papel na progressão da narrativa, fornecendo uma compreensão mais detalhada condução entre os personagens e os eventos que ocorrem ao longo do filme. Esta análise pode ser vista consoante o quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Análise das funções narrativas em 'Matilda'

Função	Descrição
Ausência (Função 1)	Os pais de Matilda não valorizam a educação e negligenciam suas necessidades, principalmente ao deixá-la sozinha. Isso estabelece o conflito inicial e a motivação de Matilda para buscar conhecimento e justiça.
Proibição (Função 2)	Matilda é proibida de ler livros em casa e de ir à escola. Isso aumenta o conflito e a tensão na história.
Transgressão (Função 3)	Matilda desobedece e vai à biblioteca sozinha. Isso é um ato de rebelião que desafia a autoridade dos pais e estabelece Matilda como uma personagem proativa.
Interrogatório (Função 4)	Um dos exemplos ocorre quando a diretora Trunchbull interroga a aluna Amanda Tripton sobre o penteado do cabelo.
Informação (Função 5)	Em seguida, a aluna Amanda Tripton responde os questionamentos da diretora.
Reconhecimento do vilão	Ao ver as atitudes da diretora contra os alunos da escola, Matilda reconhece a Sra. Trunchbull como uma figura

(Função 8)	malévola. Isso estabelece a Sra. Trunchbull como a principal antagonista da história.
Momento de Conexão (Função 9)	Acontece quando Matilda toma conhecimento da história de Srta. Honey e Sra. Trunchbull.
Reação (Função 10)	Matilda reage com esperteza, coragem e bravura diante dos problemas ao buscar na leitura a chave da resolução.
A partida (Função 11)	Ao enfrentar problemas, Matilda sai de casa e parte em busca de meios que possam ajudar a resolver. Um exemplo marcante sobre essa questão é a ida à biblioteca.
Tensão (Função 12)	Matilda é submetida a situações de estresse com a família que posteriormente ocasionará na percepção dos poderes telecinéticos.
Gratidão (Função 13)	Matilda é grata à Srta. Honey em ajudá-la diante das dificuldades.
Os poderes mágicos (Função 14)	No momento de tensão com os pais, Matilda descobre que tem poderes telecinéticos. Isso é um ponto de virada na história, pois dá a Matilda a capacidade de lutar contra a Sra. Trunchbull.
Da casa da tia má ao chalézinho (Função 15)	No caminho para o pequeno chalé, a srta. Honey mostra a Matilda a casa em que morava na infância.
Combate (Função 16)	Ao exigir saber a quem pertence o laço de cabelo, a Sra. Trunchbull ameaça Matilda na sala de aula.
Julgamento (Função 17)	Com base nos pais, a Sra. Trunchbull julga Matilda como “víborazinha”, “nojenta”, “pestinha”.
Vitória (Função 18)	Quando a Sra. Trunchbull vai embora de vez não só da escola, mas também da cidade onde vive.

Batalha decisiva (Função 19)	Matilda usa seus poderes para derrotar a Sra. Trunchbull. Isso é o clímax da história, onde o conflito principal é resolvido.
Regresso (Função 20)	Após o castigo, Matilda volta à sala de aula e no momento de tensão consegue usar os seus poderes mágicos.
Perseguição (Função 21)	A Sra. Trunchbull persegue Matilda na escola com o motivo de dar uma lição nela e no pai.
Salvamento (Função 22)	A Srta. Honey salva Matilda do 'Sufoco'.
Pretensões infundadas (Função 24)	Harry Wormwood repreende Matilda por ser esperta demais, enfatizando que quando uma pessoa é má ela precisa de uma lição.
Tarefa difícil (Função 25)	Matilda pretende recuperar os tesouros de infância da Srta. Honey que estão guardados na casa da Sra. Trunchbull.
Realização (Função 26)	Ocorre quando Matilda recupera os tesouros de infância de sua professora.
Reconhecimento (Função 27)	O laço vermelho deixado por Matilda na janela da casa da Sra. Trunchbull.
Confrontar (Função 28)	A Srta. Honey enfrentando de vez a tia Agatha Trunchbull.
Castigo (Função 30)	A Sra. Trunchbull recebe o castigo pelos seus atos contra os alunos na Escola Primária Crunchem Hall.
Recompensa (Função 31)	

	Matilda é adotada pela Sra. Honey, e elas vivem felizes. Isso é a resolução da história, onde o equilíbrio é restaurado e Matilda finalmente encontra um lar amoroso.
--	---

Fonte: Adaptado de Propp (1983).

Deste modo, ao examinar “Matilda” através da lente da teoria de Propp (1983), torna-se evidente como os elementos narrativos se encaixam em padrões reconhecíveis de funções e personagens. Essa abordagem analítica oferece insights valiosos sobre a estrutura subjacente da história, destacando os papéis distintos que cada personagem desempenha na progressão da trama e no desenvolvimento do enredo.

De acordo com Facioli et al., (2014), ao se examinar as funções narrativas, desde a ausência inicial que estabelece o conflito até o retorno que conclui a jornada, percebemos como cada elemento se encaixa em um padrão reconhecível que transcende as especificidades do filme. Essas funções não apenas impulsionam a narrativa, mas fornecem uma estrutura sólida sobre a qual os eventos se desdobram, e oferecem ao público uma experiência envolvente.

Para além disso, Araujo (2008) acrescenta a análise das funções narrativas e ressalta a importância do trabalho de Propp como um guia para entender não apenas “Matilda”, bem como outras narrativas em diferentes mídias e gêneros. Sua abordagem sistemática permite aos estudiosos e espectadores desvendar os complexos mecanismos que impulsionam as histórias, proporcionando uma compreensão mais ampla da arte da narrativa.

Entre as categorias que não se aplicam em “Matilda”, as funções de ardil, cumplicidade, transfiguração e chegada incógnito não contemplam o filme em questão. Por outro lado, ao apresentar 27 funções dos personagens, além das seis principais esferas de ação, percebe-se que a filmografia “Matilda” representa um conto maravilhoso moderno voltado para o lúdico infantil que capta a atenção do espectador ao envolvê-lo numa história divertida e cativante.

Assim, percebe-se que conforme a base teórica de Vladimir Propp, a análise do filme “Matilda” enquadra-se na maioria das funções identificadas pelo teórico. Ao seguir as circunstâncias do desenrolar da narrativa, nota-se que o filme apresenta as funções principais de maneira gradativa a exemplo da falta, proibição, intervenção

mágica, prova, superação e recompensa que são convencionais entre os contos de fadas ao seguir um começo, meio e fim.

Em conclusão, vale acentuar a capacidade de compreender as necessidades e as pretensões dos personagens, pois, é a partir deles que ocorre o desenvolvimento da narrativa. Dessa forma, “Matilda” moderniza as funções e as esferas de ação das narrativas tradicionais dos contos de fadas, se ajustando a diferentes contextos culturais e temporais, ao mesmo tempo em que mantém elementos maravilhosos numa história comovente e divertida que conquistou o público contemporâneo.

2.1.1 O Herói e o Antagonista: Matilda e Agatha Trunchbull em foco

A dinâmica entre Matilda e Agatha Trunchbull exemplifica a relação clássica entre herói e vilão, conforme descrita na *Morfologia dos Contos Maravilhosos* de Vladimir Propp. Enquanto Matilda representa o arquétipo do herói buscador, guiada por seu senso de justiça e determinação, Trunchbull personifica o antagonista implacável, cujas ações abusivas e tirânicas impulsionam os conflitos centrais da narrativa. Essa interação não apenas estrutura a trama, mas também ressalta temas universais de resiliência e coragem diante da opressão.

A seguir, a imagem mostra uma interação central entre Matilda e Sra. Trunchbull, mediada pela Srta. Honey na sala de aula.

Figura 9 - Matilda Wormwood x Agatha Trunchbull



Fonte: Teen Vogue (2016).

A presença de duas crianças parcialmente visíveis no primeiro plano contribui para a composição em camadas, adicionando profundidade à cena. Essa escolha

sugere que a interação principal está sendo discretamente observada, intensificando a tensão narrativa. O uso do plano médio enfatiza a importância da cena, permitindo que a posição e a postura das personagens transmitam visualmente sua dinâmica. A composição captura com eficácia o equilíbrio entre proximidade emocional e contexto narrativo.

A iluminação que atravessa as janelas com persianas cria um efeito de luz difusa direcionada, destacando as personagens principais enquanto reforça o aspecto institucional do ambiente escolar. Esse esquema de iluminação contribui para uma atmosfera de formalidade e tensão. A postura inclinada da Sra. Trunchbull reforça sua posição de autoridade, enquanto a postura da Srta. Honey, que intermedia a discussão, sugere uma conversa tensa sobre a vida de Matilda.

A câmera, posicionada ao nível dos olhos das personagens, estabelece um ponto de vista neutro e objetivo, reforçando a conexão do espectador com a cena. A leve inclinação para baixo sugere uma sutil afirmação de autoridade por parte da personagem Agatha Trunchbull, intensificando sua presença dominadora. Além disso, a escolha de uma câmera estática, sem movimentos, reforça a estabilidade visual, permitindo que o espectador se concentre no diálogo e nas emoções das personagens. Essa abordagem minimalista intensifica o impacto da interação dramática.

A mise-en-scène deste plano utiliza com precisão os elementos visuais para construir uma atmosfera de tensão e confronto dentro do ambiente escolar. Gerard Betton (2002) destaca que o plano médio é fundamental para criar um equilíbrio entre os personagens e o contexto, permitindo que o espectador observe tanto as expressões e posturas das figuras principais quanto os elementos do ambiente. Nesse caso, o plano médio centraliza a dinâmica entre Matilda, Sra. Trunchbull e Srta. Honey, reforçando visualmente o conflito implícito e assegurando que as relações hierárquicas sejam claramente percebidas pelo público.

O posicionamento da câmera ao nível dos olhos das personagens estabelece um ponto de vista neutro e objetivo, inserindo o espectador diretamente no diálogo e criando um envolvimento íntimo com a narrativa. Marcel Martin (2003, p. 36) observa que câmeras posicionadas ao nível dos olhos criam um senso de igualdade, promovendo identificação emocional com os personagens. No entanto, a leve inclinação para baixo sobre Trunchbull reforça sutilmente seu papel de autoridade e

ameaça, acentuando sua presença psicológica. Esse recurso, como apontado por Aumont e Marie (2012), é fundamental para amplificar relações de poder sem recorrer a exageros visuais.

A análise apresentada do filme “Matilda” destaca a relevância dos elementos de mise-en-scène na construção da atmosfera de tensão e confronto no ambiente escolar, evidenciando o impacto do plano médio na percepção das relações hierárquicas. O posicionamento estratégico da câmera amplia a imersão do espectador, reforçando a narrativa visual de forma sutil e eficaz. Assim, os recursos cinematográficos utilizados não apenas intensificam o conflito entre os personagens, mas também promovem um envolvimento mais imersivo, tornando a cena marcante dentro do contexto da obra.

Ao analisar os padrões comportamentais de Matilda e Agatha Trunchbull, observa-se a aplicação consistente dos papéis narrativos definidos por Vladimir Propp (1983), cuja teoria fornece a estrutura fundamental para entender a dinâmica entre heroína e antagonista. Matilda, como protagonista, apresenta características como coragem, determinação e um desejo intrínseco de justiça. Ela enfrenta a autoridade opressora da diretora, buscando corrigir as injustiças ao seu redor, um reflexo claro do herói que supera desafios e adversidades ao longo da narrativa.

Por outro lado, Trunchbull personifica o antagonista, exibindo comportamentos autoritários, tirânicos e cruéis. Suas ações abusivas criam conflitos que impulsionam a trama, destacando a função do vilão na narrativa. Como Facioli et al. (2014, p. 01) observam: “Toda a trama de um conto de fadas se dá em virtude dos atos do vilão. Sem o vilão não existe mocinho/herói, ou seja, não existe história.” A tensão entre Matilda e Trunchbull estrutura o conflito central e possibilita a exaltação da heroína.

Sua jornada de heroína começa a ser moldada desde os primeiros momentos em casa, onde a dinâmica disfuncional da família Wormwood inicia seu percurso narrativo. Desde o nascimento, Matilda enfrenta negligência e falta de atenção, como quando seus pais a esquecem no carro ao sair da maternidade. Esse ambiente hostil intensifica o sentimento de carência durante seu crescimento, culminando no abandono emocional e na responsabilidade de cuidar de si mesma.

Os eventos que moldam a jornada de Matilda seguem as funções narrativas propostas por Propp, como ‘Ausência’, ‘Proibição’, ‘Transgressão’ e ‘Dano’. Esses elementos estabelecem a trajetória da protagonista desde o ambiente hostil de sua

família até a escola Crunchem Hall, onde enfrenta a tirania de Trunchbull. Cada função narrativa não apenas impulsiona a trama, mas também contribui para o desenvolvimento da heroína, destacando sua transformação e busca por justiça.

Dentro da análise das categorias morfológicas propostas por Propp, a dinâmica familiar de Matilda caracteriza a função 1, denominada 'Ausência', em que “um dos membros da família sai de casa”. Desde seu nascimento, nota-se o afastamento emocional dos pais, que negligenciam a bebê ao ponto de esquecê-la no carro ao sair da maternidade. Esse distanciamento continua ao longo de seu crescimento, forçando Matilda a assumir responsabilidades cedo e cuidar de si mesma em um ambiente de abandono emocional.

1) O afastamento pode ser de uma pessoa da geração mais velha. Os pais saem para trabalhar (113). “O príncipe teve de partir para uma longa viagem deixando sua mulher confiada a estranhos” (265). “Ele (o mercador) parte para países estrangeiros” (197). As formas habituais de afastamento são: para o trabalho, para a mata, para dedicar-se ao comércio, para a guerra, “a negócios” (Propp, 2001, p. 19).

Os primeiros conflitos de Matilda surgem com a imposição da função 2, identificada como 'Proibição', quando seu pai a impede de acessar livros ou frequentar a escola. Essa restrição reflete o contraste entre os valores da jovem menina e os de sua família. Em uma dinâmica familiar funcional, os pais incentivariam o aprendizado e o progresso intelectual de seus filhos. No entanto, para os Wormwood, a busca da filha pelo conhecimento é vista como uma falha, já que eles se consideram superiores intelectualmente e rejeitam qualquer valor associado ao saber.

As tensões entre Matilda e seu pai fortalecem sua convicção de que “pessoas más” merecem punição, um reflexo direto de seu senso de justiça em formação. Suas travessuras, portanto, transcendem simples atos de rebeldia e assumem a função narrativa de ‘Transgressão’ (Propp, 2001), expressando não apenas a quebra de normas impostas, mas também suas próprias concepções morais. Essas ações são movidas pela tentativa de restaurar o equilíbrio em meio às situações de opressão vivenciadas.

A transgressão da proibição imposta à heroína manifesta-se de maneira emblemática em suas visitas frequentes à biblioteca, uma atitude que desafia as ordens restritivas de seu pai. Além disso, observa-se a eventual mudança de opinião de Harry Wormwood quanto à ida de Matilda à escola, ainda que suas intenções sejam

distorcidas. Ao enviá-la para a Escola Crunchem Hall, com o objetivo de “corrigir” a filha, Harry demonstra uma visão contrária à concepção tradicional de aprendizagem. É nesse novo ambiente que se inaugura a verdadeira jornada de Matilda como heroína, com desafios que definirão sua trajetória.

Na narrativa de Matilda, a ida à escola Crunchem Hall representa um marco crucial que a posiciona como um verdadeiro herói buscador dentro da estrutura morfológica de Propp. Esse arquétipo descreve personagens que se aventuram em jornadas em busca de conhecimento, justiça ou autodescoberta, características que definem a trajetória da protagonista. Ao ingressar na escola, Matilda embarca em uma jornada que transcende a educação formal, guiada por um desejo intrínseco de justiça.

Na escola, Matilda se depara com a tirania da diretora Trunchbull e com as dificuldades enfrentadas por seus colegas. Além de buscar sua própria emancipação, a personagem atua como uma força catalisadora de mudanças no ambiente ao seu redor, lutando não apenas por si, mas também em defesa de seus amigos oprimidos e da bondosa Srta. Honey. Sua busca reforça seu senso de justiça e determinação em combater a opressão.

A descoberta de seus poderes telecinéticos é um ponto de virada típico do herói buscador, que, ao longo da jornada, adquire habilidades especiais que lhe permitem superar adversidades. Esses poderes não apenas simbolizam sua crescente autoconfiança, mas também atuam como instrumentos de justiça contra a opressão da Sra. Trunchbull.

Dessa forma, a ida à escola não apenas marca o início da busca de Matilda por justiça e transformação, mas também a posiciona como um símbolo de resistência contra a tirania e um verdadeiro herói buscador, cuja jornada inspira mudança e esperança.

A manifestação das funções de ‘Dano’ e ‘Carência’, conforme a estrutura narrativa de Propp, desempenha um papel essencial na jornada de Matilda como heroína buscadora. Em sua história, a função de dano é evidente no ambiente opressivo e abusivo criado pela diretora Agatha Trunchbull, assim como pela negligência emocional de seus pais. Esses elementos destacam os obstáculos iniciais que moldam sua trajetória heroica.

A função de ‘Dano’ se concretiza nas injustiças e crueldades enfrentadas por Matilda e seus colegas, fruto das ações tirânicas de Trunchbull. A diretora, ao aplicar

métodos punitivos severos, gera um clima de medo e insegurança na escola. Esses atos funcionam como catalisadores narrativos, impulsionando Matilda a utilizar seus poderes mágicos para confrontar a tirania e proteger seus amigos. É essa luta contra as adversidades que enfatiza sua determinação em restaurar o equilíbrio e a justiça.

Simultaneamente, a função de 'Carência' surge na ausência de uma liderança justa e protetora para os alunos, que ficam vulneráveis aos abusos de Trunchbull. Matilda reconhece essa necessidade e, movida pelo desejo de justiça, assume um papel ativo como defensora de seus colegas. Sua busca por igualdade e segurança não é apenas individual, mas coletiva, reforçando seu papel de heroína.

Essas duas funções narrativas, 'Dano' e 'Carência', não apenas impulsionam a trama, como também delineiam a transformação de Matilda de uma aluna comum para uma heroína determinada. Ao confrontar Trunchbull e superar os desafios impostos pela vilã, Matilda conclui sua trajetória como um verdadeiro herói buscador, trazendo equilíbrio e justiça ao seu mundo.

Na perspectiva de Propp, o vilão é essencial para a formação e engrandecimento do herói. No caso de Matilda, Trunchbull desempenha esse papel ao criar um ambiente opressivo que exige uma intervenção heroica. Suas ações, que incluem a manipulação, o abuso e a privação de direitos de Jennifer Honey, reforçam seu papel como antagonista e catalisam a evolução de Matilda como uma heroína decidida a restaurar o equilíbrio e a justiça.

No filme "Matilda", a Sra. Trunchbull exemplifica perfeitamente a descrição de um antagonista segundo Propp, que afirma: "O antagonista tenta ludibriar sua vítima e assim obter a própria vítima ou seus bens" (Propp, 2001, p. 21). A Sra. Trunchbull usa táticas manipuladoras e cruéis para manter o controle sobre os alunos da escola Crunchem Hall, buscando subjugar-los e impor sua vontade de forma implacável. Além disso, ao se apoderar da herança de sua sobrinha Jennifer Honey, Trunchbull causa um dano material e moral significativo, privando-a de seus direitos e reforçando seu papel como vilã.

A relação entre Jennifer Honey e Agatha Trunchbull é marcada por abuso e opressão. Após a morte de Magnus Honey, a diretora assume o controle da casa e das finanças da família, tratando sua sobrinha com crueldade e desrespeito. Como guardiã, Trunchbull não apenas priva Jennifer de sua herança, mas também a força a viver em condições precárias, manipulando-a para que se sinta impotente e

dependente. Essa dinâmica vilão-vítima vai além dos danos tangíveis, simbolizando a luta entre tirania e liberdade.

Como vilã, Trunchbull também exemplifica a função de “encarcerar ou reter alguém” (Propp, 2001, p. 23). O 'Sufoco', um armário estreito e coberto de pregos e cacos de vidro, é usado pela diretora como um instrumento de coerção e controle, infligindo medo psicológico nos alunos. Essa prática não apenas simboliza o poder absoluto exercido por Trunchbull, mas também cria os desafios que Matilda deve superar como heroína. As ações opressivas de Trunchbull, portanto, não apenas impõem obstáculos imediatos, mas também servem como catalisadores para a evolução de Matilda, motivando-a a agir contra a tirania.

Ao confrontar Trunchbull e superar seus atos opressivos, Matilda não apenas cumpre a função de herói buscador, mas também assume um papel transformador dentro da narrativa. A vilã, com toda sua tirania, estabelece o ambiente de medo e adversidade que motiva a heroína a restaurar a justiça, solidificando seu papel essencial na progressão da história.

Como heroína buscadora, Matilda responde ao ambiente opressivo com astúcia, solidariedade e um inabalável senso de justiça. Em suas ações iniciais, a protagonista utiliza pequenos atos de resistência, como pregar peças na diretora Trunchbull, para questionar de forma sutil sua autoridade. Episódios como o incidente do tritão no copo d'água ilustram não apenas a fragilidade da imagem autoritária de Trunchbull, mas também o fortalecimento da solidariedade entre os alunos. Essas ações evidenciam a evolução de Matilda como uma heroína que não apenas enfrenta os desafios impostos pelo vilão, mas também inspira e lidera os que a cercam. Assim, sua trajetória inicial reflete a construção gradual de sua transformação e superação como protagonista.

Na luta por justiça em favor da Srta. Honey, Matilda demonstra determinação, engenhosidade e coragem. Ao descobrir que Honey foi submetida a condições precárias pela opressão de Trunchbull, Matilda assume o papel de defensora, determinada a corrigir essa injustiça. Utilizando seus poderes telecinéticos, ela orchestra situações que aterrorizam Trunchbull, levando-a a acreditar estar sendo assombrada pelo fantasma de Magnus, pai de Srta. Honey. Com essa abordagem, Matilda não apenas expõe a vulnerabilidade da vilã, mas também desafia sua autoridade de maneira cada vez mais ousada. Essas ações culminam na subversão

do domínio de Trunchbull, consolidando Matilda como uma heroína que restaura o equilíbrio e desafia a tirania.

No clímax da narrativa, Matilda utiliza suas habilidades para desestabilizar completamente Trunchbull. As mensagens ameaçadoras no quadro verde e a simulação da presença do espírito do falecido Magnus desencadeiam o pânico da diretora, culminando na revolta dos alunos. Inspirados pela coragem de Matilda, eles se rebelam contra Trunchbull, expulsando-a da escola e libertando Crunchem Hall de seu regime opressor. Este confronto final não apenas reforça o êxito do bem sobre o mal, mas também simboliza o retorno da justiça e da harmonia, celebrando a união entre a heroína e seus aliados contra a tirania.

O desfecho da narrativa é consolidado pela adoção de Matilda pela Srta. Honey, um momento altamente simbólico que reflete a esfera de ação do casamento na morfologia de Propp. Essa união, fundamentada em amor, respeito e apoio mútuo, representa a recompensa final da protagonista e encerra a história com equilíbrio e harmonia refletindo a essência de um conto de fadas.

Mais do que resolver os conflitos da trama, essa relação destaca os valores de empatia e solidariedade, reforçando a mensagem de que o bem prevalece sobre o mal. Matilda, agora em um lar onde pode crescer cercada de cuidado e amor, encontra a conclusão ideal para sua jornada heroica.

Enfim, a relação entre Matilda e Agatha Trunchbull encapsula a clássica luta entre o herói e o vilão. A opressão imposta por Trunchbull, personificação da tirania, serve como catalisador para a transformação de Matilda, que se torna um símbolo de resistência, coragem e solidariedade. Sua vitória final sobre Trunchbull não apenas restaura a ordem e a justiça, mas também evidencia os paradigmas narrativos de Propp, nos quais o bem prevalece sobre o mal e o herói emerge como líder inspirador.

A narrativa de “Matilda” moderniza elementos dos contos de fadas clássicos, substituindo reinos encantados por uma escola opressiva e poderes mágicos por habilidades telecinéticas. Esses ajustes tornam a história mais relevante para um público contemporâneo, mantendo a essência da luta entre o bem e o mal. Assim, “Matilda” transcende os arquétipos tradicionais, reafirmando sua relevância como uma heroína atemporal em um contexto moderno.

2.1.2 Doadora, Auxiliar E Princesa: Jennifer Honey

No filme “Matilda”, baseado na obra de Roald Dahl, Jennifer Honey se destaca como uma personagem multifacetada que encarna os arquétipos de doadora, auxiliar e princesa. Sua trajetória, marcada por resiliência, compaixão e transformação, enriquece a narrativa e estabelece uma conexão emocional inspiradora com os espectadores.

Segundo Propp (2001, p. 44), a função do doador no conto maravilhoso é ajudar o herói em sua jornada, fornecendo um objeto mágico que o auxilia a atingir seu objetivo. Jennifer Honey assume esse papel de maneira simbólica, não entregando um objeto mágico literal, mas oferecendo a Matilda recursos igualmente valiosos. Desde o início, ela reconhece o potencial extraordinário de Matilda e, como professora empática e encorajadora, proporciona a ela um ambiente seguro e propício ao aprendizado, funcionando como mediadora do conhecimento e estimulando o desenvolvimento das habilidades da protagonista.

Na esfera de doadora, Jennifer Honey fornece mais do que apenas apoio acadêmico; ela se torna uma fonte de afeto e compreensão para Matilda, suprimindo a carência emocional gerada pela negligência familiar. Ao oferecer conhecimento, empatia e um ambiente acolhedor, a Srta. Honey guia Matilda na descoberta e controle de seus poderes telecinéticos, reforçando a função narrativa de auxiliar, crucial para o progresso do herói. Como auxiliar, Honey compartilha informações sobre o passado de Trunchbull e demonstra coragem ao confrontá-la, mostrando-se uma aliada essencial na luta contra a opressão.

Honey, se torna ao longo da história muito mais que uma professora para a pequena heroína. O lar negligente e abusivo em que Matilda vive, a priva do afeto essencial que um ser humano precisa para sua evolução. Nesse contexto, ela oferece a Matilda o afeto e a compreensão que ela não obtém de sua família. Isso funciona tanto como uma espécie de presente emocional, assim como o suprimento de uma carência para fortalecer a heroína, além de assegurar a confiança necessária para enfrentar os desafios ao longo da narrativa.

Por isso que, como auxiliar, Jennifer Honey atua ao lado de Matilda na luta contra a opressão da diretora Agatha Trunchbull. Ela se alia a Matilda, compartilhando informações importantes sobre a diretora e revelando seu passado conturbado. A professora também demonstra coragem ao confrontar Trunchbull e apoiar Matilda em

suas ações. Ao se posicionar contra a injustiça e oferecer assistência direta, a Srta. Honey exemplifica a função do auxiliar na estrutura proppiana, colaborando com o herói para superar obstáculos e alcançar a justiça.

Conforme Propp (2001, p. 32), a “Princesa” está sujeita a adversidades e sofre privações devido às ações do antagonista. Jennifer Honey também se encaixa nesse papel, enfrentando uma trajetória de abuso e opressão sob o domínio de sua tia, Agatha Trunchbull. Embora Magnus Honey, seu pai, não esteja mais presente, seu legado e os conflitos gerados por sua morte criam desafios que se tornam centrais para a narrativa. Trunchbull oprime Jennifer, privando-a de sua herança e impondo condições abusivas, o que simboliza o estigma mencionado na estrutura proppiana.

A libertação da Srta. Honey da tirania de Trunchbull ocorre por meio da intervenção de Matilda, que utiliza seus poderes telecinéticos para desmascarar a verdadeira natureza da diretora. Quando Trunchbull é finalmente derrotada e expulsa, a justiça é restaurada: Jennifer Honey recupera sua casa, sua herança e sua dignidade. Esse desfecho representa a reparação das injustiças, ecoando a esfera do casamento na estrutura dos contos de fadas, onde a união final simboliza equilíbrio e harmonia.

Assim, Jennifer Honey transcende os papéis de doadora e auxiliar ao se tornar a recompensa simbólica da jornada heroica de Matilda. Sua libertação e redenção são reflexos diretos das ações da protagonista, que combate as injustiças com determinação e engenhosidade. O desfecho positivo para ambas as personagens reforça o triunfo do bem sobre o mal e a restauração de valores essenciais como justiça, empatia e solidariedade, concluindo a narrativa de maneira coesa e inspiradora.

2.1.2.1 O Pai Da Princesa: Magnus Honey

Em “Matilda”, Magnus Honey é uma figura essencial na construção da história, mesmo com sua presença física limitada. Pai de Jennifer Honey, ele personifica o arquétipo do “Pai da Princesa” em um conto de fadas moderno, conforme descrito por Propp. Sua memória atua como uma luz orientadora para sua filha, inspirando sua luta por justiça e pelo resgate de sua herança.

Figura 10 – Quadro com a imagem de Magnus Honey



Fonte: Sensacine (2021).

A imagem mostra as personagens Matilda e Srta. Honey olhando para um grande retrato emoldurado de um homem. A disposição das personagens cria um ponto focal central na imagem, destacando o retrato. O cenário é interno, situado em um dos quartos da antiga casa da professora. Em uma cena descontraída, elas estão examinando o retrato de perto, expressando curiosidade e nostalgia, sentimentos que não apenas caracterizam as duas, mas também simbolizam a busca por respostas e reconciliação com memórias familiares.

Com o uso do plano médio, a composição visual captura tanto as personagens quanto o retrato de forma mais ampla. Esse tipo de enquadramento é eficaz para destacar a interação das personagens com o ambiente e o objeto central: o retrato de Magnus Honey, pai de Jennifer. O enquadramento centralizado do retrato reforça a importância de Magnus Honey na narrativa, enquanto a distribuição equilibrada das personagens ao redor cria uma harmonia visual.

A iluminação na imagem é suave e natural, contribuindo para uma atmosfera acolhedora e intimista. A luz não apenas torna o ambiente mais interessante, mas também direciona a atenção do espectador para os rostos das personagens e o retrato, conectando-os de forma mais próxima. Essa escolha de iluminação, combinada ao cenário interno, parece refletir a intenção do diretor de criar um ambiente introspectivo, que destaca as emoções das personagens sem distrações externas.

A mise-en-scène deste plano evidencia a intimidade e a carga emocional que permeiam o momento vivido por Matilda e Srta. Honey. O uso de iluminação natural e

difusa reforça o caráter introspectivo da cena. Marcel Martin (2003, p. 71) afirma que a iluminação constitui um fator decisivo na criação da expressividade da imagem, embora seu impacto frequentemente passe despercebido aos olhos do espectador inexperiente, já que sua principal contribuição está na criação da atmosfera, um elemento sutil e de difícil análise.

Na cena, a luz que emana da janela ao fundo reflete essa preocupação por uma iluminação que valoriza a verdade e o realismo, evitando excessos melodramáticos e garantindo uma representação autêntica. Essa abordagem não só suaviza os contornos e ilumina delicadamente os rostos das personagens, mas também constrói uma atmosfera emocionalmente rica, evocando sensações de aconchego e nostalgia. Dessa forma, a iluminação transcende sua função técnica, tornando-se um elemento essencial para a construção da expressividade e do impacto narrativo.

Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2002), o plano médio é uma escolha que valoriza tanto os personagens quanto o espaço narrativo, sendo essencial para capturar interações simbólicas e revelar significados implícitos na relação visual entre eles. Nesse caso, o enquadramento posiciona o retrato como um elemento central e harmoniza sua relevância com as expressões das personagens, criando uma ligação simbólica clara entre o passado e o presente. Essa escolha assegura que o espectador absorva a importância do quadro sem comprometer a percepção da interação emocional entre Matilda e Srta. Honey, destacando a busca por reconciliação e compreensão dentro da narrativa.

Além disso, a direção de arte é fundamental para consolidar essa atmosfera. Marcel Martin (2003, p. 78) aponta que a textura dos objetos e o estilo do cenário contribuem para a construção simbólica da narrativa, ampliando o sentimento de pertencimento e história. Na cena, elementos como as paredes envelhecidas, os móveis de madeira e a moldura do retrato evocam uma estética clássica que fortalece o sentido de legado e reconexão. Esses detalhes garantem que a cena se torne visualmente expressiva, refletindo o peso emocional e histórico da narrativa.

Em suma, as ideias apresentadas destacam como diferentes elementos cinematográficos convergem para criar uma cena marcante de intimidade e emoção entre Matilda e Srta. Honey. A mise-en-scène, com o plano médio e a iluminação difusa, reforça o vínculo emocional, enquanto o ponto de vista subjetivo convida o

espectador a participar do momento de descoberta. A direção de arte cria uma atmosfera de reconexão, simbolizando o legado de Magnus Honey. Todos os recursos técnicos e narrativos colaboram para intensificar o impacto emocional da cena e harmonizar a interação entre personagens e ambiente.

Conforme a estrutura morfológica proppiana, a esfera de ação “Pai da Princesa” geralmente assume características de provedor (por conceder uma recompensa ao herói), figura autoritária (como um rei ou protetor), ou causador de provações (impondo desafios que o herói deve superar). Magnus Honey exerce essa função de maneira indireta, mas notavelmente significativa, ao deixar um legado que se torna o foco de reivindicação e resistência contra a opressão de Agatha Trunchbull.

No filme, Magnus é lembrado como um pai amoroso e protetor que proporcionou um ambiente seguro e afetuoso para Jennifer. Sua casa e propriedades, usurpadas por Trunchbull após sua morte, simbolizam a recompensa que Jennifer deve recuperar. Essa apropriação injusta dos bens por Trunchbull introduz desafios que colocam Jennifer em uma posição de vulnerabilidade, ampliando a necessidade da ação heroica para restaurar a justiça.

Matilda, como heroína buscadora, utiliza sua inteligência e poderes telecinéticos para evocar a memória de Magnus, transformando sua influência em uma força motriz contra as injustiças. Ao confrontar Trunchbull e ajudar Jennifer a recuperar sua casa e dignidade, Matilda não apenas assume a responsabilidade de libertar a “Princesa”, mas também cumpre as funções associadas à figura do herói na estrutura proppiana.

Embora ausente fisicamente, Magnus exerce um papel fundamental na narrativa, reforçando os temas de justiça e resiliência. Sua bondade e legado motivam Jennifer e Matilda a enfrentarem os desafios impostos por Trunchbull. Dessa forma, Magnus se torna a base emocional e simbólica que fortalece a luta de ambas as personagens por liberdade e equilíbrio.

Assim, a esfera de ação “Pai da Princesa” se materializa de forma indireta, mas poderosa, através das memórias de Magnus e do impacto de seu legado. Sua presença é continuamente sentida na narrativa, moldando o objetivo final da trama e reforçando a conexão entre o passado e a resolução do conflito. Dessa forma, Magnus Honey representa a força invisível que move a heroína e a princesa, culminando na restauração da ordem e da justiça.

2.1.3 Outra Auxiliar: Lavander Brown

Na estrutura morfológica proppiana, a esfera de ação do Auxiliar desempenha um papel fundamental ao apoiar o herói na narrativa, ajudando-o a superar desafios, sanar suas carências, socorrê-lo em momentos críticos e, em alguns casos, até mesmo contribuir para sua transformação (Propp, 2001, p. 44). No filme *Matilda*, um exemplo claro dessa função é representado por Lavander Brown.

Lavander exerce um papel significativo como auxiliar da jovem heroína, destacando-se por sua amizade leal e espírito alegre. Desde o primeiro encontro entre as duas, Lavander ajuda Matilda a se situar no ambiente escolar, apresentando-lhe as dinâmicas da escola, os colegas e, especialmente, a figura autoritária de Agatha Trunchbull. Esse gesto inicial é crucial para que Matilda compreenda os desafios que enfrentará, marcando o início de sua jornada como heroína.

Figura 11 - A amiga de Matilda: Lavander



Fonte: Pinterest (2017).

Na imagem, a personagem Lavander é o foco central, ocupando uma posição dominante no quadro e destacando-se contra o fundo de maneira marcante. O enquadramento em plano fechado evidencia os traços e detalhes da personagem, como o penteado com tranças e os elásticos coloridos, que refletem sua personalidade criativa e estilo único.

A paleta de cores vibrantes, presente tanto no cabelo quanto no vestido, reforça o caráter infantil e alegre da personagem, adicionando um elemento visual que

captura a essência de sua idade e energia. Além disso, a iluminação suave e difusa, característica de ambientes internos como a sala de aula, contribui para uma atmosfera acolhedora e íntima. Essa escolha de iluminação valoriza os detalhes da personagem, destacando-os de forma harmoniosa, sem criar sombras fortes que possam interferir na composição.

A mise-en-scène da imagem reforça a vivacidade e autenticidade da personagem Lavander ao posicioná-la como foco central do quadro, garantindo que sua presença se destaque visualmente. Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2002), o plano fechado permite explorar com precisão os traços individuais de um personagem, capturando nuances que refletem sua personalidade. Nesse contexto, o penteado com tranças adornadas por elásticos coloridos e o vibrante vestido não são apenas escolhas estilísticas, mas também elementos narrativos que consolidam a identidade dinâmica e criativa de Lavander. Essa composição conduz o olhar do espectador de forma controlada, enfatizando os elementos visuais que definem a personagem.

Além disso, o enquadramento utilizado favorece a expressão individual da personagem, tornando seu visual um ponto de destaque narrativo. Gerard Betton (2002, p. 97) observa que “a técnica do enquadramento possibilita a identificação à qual já nos referimos como o efeito mais específico do cinema. A câmera olha para os outros personagens e para seus ambientes a partir dos olhos de um personagem.” Nesse caso, essa abordagem permite que o espectador interprete a cena de maneira direta, conectando-se com a perspectiva subjetiva transmitida pela personagem. A composição valoriza Lavander como um elemento dominante no quadro, consolidando seu impacto narrativo por meio de uma mise-en-scène eficaz e minimalista, que reflete sua importância dentro da história.

Ao longo da trama, Lavander continua desempenhando a função de auxiliar ao oferecer apoio moral e ser uma fonte de amizade indispensável para Matilda. Sua lealdade e participação em momentos-chave, como as travessuras contra a diretora Trunchbull, evidenciam seu papel como catalisadora na jornada da protagonista. A cena em que Lavander contribui para a brincadeira do tritão no copo d'água da diretora demonstra sua coragem e seu senso de humor, adicionando leveza à narrativa enquanto reforça a solidariedade entre as personagens.

Mais do que uma simples amiga, Lavander representa a importância da lealdade e do apoio coletivo na trajetória do herói. Sua presença não apenas auxilia

Matilda a enfrentar os desafios impostos pela opressão de Trunchbull, mas também simboliza os valores de união e amizade, essenciais para a superação de adversidades.

2.1.3.1 Demais Auxiliares: Os alunos De Crunchem Hall

Na escola Crunchem Hall, os alunos desempenham um papel crucial na construção do ambiente opressor e caótico estabelecido por Agatha Trunchbull. Como vítimas constantes dos métodos arcaicos da diretora, eles representam a vulnerabilidade diante da tirania, enquanto coletivamente integram a esfera dos auxiliares na estrutura narrativa proppiana. Conforme Propp (2001), os auxiliares desempenham um papel essencial ao oferecer apoio moral, ajudar na resolução de conflitos e reparar carências do herói, como as emocionais.

Figura 12 – Os alunos de Crunchem Hall



Fonte: YouTube (2018).

A imagem retrata um grupo de alunos em um ambiente ao ar livre, localizado no pátio escolar. O grupo está disposto em fileiras organizadas, todas voltadas para frente, o que sugere que esteja ocorrendo um evento ou uma situação de relevância na escola. Ao fundo, a vegetação verde e as árvores compõem um cenário natural, que vai além de ser um mero pano de fundo. Esses elementos naturais evocam simbolicamente uma sensação de crescimento, renovação e conexão com o ambiente, conferindo à cena uma camada metafórica, onde o espaço ao ar livre reflete liberdade e potencial ilimitado.

Os alunos permanecem estáticos diante do que está ocorrendo, transmitindo uma atmosfera de choque e surpresa. A diversidade de roupas coloridas contribui para uma paleta vibrante e alegre, que, além de reforçar a individualidade de cada aluno, cria uma contradição interessante com o clima de tensão predominante no momento.

Essa justaposição entre as cores vivas e a tensão na cena intensifica o impacto emocional e desafia a expectativa inicial de uma atmosfera positiva.

A câmera, posicionada em um plano geral, captura todo o grupo de alunos e o ambiente ao redor, destacando a totalidade e a interação entre os elementos da cena. A perspectiva ao nível dos olhos das crianças oferece um ângulo neutro e objetivo, que aproxima o espectador, fazendo-o sentir-se parte do momento. Esse enquadramento sutilmente promove empatia, reforçando a conexão entre a audiência e as personagens.

A mise-en-scène deste plano destaca a integração entre os personagens e o ambiente ao ar livre, criando uma narrativa visual simbólica em significados. O ângulo da câmera ao nível dos olhos das crianças estabelece um ponto de vista neutro e objetivo, permitindo ao espectador sentir-se diretamente envolvido na experiência do grupo. Gerard Betton (2002, p. 34) observa que “geralmente a câmera é mantida horizontalmente, na altura do homem. O ponto de vista é 'normal', não há deformação de perspectiva.” Essa escolha de enquadramento favorece o envolvimento emocional, colocando o espectador como participante ativo da narrativa. Para Betton, o alinhamento ao olhar dos personagens cria um vínculo mais íntimo, aproximando o público da experiência vivida pelos protagonistas e fortalecendo a conexão emocional com a cena.

A paleta de cores vibrantes desempenha um papel essencial na evocação do caráter infantil e alegre da cena. Eisenstein, citado por Marcel Martin (2003, p. 89), ressalta que “é necessário refletir primeiro no sentido da cor”, destacando a importância de um uso intencional das tonalidades na construção de significados visuais e emocionais. Nesse contexto, as tonalidades do figurino contrastam com o fundo neutro, transformando-se em uma extensão da energia e espontaneidade de Lavander.

A escolha cromática não apenas reforça o universo lúdico da infância, mas também atua como uma linguagem simbólica que comunica diretamente ao espectador a sensação de entusiasmo e leveza, alinhando-se à importância que Eisenstein atribui à reflexão consciente sobre a função das cores na narrativa. Assim, a mise-en-scène utiliza habilmente a composição e o espaço para construir uma atmosfera de contraste entre o clima de tensão predominante e a vitalidade das cores, intensificando a conexão emocional entre os personagens e o público.

Mesmo que suas histórias individuais não sejam tão desenvolvidas quanto a de Lavander Brown, os alunos, em conjunto, formam uma rede de apoio que fortalece Matilda em sua jornada contra Trunchbull. Eles ajudam a revelar a dinâmica escolar e evidenciam a crueldade da diretora, como no relato de Hortênsia sobre o “Sufoco”. Este local, um armário pequeno, escuro e insalubre, coberto de pregos e cacos de vidro, é usado por Trunchbull como forma de punir e intimidar os alunos. Essa prática evidencia o poder autoritário da diretora e reforça a necessidade de um herói como Matilda para desafiar e combater essa opressão.

Outras cenas também ilustram a tirania de Trunchbull, como o episódio em que Amanda Tripton é arremessada pelo cabelo por usar tranças, comportamento que Trunchbull considera uma afronta à sua autoridade. Essa violência física, além de enfatizar o autoritarismo da diretora, contrasta com a coragem e determinação de Matilda e seus colegas, que se unem para resistir à opressão.

O episódio de Bruce Bogtrotter sendo forçado a comer um bolo inteiro exemplifica ainda mais as punições desumanas da diretora. No entanto, ao apoiar Bruce em um ato de resistência, os alunos demonstram solidariedade e encorajam Matilda a liderar a luta por justiça. Esses momentos de união não apenas desafiam Trunchbull, mas também ajudam Matilda a encontrar confiança e força emocional.

No início do filme, os colegas de escola também desempenham o papel de reparar a carência que Matilda sente devido à negligência familiar. Apesar de enfrentarem as mesmas dificuldades, o ambiente coletivo da escola — seja estudando, brincando ou compartilhando momentos de adversidade — oferece a Matilda um senso de pertencimento e encorajamento. Esse apoio emocional a prepara para enfrentar os desafios e lutar contra as injustiças.

Coletivamente, os alunos demonstram a importância da solidariedade e da resistência na superação da opressão. Sua união não apenas fortalece a heroína, mas também exemplifica a função do auxiliar na narrativa proppiana, contribuindo para o desenvolvimento do enredo e para a evolução de Matilda como heroína.

2.1.4 Falso Herói: Harry e Zinnia Wormwood

Em Matilda, Harry e Zinnia Wormwood exemplificam o arquétipo do “Falso Herói”, conforme descrito por Vladimir Propp. Enquanto pais, eles deveriam cumprir o papel de protetores e guias, mas, em vez disso, agem com negligência, ganância e

desinteresse. Essa dissonância entre o papel social esperado e suas atitudes reais destaca a jornada de Matilda em busca de figuras genuínas de apoio e amor.

A esfera de ação do Falso Herói, segundo Propp, caracteriza-se por pretensões enganosas e pela tentativa de apropriação dos méritos ou do lugar do verdadeiro herói. No caso de Matilda, a família Wormwood não se apresenta como heróis no sentido literal, mas suas ações refletem elementos dessa esfera ao desvalorizarem a filha e priorizarem seus próprios interesses egoístas. Essa dinâmica gera um ambiente de adversidade, impulsionando a trajetória de superação de Matilda.

Desde a chegada de Matilda, no início do filme, a negligência dos pais é evidente. Na cena em que a bebê desliza pelo carro enquanto os Wormwood discutem, fica clara a falta de cuidado e atenção. À medida que Matilda cresce, sua sede por conhecimento e paixão pelos livros a colocam em conflito com seus genitores, especialmente o Sr. Wormwood. Ele desdenha da inteligência da filha e valoriza mais a televisão, tratando sua curiosidade como um defeito. Essa postura destaca o contraste entre os valores de Matilda e os de sua família.

O comportamento do Sr. Wormwood reflete uma inversão de valores morais. Em cenas como a ida à loja de carros, ele exalta práticas desonestas, como superfaturamento e uso de peças roubadas, apresentando-se como um “espertalhão” que distorce o conceito de sucesso. Sua atitude exemplifica a busca por benefícios próprios, típica do Falso Herói, ao mesmo tempo em que desconsidera a integridade de Matilda.

Por outro lado, a Sra. Wormwood personifica a futilidade e a superficialidade, preocupando-se apenas com aparências e entretenimento, como o programa Double Bingo. Embora em determinado momento ela demonstre uma breve preocupação com a filha ao afirmar que “há algo errado com aquela garota”, não age para compreendê-la ou protegê-la. Sua omissão reflete uma falha no papel parental que deveria desempenhar, reforçando sua inadequação como figura de apoio.

Na estrutura de Propp, o Falso Herói busca se apropriar das conquistas do verdadeiro herói ou pretende ocupar seu lugar. Embora os pais de Matilda não sigam rigorosamente esse padrão, suas ações e posturas os alinham à ideia de figuras enganadoras. A negligência emocional e a ausência de valores nobres contrastam fortemente com o cuidado e a compreensão demonstrados pela Srta. Honey,

acentuando o contraponto entre a disfuncionalidade dos Wormwood e o apoio genuíno da professora.

Dessa maneira, Harry e Zinnia Wormwood não são Falsos Heróis no sentido estrito, mas integram elementos dessa esfera ao negligenciarem o papel que lhes caberia como pais. Sua falta de proteção e afeto cria o cenário de adversidade que destaca ainda mais a transformação de Matilda em heroína e reforça sua busca por justiça e equilíbrio.

2.1.5 Os elementos mágicos e o Auxílio Sobrenatural em Matilda

A presença dos elementos mágicos e do auxílio sobrenatural em Matilda é fundamental para o desenvolvimento da narrativa, alinhando-se diretamente aos princípios narrativos de Vladimir Propp (1983). Desde o início, os poderes telecinéticos da protagonista desempenham um papel crucial, funcionando como uma ferramenta narrativa que não apenas move a trama adiante, mas também reflete sua jornada de autodescoberta e luta contra a opressão.

Figura 13 - Matilda e seus poderes mágicos



Fonte: TriStar Pictures (1996).

A cena da cozinha apresenta a personagem Matilda explorando seus poderes telecinéticos, utilizando o preparo do café da manhã como demonstração prática. A disposição dos elementos na imagem é meticulosamente organizada: a caixa de cereais “Cheerios”, a tigela azul cheia de cereais, a colher sobre o guardanapo e a caixa de leite criam um equilíbrio visual intencional. A caixa de leite inclinada no ar, enquanto despeja o líquido na tigela, adiciona uma sensação dinâmica de movimento

e caos controlado, reforçando a habilidade extraordinária da personagem. O enquadramento da cena também merece destaque, com a janela ao fundo oferecendo um vislumbre da vegetação externa, que conecta o ambiente interno à tranquilidade do mundo exterior.

As cores na imagem são vibrantes e cuidadosamente escolhidas. O azul da tigela contrasta harmoniosamente com o amarelo das cortinas e o verde da vegetação, resultando em uma paleta que reflete equilíbrio e alegria. Essa escolha cromática não apenas cria uma atmosfera acolhedora, mas também simboliza a confiança crescente de Matilda em dominar suas habilidades telecinéticas. A iluminação natural, entrando suavemente pela janela, não só reforça a sensação de frescor matinal como também evoca uma tranquilidade que reflete a serenidade com que Matilda controla seus poderes. O foco direcionado na tigela e na caixa de leite guia o olhar do espectador, enquanto a profundidade de campo rasa isola os elementos principais e intensifica o impacto visual do momento.

A câmera adota um ângulo ligeiramente acima, um plano médio com vista superior, que oferece uma perspectiva detalhada dos objetos sobre a mesa. Esse ângulo simboliza o domínio de Matilda sobre a situação, colocando o espectador em uma posição de observador privilegiado. Além disso, o movimento da câmera, se houver, como um zoom leve na tigela ou no leite, poderia reforçar o momento mágico e a crescente conexão emocional com a personagem. Ao mesmo tempo, o enquadramento permite que o fundo, com a janela e a vegetação, permaneça visível, criando uma composição que equilibra a simplicidade do cotidiano com o extraordinário dos poderes de Matilda.

A mise-en-scène deste plano constrói de forma metódica a relação entre o cotidiano e o extraordinário, utilizando a linguagem cinematográfica para reforçar a transição de Matilda entre sua rotina e a descoberta de seus poderes. Marcel Martin (2003, p. 46) destaca que a grandeza do plano é determinada pela distância entre a câmera e o assunto, bem como pela distância focal da objetiva utilizada. Essa perspectiva evidencia a importância técnica e narrativa do plano médio, que, na cena, organiza os elementos visuais para centralizar Matilda e ressaltar sua interação fluida com o cenário ao redor. O enquadramento reforça a coesão espacial, garantindo um equilíbrio visual que envolve o espectador e transmite a evolução da personagem de modo tangível.

O uso da profundidade de campo rasa direciona o olhar do espectador para os elementos centrais da cena, destacando a caixa de leite levitando e o cereal sendo servido, enquanto o fundo desfocado mantém o foco exclusivamente na manifestação mágica. Consoante Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 47), o enquadramento também envolve a profundidade de campo, influenciando a organização dos elementos dentro da imagem e a maneira como são percebidos pelo público. Nesse contexto, a profundidade rasa não apenas estrutura a composição visual, mas também conduz a atenção do espectador de forma objetiva, reforçando o impacto da magia em oposição com o ambiente cotidiano ao fundo.

A mise-en-scène desse plano revela de maneira precisa a fusão entre o cotidiano e o maravilhoso utilizando recursos visuais para evidenciar a jornada de Matilda e sua conexão com o ambiente ao redor. O enquadramento e a profundidade de campo estruturam a composição conduzindo o olhar do espectador para os elementos centrais da cena. Dessa forma, os aspectos técnicos e estéticos se entrelaçam para criar uma narrativa visual envolvente, tornando a cena um ponto marcante na construção da história.

Segundo Propp, o auxílio sobrenatural ocorre quando o herói recebe ajuda de uma figura mágica, um objeto especial ou outros meios extraordinários. Esses auxílios são essenciais para que o herói supere desafios e complete sua missão (Propp, 1983). Em Matilda, os poderes telecinéticos assumem o papel de um objeto mágico (Função 14), funcionando como uma fonte de força e habilidade que permite à heroína enfrentar a diretora tirânica Trunchbull e proteger aqueles ao seu redor. Mais do que uma vantagem prática, esses poderes simbolizam a força interior de Matilda e sua resiliência diante das adversidades.

Propp (2006, p. 19) destaca a importância de decompor as partes constituintes de um conto maravilhoso para compreender suas funções narrativas e estabelecer comparações com outras histórias. Ao analisarmos os poderes de Matilda sob essa ótica, podemos ver como eles potencializam a trama e, ao mesmo tempo, conectam o filme a um rico repertório de tradições narrativas e culturais. Os elementos mágicos não são apenas artifícios, mas também servem como ferramentas para explorar temas como coragem, justiça e a importância de manter-se fiel aos próprios princípios (Propp, 2006; Moreschi, 2021).

Além disso, os poderes de Matilda têm um impacto direto no desenvolvimento dos personagens ao seu redor. Sua magia simboliza sua determinação e desejo de justiça, inspirando os colegas de classe e a Srta. Honey a enfrentarem a opressão de Trunchbull. Essa interação entre os personagens e os elementos mágicos reforça a ideia de Propp (1983) sobre a interconexão das funções narrativas, demonstrando como o auxílio sobrenatural pode moldar o arco de outros personagens.

De acordo com Moreschi (2021), os elementos mágicos em “Matilda” transcendem os limites da realidade, criando um ambiente onde o extraordinário se torna possível. Essa quebra das barreiras da normalidade não apenas avança a narrativa, mas também permite uma exploração mais abrangente de temas universais, como redenção e coragem. Ao integrar o mágico com o real, o filme cria uma experiência narrativa que é ao mesmo tempo encantadora e impactante.

Portanto, a magia em “Matilda” atua como um catalisador que impulsiona tanto a transformação da protagonista quanto a resolução dos conflitos centrais. Representando o poder de resistência e inovação, os elementos mágicos demonstram como a narrativa explora de forma única os padrões clássicos identificados por Propp, ao mesmo tempo em que ressignifica esses elementos para um público contemporâneo.

2.1.6 Reflexões sobre Justiça e Reconhecimento: O papel da união em “Matilda”

Em “Matilda”, os temas de justiça, reconhecimento e união desempenham papéis fundamentais na progressão da narrativa, alinhando-se aos padrões identificados por Vladimir Propp (1983) em contos de fadas e narrativas populares. Esses temas não apenas moldam o desfecho da história, mas também reforçam as lições universais de coragem, empatia e cooperação.

A busca por justiça é um eixo central na narrativa, conforme Matilda confronta a crueldade e a opressão representadas por Agatha Trunchbull. Este conflito reflete o padrão recorrente em contos de fadas, em que o herói assume o papel de buscador e aceita o desafio de enfrentar um antagonista injusto para restaurar a ordem moral. Segundo Propp (2001, p. 25), o momento em que o herói decide reagir marca o início da trajetória em busca de um objetivo maior, precedendo toda a procura. Em “Matilda”,

essa estrutura é evidente na determinação da protagonista em enfrentar a tirania e proteger aqueles ao seu redor, culminando no triunfo do bem sobre o mal.

Segundo Propp (2001, p. 35), “O herói é reconhecido graças a uma marca ou estigma (ferida, estrela) ou graças ao objeto que lhe foi entregue (anel, lenço).” Esse reconhecimento desempenha um papel essencial na narrativa de “Matilda”, especialmente na relação entre Matilda e Jennifer Honey. A Srta. Honey reconhece o potencial extraordinário da protagonista, oferecendo o apoio necessário para que ela descubra sua própria força interior.

Embora o reconhecimento mencionado por Propp geralmente se refira a elementos tangíveis, como objetos ou marcas, a narrativa de “Matilda” exemplifica uma interpretação simbólica desse conceito. O talento e a determinação de Matilda, identificados pela Srta. Honey, funcionam como uma 'marca' que autentica sua posição especial na história, impulsionando sua jornada como heroína.

No início da narrativa, Propp sugere que muitas histórias incluem uma proibição ou restrição inicial imposta ao herói, marcando o início de suas dificuldades. Em “Matilda”, essa proibição assume diferentes formas, desde a negligência e desvalorização dos pais até o ambiente autoritário da escola. Esses obstáculos geram os conflitos que motivam as ações da heroína e estruturam sua evolução ao longo da história.

A situação inicial dá a descrição de um bem-estar particular (...). Este bem-estar serve, evidentemente, de fundo contrastante para a adversidade que virá. O espectro dessa adversidade, embora invisível, paira sobre a família feliz.” (Propp, 2006, p. 28).

Em vista disso, o tema da união emerge como um elemento crucial na narrativa. Ao longo da trama, Matilda encontra apoio e amizade nos colegas de classe e na Srta. Honey. Essa união entre personagens simboliza a força coletiva necessária para superar adversidades e alcançar objetivos comuns. A solidariedade, frequentemente destacada em contos populares, é essencial na luta contra a tirania de Trunchbull, demonstrando que o trabalho em conjunto é tão importante quanto a coragem individual.

Dessa forma, “Matilda” reflete não apenas as estruturas narrativas de Propp, mas também os valores atemporais de justiça e união. Esses temas reforçam o impacto emocional da história, inspirando o público a valorizar a colaboração e a resiliência diante das adversidades.

3 UM CLÁSSICO INFANTIL, O FILME: MATILDA (1996)

O filme “Matilda”, dirigido por Danny DeVito, transcende a simples adaptação cinematográfica de um livro infantil, transformando-se em uma obra rica em elementos visuais e narrativos. Este capítulo busca realizar uma análise detalhada do filme, guiada pelas técnicas propostas por Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété em *Ensaio Sobre a Análise Fílmica* (2002). O método analítico desses teóricos examina aspectos como composição dos planos, iluminação, uso de cores, movimentos de câmera e montagem, elementos que, em “Matilda”, trabalham em harmonia para intensificar a narrativa e as emoções do público.

Sob esse viés, será analisado como a direção de arte, a cinematografia e as performances dos atores convergem para criar uma experiência cinematográfica impactante. Serão discutidas como essas categorias específicas revelam camadas mais expressivas da narrativa e dos personagens, explorando as escolhas artísticas que transformam “Matilda” em uma obra amplamente cativante.

A direção de Danny DeVito, marcada por humor e sensibilidade, adiciona um toque singular ao filme. Além de produzir e dirigir, DeVito assume o papel de Harry Wormwood, pai de Matilda, capturando o tom peculiar da obra original de Roald Dahl enquanto imprime seu estilo inconfundível. Essa abordagem equilibra o cinema tradicional americano, com sua estrutura linear e personagens bem definidos, e nuances de complexidade que potencializam a narrativa.

A progressão cronológica dos eventos em “Matilda”, que acompanha o crescimento da protagonista e culmina em um confronto decisivo, exemplifica o modelo de narrativa linear defendido por Ismail Xavier em *O Discurso Cinematográfico* (1977). Essa estrutura clássica, combinada com a clara distinção entre bem e mal, facilita a identificação e o envolvimento emocional do público, características típicas do cinema hollywoodiano.

De acordo com Ismail Xavier (1977, p. 6), “quando o ‘dispositivo’ é revelado ao espectador, possibilitando um ganho de distanciamento e crítica, a operação se diz de opacidade.” Essa ideia é refletida na abordagem de DeVito, que incorpora camadas de humor e sensibilidade, aperfeiçoando a narrativa e permitindo uma experiência mais complexa ao espectador. Essa escolha criativa pode ser interpretada como uma forma de opacidade, pois, ao evitar explicações explícitas, a obra convida diferentes interpretações e fomenta uma análise mais reflexiva dos personagens e da história, oferecendo ao público a oportunidade de adotar um olhar mais crítico e distanciado.

Além disso, o filme se insere no contexto do “maravilhoso”, conforme proposto por Tzvetan Todorov (1970)¹² e Irlemar Chiampi (2008)¹³. O maravilhoso, segundo Todorov, é caracterizado pela aceitação imediata de elementos sobrenaturais como parte integrante da realidade ficcional. Essa aceitação é evidente em “Matilda”, onde os poderes telecinéticos da protagonista são incorporados ao enredo de forma natural e inquestionável, fortalecendo a magia da narrativa. Ademais, Chiampi destaca o conceito do maravilhoso como uma forma de narrativa que integra o mágico e o sobrenatural ao cotidiano, refletindo uma perspectiva que torna a fantasia uma extensão natural da realidade, algo que é habilmente explorado no filme.

Portanto, os poderes telecinéticos de Matilda são naturalizados na narrativa, permitindo que o espectador os aceite como parte da realidade ficcional. Essa característica aproxima “Matilda” dos contos de fadas, adaptando suas estruturas e funções, como descrito por Vladimir Propp. A heroína enfrenta desafios e opressões enquanto supera os obstáculos com sua inteligência e habilidades extraordinárias, reforçando a luta entre heroísmo e tirania.

Ao aplicar os estudos de Vladimir Propp à comédia¹⁴ infantil, obtém-se uma compreensão mais ampla da construção narrativa, dos personagens e dos temas centrais do filme. Assim, torna-se evidente a relevância das imagens abordadas

¹² Tzvetan Todorov, por meio da obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1970), se concentra na definição e classificação do maravilhoso como um gênero.

¹³ Na obra *O Realismo Maravilhoso: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano* (2008), Irlemar Chiampi explora como o maravilhoso se manifesta na literatura latino-americana, mesclando elementos mágicos com descrições realistas do cotidiano.

¹⁴ Conforme descrita por Aristóteles em sua obra “Poética”, a comédia é um gênero teatral que visa provocar riso e entretenimento através da representação de situações humorísticas e personagens comuns. Assim, a comédia foca em figuras do cotidiano e em situações corriqueiras que resultam em desfechos felizes. Dessa forma, “Matilda” (1996) incorpora muitos dos elementos que Aristóteles descreveu, visto que o filme retrata personagens comuns, como a inteligente Matilda e sua família disfuncional, em situações absurdas e exageradas que destacam as falhas e peculiaridades humanas de maneira leve e humorística.

anteriormente, analisadas sob as lentes das categorias morfológicas propostas pelo teórico, demonstrando como cada elemento narrativo contribui para a coesão e o impacto emocional da história.

Ao observar os elementos cinematográficos, como a composição das cenas e os efeitos visuais, percebe-se que esses recursos ilustram, de forma vívida, as categorias morfológicas proppianas, como a superação de desafios e a vitória final do herói. Os momentos cuidadosamente elaborados do filme traduzem essas estruturas tradicionais, enquanto simultaneamente as adaptam para um contexto moderno, reforçando o caráter universal da narrativa.

Desse modo, “Matilda” é elevado a um conto de fadas contemporâneo, onde a estética cinematográfica não apenas complementa, mas também aperfeiçoa a estrutura clássica. O filme mistura as bases narrativas tradicionais com uma abordagem visual que cativa e inspira, criando uma obra que dialoga tanto com as fórmulas clássicas quanto com as expectativas e imaginação do público atual.

3.1 LUZES, CÂMERA E AÇÃO: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE MATILDA (1996)

“Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente.”

(Vanoye e Goliot-Lété)

Com base na obra *Ensaio Sobre a Análise Fílmica*, de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (2002), esta análise explora a concepção e o processo de examinar filmes, discutindo os desafios inerentes a essa prática. O objetivo é estabelecer uma abordagem detalhada dos principais elementos que compõem um filme, como enredo, personagens, temas, escolhas estéticas e simbologias, aplicando esses conceitos ao estudo do filme “Matilda” (1996). Além disso, o diálogo teórico inclui autores consagrados como Ismail Xavier, em *O Discurso Cinematográfico* (1977), Marcel Martin, em *A Linguagem Cinematográfica* (2003), Gárard Betton, em *Estética do Cinema* (1987) e Aumont e Marie, em *A Estética do Filme* (2012), entre outros, que oferecem perspectivas complementares para a análise.

De início, Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 10-13) destacam os obstáculos, tanto materiais quanto psicológicos, que envolvem a análise fílmica. Por um lado, há uma visão que restringe o exame de filmes ao eixo visual, ignorando aspectos verbais. Os teóricos defendem, então, a necessidade de assistir e revisitar um filme em diferentes formatos, conduzindo investigações sistemáticas para formular hipóteses e expandir a compreensão do objeto de análise.

Segundo os autores, “analisar um filme implica evidentemente que se veja e reveja o filme: numa sala de cinema, na moviola, no vídeo, com a ajuda ou não de uma transcrição escrita já existente” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 10). Por outro lado, os autores enfatizam que o ato de analisar requer não apenas a reconstituição do objeto estudado, mas também uma percepção ampliada e crítica. Assim, a análise fílmica vai além da desmontagem e reorganização do filme: ela deve aprimorar a experiência do espectador, promovendo uma admiração mais consciente e participativa.

Para Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 14), analisar um filme consiste em decompor e examinar uma gama de elementos que compõem o objeto de análise para compreender como eles interagem e criam significado. Nesse sentido, explicam que “analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 15). Assim, a análise envolve investigar aspectos como personagens, enredo, estilo visual, temas, simbolismo, música e som, e o contexto de produção e ambientação do filme.

Essa abordagem detalhada contribui para uma compreensão mais abrangente da obra cinematográfica e reforça o fascínio do espectador. Como enfatizam: “O analista deve de fato respeitar um princípio fundamental de legitimação: partindo dos elementos da descrição lançados para fora do filme, devemos voltar ao filme quando da reconstrução, a fim de evitar reconstruir um outro filme” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 15). Com base nesses princípios, este estudo propõe analisar o clássico infantil “Matilda” (1996), dirigido por Danny DeVito, por meio de seus temas, metáforas, símbolos e escolhas estéticas.

A capa de DVD do filme “Matilda” é um convite visual para mergulhar na magia e na inteligência da história. Com cores vibrantes e um design que captura a essência da protagonista, a imagem destaca Matilda, uma menina prodígio com poderes

telecinéticos, cercada por elementos que remetem ao universo maravilhoso e ao humor do filme. Abaixo, é apresentada a ilustração da capa de lançamento do filme “Matilda” (1996).

Figura 14- O filme: Matilda (1996)



Fonte: Ebay (2013).

Assim, a imagem de lançamento de “Matilda” é predominantemente azul, transmitindo uma sensação de serenidade e mistério. No centro, destaca-se a protagonista, Matilda, irradiando carisma e inteligência. Ao seu redor, diversas imagens de cenas do filme se conectam, formando uma colagem que sugere momentos marcantes da trama. Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 29) apontam que “no cinema, são as imagens que desfilam e não as palavras,” destacando o poder visual como ferramenta narrativa principal.

Nesse sentido, o design da imagem trabalha de forma integrada para comunicar visualmente a essência mágica e humorística da história. As cores, composições e detalhes convidam o espectador a desvendar a narrativa, prometendo uma experiência cinematográfica repleta em aventuras emocionantes e personagens inesquecíveis, enquanto o visual preenche o papel de emocionar e guiar o público antes mesmo do filme começar.

A partir deste ponto, inicia-se a análise cinematográfica, fundamentada nos principais conceitos apresentados por Vanoye e Goliot-Lété, que oferecem uma base teórica sólida para compreender a essência do filme. À princípio, os ângulos de

câmera desempenham um papel fundamental na criação de efeitos visuais e na transmissão de emoções em um filme. Diferentes escolhas, como ângulos altos, baixos ou inclinados, influenciam diretamente a percepção do espectador. Um ângulo alto pode transmitir vulnerabilidade ou inferioridade do personagem, enquanto um ângulo baixo reforça sua força ou autoridade.

Já os ângulos inclinados introduzem dinamismo ou tensão à cena, tornando a narrativa visualmente mais expressiva. Como os autores destacam, o enquadramento “inclui o lugar da câmera, a objetiva escolhida, o ângulo de tomadas, a organização do espaço e dos objetos filmados no campo”, sendo um elemento essencial para a composição visual (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 37).

Em seguida, os planos também são essenciais na composição visual, visto que, o close-up, como destacado pelos teóricos em questão, captura as emoções e reações dos personagens com precisão, proporcionando maior conexão emocional com o espectador. O plano médio oferece um equilíbrio entre o sujeito e o ambiente, permitindo que o público observe tanto o personagem quanto o cenário que o envolve. Por sua vez, o plano longo é utilizado para apresentar um contexto amplo, situando o personagem em seu ambiente, sendo especialmente eficaz em cenas de abertura ou transição.

Vanoye e Goliot-Lété enfatizam a importância da escala na composição visual, afirmando que ela se refere ao “lugar da câmera com relação ao objeto filmado: plano geral ou de grande conjunto; plano de conjunto; plano de meio conjunto; plano médio; plano americano; plano próximo; primeiríssimo plano; plano de detalhe” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 37).

O enquadramento é outra ferramenta cinematográfica importante, uma vez que um enquadramento simétrico cria uma sensação de equilíbrio e ordem, destacando a centralidade de um elemento específico. Entretanto, o enquadramento assimétrico é empregado para gerar tensão e interesse visual, deslocando o ponto de foco para fora do centro e introduzindo dinamicidade à composição.

Já o design de produção contribui significativamente para a construção do universo narrativo. A criação de cenários estabelece o ambiente em que a história se desenrola, enquanto a decoração, composta por objetos e acessórios, adiciona camadas de significado e autenticidade às cenas. O figurino, por sua vez,

desempenha um papel crucial ao definir a época, o estilo e a personalidade dos personagens, reforçando a narrativa de forma visual e simbólica.

A iluminação é discutida por Vanoye e Goliot-Lété como uma ferramenta indispensável para criar atmosferas e transmitir emoções. Seja natural, artificial ou uma combinação das duas, a iluminação destaca elementos específicos na cena e estabelece o tom do filme. Complementando esse aspecto, o uso das cores é igualmente importante. A escolha da paleta cromática influencia diretamente a atmosfera do filme, simbolizando temas, evocando emoções e amplificando a narrativa.

No campo da montagem, o ritmo das edições determina a velocidade e o fluxo da narrativa, afetando a percepção de tempo e a intensidade emocional de cada cena. As transições, como cortes secos, fades e wipes, ajudam a criar continuidade ou contraste entre as cenas. Além disso, o uso de paralelismos na edição estabelece relações entre linhas narrativas diferentes ou cenas, conectando temas ou criando impacto emocional.

Por fim, os efeitos visuais desempenham um papel destacado em filmes de fantasia ou ficção científica. Em “Matilda”, por exemplo, a telecinesia é representada visualmente ao mostrar objetos movendo-se por forças invisíveis, adicionando um elemento sobrenatural à narrativa. Técnicas de ampliação são utilizadas para exagerar a escala de objetos ou personagens, enquanto a criação de ambientes digitais ou a melhoria de cenários reais contribuem para trazer realismo ou elementos mágicos que enriqueçam a história.

Com base nos conceitos estabelecidos de cinematografia, a análise do filme Matilda inicia-se pelos temas abordados na narrativa. Como sugerem Vanoye e Goliot-Lété (2002), a identificação e exploração desses temas devem partir das descrições dos principais tópicos e mensagens que permeiam a trama, observando como são desenvolvidos por meio do enredo, dos personagens e dos símbolos.

Os teóricos argumentam que, para detectar as temáticas relevantes, é necessário identificar os assuntos dominantes do filme, como conhecimento, amor, luta, justiça e amizade. Em seguida, deve-se analisar como esses elementos são representados visual e narrativamente ao longo da obra. Logo, é essencial considerar o contexto histórico, social e cultural em que o filme foi realizado, avaliando as influências que moldam sua perspectiva temática.

O tema “Inteligência e Educação” ocupa um lugar central na narrativa de Matilda, evidenciando o contraste entre sua excepcional capacidade intelectual e o desprezo de seus pais pelo aprendizado. Essa dinâmica pode ser compreendida a partir das funções narrativas de Vladimir Propp, especialmente a função 1 (“Ausência”) e a função 2 (“Proibição”), que estruturam os primeiros conflitos da protagonista e impulsionam sua trajetória rumo à independência.

A função de ausência manifesta-se na falta de apoio familiar que Matilda enfrenta, forçando-a a buscar alternativas para preencher o vazio emocional e intelectual de sua vida. Propp (2001) define a ausência como o afastamento de alguém próximo, aqui simbolizado pelo descaso e negligência de seus pais. Nesse contexto, os livros tornam-se uma representação tangível da tentativa de Matilda de suprir essa lacuna. Além de serem uma fonte de conhecimento, os livros simbolizam companhia e refúgio, destacando-se como elementos narrativos essenciais na construção da identidade da protagonista.

Já a função de proibição aparece na repressão que Matilda sofre por parte de seus pais, que desencorajam seu interesse pelo aprendizado e pela leitura. Propp (2001, p. 19) explica que a proibição frequentemente surge como um interdito ou conselho, assumindo, no caso de Matilda, formas explícitas de desvalorização de suas habilidades intelectuais. Mesmo diante dessa resistência, a protagonista transforma os livros em ferramentas de resistência, utilizando-os para expandir seu conhecimento e escapar das limitações impostas por sua família. Sob a perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété, esses elementos narrativos reforçam o contraste entre os valores de Matilda e os de seus pais, consolidando a centralidade da educação na narrativa.

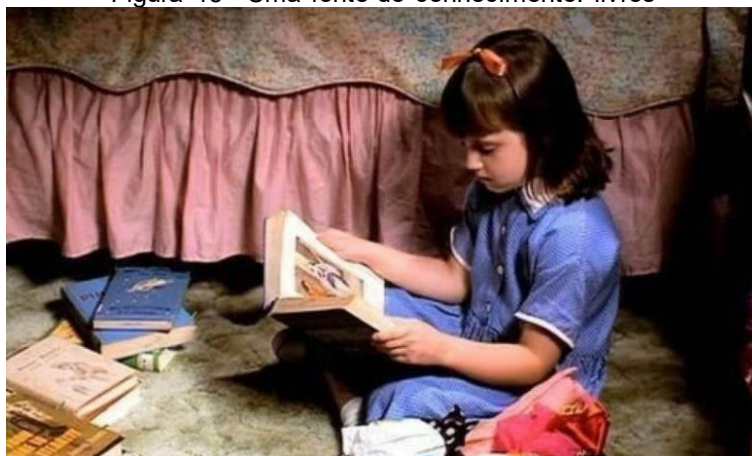
Dentro dessas funções proppianas, os livros ocupam uma posição simbólica fundamental como representações da inteligência e do empoderamento de Matilda. Mais do que simples objetos, eles são instrumentos que permitem à protagonista transcender as barreiras impostas pela ausência de apoio e pela proibição ao seu desenvolvimento intelectual. Além de aprimorar trama, os livros destacam-se como catalisadores para o crescimento pessoal da personagem, reforçando sua capacidade de superar adversidades e construir sua própria identidade.

Antes de iniciar a análise das imagens do filme “Matilda”, retoma-se a perspectiva de mise-en-scène apresentada por Vanoye e Goliot-Lété, destacando sua relevância na construção da experiência cinematográfica. Esses teóricos enfatizam

que a mise-en-scène é um recurso essencial para orientar a percepção do espectador, utilizando elementos como enquadramento, iluminação e direção de arte de maneira estratégica. Mais do que uma organização visual, essa composição influencia a carga emocional e narrativa de um filme, contribuindo para a imersão do público e para a comunicação eficaz das intenções do cineasta. Dessa forma, ao examinar as cenas selecionadas de “Matilda”, buscar-se-á compreender como esses conceitos se manifestam na estética e na construção simbólica das imagens do longa.

A cena a seguir retrata Matilda em seu ambiente favorito: o aconchego de seu quarto, cercada por livros que a transportam para mundos extraordinários e estimulam sua brilhante imaginação. No silêncio tranquilo do espaço, ela mergulha profundamente nas histórias que tanto ama, alimentando sua mente curiosa e independente. Esse momento reflete a essência de sua personalidade, marcada por inteligência, determinação e um amor inabalável pelo conhecimento.

Figura 15 - Uma fonte de conhecimento: livros



Fonte: Ecuavisa (2015).

A imagem retrata Matilda sentada no chão, totalmente absorvida na leitura de um livro. Seu rosto, parcialmente obscurecido, enfatiza sua postura concentrada e mantém o foco na atividade central. Matilda usa um vestido azul com gola branca e um laço vermelho no cabelo, que introduz uma cor vibrante à composição. O cenário é o quarto da personagem, com uma cama decorada com uma saia rosa ao fundo. Livros espalhados pelo chão, junto com brinquedos e outros itens, reforçam a atmosfera infantil e intelectual do ambiente.

A câmera, posicionada em um plano médio, captura não apenas Matilda, mas também parte do espaço ao seu redor. Esse enquadramento ressalta a interação entre a personagem e o ambiente, contextualizando sua atividade central: a leitura. A escolha de posicionar a câmera ao nível dos olhos da criança cria uma sensação de proximidade, permitindo que o espectador experimente a cena como se estivesse ao lado de Matilda, fortalecendo a conexão emocional.

A paleta de cores da cena utiliza tons suaves e acolhedores, como o azul do vestido e o rosa da cama, combinados aos tons neutros dos livros e brinquedos. Esses elementos criam uma harmonia visual que transmite tranquilidade e conforto, posicionando o quarto como um espaço seguro e reconfortante. O laço vermelho no cabelo de Matilda e as ilustrações coloridas do livro introduzem pontos focais vibrantes, direcionando a atenção à leitura e aumentando o impacto visual.

Matilda, localizada no centro da imagem, direciona imediatamente o olhar do espectador para sua interação com os livros. Os elementos ao fundo, como a cama e os livros espalhados, adicionam contexto e criam um senso de lugar, permitindo que o espectador compreenda o ambiente em que ela está inserida. O enquadramento equilibra os detalhes do espaço e a importância da atividade, destacando a centralidade da leitura na narrativa.

A cena captura com sensibilidade um momento de concentração e interesse genuíno, simbolizando a conexão íntima de Matilda com a leitura e o aprendizado. O quarto, com sua decoração harmoniosa e itens familiares, contribui para criar uma atmosfera acolhedora, onde a leitura é retratada não apenas como um passatempo, mas como uma fonte de crescimento e refúgio emocional.

Na imagem analisada, a mise en scène cumpre um papel essencial ao compor uma atmosfera que reflete a conexão emocional e intelectual de Matilda com a leitura, utilizando elementos cuidadosamente posicionados e esteticamente integrados. O uso do plano médio, conforme Aumont e Marie (2012, p. 40), desempenha um papel fundamental na construção da continuidade visual e na organização do espaço cinematográfico.

Na cena de Matilda, essa escolha de enquadramento permite que a interação da personagem com o ambiente seja evidenciada, capturando não apenas sua expressão, mas também elementos significativos do quarto que reforçam a centralidade da leitura na narrativa. Essa composição visual não apenas contextualiza

a cena, mas também contribui para uma maior proximidade emocional entre o espectador e a protagonista, potencializando a imersão e a interpretação simbólica do momento representado.

A paleta de cores, composta por tons suaves como o azul do vestido e o rosa da cama, transmite uma atmosfera de aconchego e tranquilidade. De acordo com Aumont e Marie (2012), a escolha das cores é essencial para construir a emoção da cena, e, aqui, os tons neutros dos livros e brinquedos reforçam a sensação de familiaridade e segurança.

Assim, a mise en scène evidencia a relação íntima entre Matilda e seu ambiente, retratando a leitura como um ato de refúgio emocional e crescimento intelectual. A composição equilibrada dos elementos visuais comunica a harmonia entre a personagem e o espaço ao seu redor, promovendo uma sensação de acolhimento que ressoa intensamente com a narrativa.

A imaginação desempenha um papel fundamental na vida de Matilda, permitindo-lhe escapar das adversidades de sua rotina e criar um mundo onde encontra força e esperança. No modelo morfológico de Propp, esse aspecto se evidencia na função 10, conhecida como “Reação”, que destaca como sua capacidade de imaginar atua como resposta às dificuldades enfrentadas. Propp define essa função como um momento em que o herói, motivado por um desejo ou necessidade intrínseca, toma decisões que precedem sua busca. No caso de Matilda, sua imaginação se manifesta como uma resposta ativa e criativa às circunstâncias adversas que a cercam, sendo um mecanismo transformador que impulsiona sua trajetória.

A imaginação da protagonista alinha-se à “decisão de vontade” descrita por Propp (2001, p. 25), materializando-se em sua busca por conhecimento e sua resistência emocional. No contexto da narrativa, Matilda transcende o papel convencional do herói dos contos clássicos ao engajar-se em uma busca simbólica, não física, orientada pelo poder transformador de sua mente criativa. Os momentos em que ela utiliza sua imaginação para escapar da negligência dos pais e confrontar a crueldade da Sra. Trunchbull exemplificam a função de reação como uma resposta genuína e proativa, destacando sua resiliência e determinação.

Os elementos do maravilhoso tornam-se símbolos poderosos de resistência contra a negligência dos pais e a crueldade da Sra. Trunchbull, reforçando sua

capacidade de lutar contra essas adversidades. Esses elementos também dialogam com os simbolismos explorados por Propp em sua análise dos contos de fadas. Assim, as habilidades telecinéticas de Matilda representam uma extensão de sua imaginação e se tornam ferramentas essenciais para combater a opressão das figuras de autoridade em sua vida.

Sob a perspectiva de Propp, o maravilhoso transcende o escapismo e assume um papel ativo como instrumento de resistência e transformação. Os elementos mágicos inseridos na narrativa de Matilda criam um paralelo com os contos tradicionais, nos quais o herói utiliza habilidades extraordinárias para superar desafios aparentemente impossíveis.

Além disso, o maravilhoso é retratado como um recurso que fortalece a resiliência socioemocional da personagem, permitindo que ela construa conexões simbólicas e inspire coragem em si mesma e nos outros. Como nos contos analisados por Propp, Matilda demonstra que a imaginação e os elementos mágicos não se limitam ao papel de evasão, mas atuam como ferramentas para superar conflitos e promover uma transformação positiva, alinhando-se à jornada arquetípica do herói.

Em seguida, a cena em análise apresenta dois agentes do FBI investigando a garagem da residência de Matilda, em busca de evidências contra seu pai. Este estudo tem como objetivo explorar os detalhes visuais capturados nos frames dessa sequência, destacando a composição das imagens e os elementos-chave que contribuem para a narrativa. Através da observação cuidadosa dos enquadramentos, como o posicionamento dos agentes, os objetos em foco e a iluminação que permeia o ambiente, busca-se compreender como esses aspectos visuais reforçam a tensão e o dinamismo da cena, além de seu impacto na construção da história.

Figura 16 - Sequência de Matilda e os “vendedores de lancha”





Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

Na imagem, dois agentes do FBI estão na garagem da casa dos Wormwoods, investigando suspeitas contra Harry Wormwood. Os agentes, que já monitoravam a família há algum tempo, disfarçam-se como vendedores de lanchas para se aproximar de Harry e Zinnia. No entanto, Matilda, sempre perspicaz, já havia alertado seus pais sobre a verdadeira identidade dos homens como policiais, embora seu aviso tenha sido ignorado. A esperteza de Matilda se destaca quando ela surpreende os agentes enquanto eles vasculham os pertences da família sem um mandado judicial. O cenário da garagem é desordenado e repleto de tralhas acumuladas, refletindo o caos que permeia a vida dos Wormwoods.

A desordem do ambiente, com caixas empilhadas, prateleiras cheias e uma escada de madeira, funciona como uma metáfora visual para a moralidade questionável e o estilo de vida caótico da família. Cada objeto presente na composição parece revelar nuances dos hábitos e valores dos Wormwoods, adicionando um subtexto rico e simbólico à imagem. O cenário caótico reflete não apenas uma desconexão visual, mas também a disfunção emocional e ética da família, marcada pelo egoísmo e pela superficialidade.

A iluminação de baixa intensidade contribui para criar uma atmosfera de mistério e tensão enquanto os agentes exploram o ambiente. A luz suave destaca as sombras e texturas, reforçando a sensação de incerteza e suspense. A profundidade de campo, que inclui prateleiras abarrotadas e a estátua colorida ao lado, guia o olhar do espectador pelo espaço desorganizado, amplificando a percepção de caos visual e emocional.

Quanto aos ângulos de câmera, a segunda imagem utiliza o ângulo Plongée para mostrar Matilda em uma perspectiva que a torna pequena diante do ambiente ao seu redor. Esse enquadramento simboliza sua vulnerabilidade, mas também sua sagacidade em observar e compreender o que acontece ao seu redor. Já nas terceira e quarta imagens, a perspectiva infantil é explorada com a câmera posicionada na

altura dos olhos de Matilda, permitindo que o espectador experimente a cena por meio de sua visão, criando uma imersão emocional que destaca seu ponto de vista e seus sentimentos sobre a situação.

O enquadramento alterna entre planos gerais e médios, permitindo tanto a captura do ambiente como um todo quanto o detalhamento das interações entre os personagens e o espaço ao redor. A estátua colorida ao lado, que chama atenção na composição, atua como um ponto focal visual, adicionando interesse e contribuindo para o equilíbrio dentro do caos representado.

A paleta de cores da cena aposta em tons naturais e realistas, como os marrons das prateleiras e da madeira, além dos múltiplos tons dos objetos espalhados pela garagem. Essa escolha cromática reforça o realismo do ambiente e contrasta com a tensão crescente da narrativa. Ademais, a posição de uma caixa, que muda nas imagens três e quatro devido ao uso dos poderes telecinéticos de Matilda, introduz um toque sobrenatural à composição, conectando o mágico ao cotidiano e aprimorando a narrativa visual.

A análise da mise-en-scène dos planos em questão inicia-se a partir do cenário, que desempenha um papel essencial na construção simbólica da narrativa. O cenário da garagem dos Wormwoods, desordenado e repleto de objetos acumulados, serve como uma representação visual do caos que permeia a dinâmica da família. Segundo Gérard Betton (2002, p. 53), “os cenários podem ser reais (naturais) ou artificiais”, cumprindo o papel de criar uma ambiência para a ação.

No caso da garagem, trata-se de um espaço realista, reforçando a desconexão emocional e ética da família Wormwood por meio de elementos cotidianos que também carregam um forte valor simbólico. Vanoye e Goliot-Lété (2002) complementam essa abordagem ao destacar que o cenário atua como uma extensão narrativa, comunicando os valores e conflitos internos dos personagens. Assim, a garagem não é apenas um local físico, mas um reflexo metafórico do estilo de vida caótico e da moralidade questionável que definem os Wormwoods.

O ângulo plongée, utilizado para capturar Matilda em uma perspectiva superior, é um recurso que intensifica a relação entre personagem e ambiente. Martin (2003, p. 51) observa que o “plano picado (filmagem de cima para baixo)” tende a minimizar o indivíduo, simbolizando sua vulnerabilidade e a sensação de ser sobrecarregado por forças externas. Esse enquadramento dialoga com Vanoye e Goliot-Lété (2002) ao

evidenciar como a organização do espaço e a escolha do ângulo reforçam simbolicamente a posição de fragilidade de Matilda em relação ao caos ao seu redor.

No entanto, a cena também subverte essa vulnerabilidade ao destacar a sagacidade da personagem, que, apesar de pequena na composição, é capaz de compreender e confrontar as ações dos agentes do FBI. Esse contraste entre vulnerabilidade e inteligência adiciona camadas de significado à narrativa visual. Portanto, a *mise-en-scène* dos planos acima destaca a garagem dos Wormwoods como um reflexo visual do caos familiar. O ângulo *plongée* reforça a vulnerabilidade de Matilda, mas também evidencia sua astúcia ao confrontar os agentes do FBI. A composição da cena amplifica a carga simbólica da narrativa, articulando espaço e personagem para intensificar a leitura visual e emocional do espectador.

Dentro da estrutura narrativa dos contos maravilhosos estudados por Vladimir Propp, a garagem dos Wormwoods pode ser interpretada como um ambiente de conflito inicial que reflete os desafios enfrentados pelo herói antes de sua transformação. Nos contos maravilhosos, os espaços físicos muitas vezes simbolizam as condições adversas que o protagonista deve superar, funcionando como extensões narrativas da jornada do herói. No caso de Matilda, a garagem é um espaço saturado de desordem e caos, representando a negligência e o oportunismo de sua família, que vive imersa em atividades fraudulentas e desprovidas de valores intelectuais ou éticos.

A *mise en scène* da cena reforça essa leitura ao utilizar a organização visual do espaço como uma metáfora para a hostilidade da família Wormwood. A falta de estrutura e o acúmulo de objetos supérfluos dialogam com a caracterização proppiana do ambiente inicial do herói, que geralmente é marcado por dificuldades e limitações impostas por figuras opressoras. Esse cenário cumpre a função narrativa de expor o contraste entre Matilda e sua família, evidenciando sua inteligência ao invés da falta de princípios dos pais.

O enquadramento *plongée*, que minimiza Matilda dentro da composição e enfatiza a dimensão do ambiente caótico, conecta-se à função proppiana de “Proibição” ou “Dano”, já que a família representa uma barreira ao seu desenvolvimento. Esse enquadramento reflete visualmente a opressão e o domínio que a família tenta exercer sobre a protagonista, ao mesmo tempo em que prepara sua reação contra essa realidade. Propp observa que, nos contos maravilhosos, o herói frequentemente reage a um cenário adverso ao desenvolver habilidades que

permitem sua libertação. No filme, esse princípio se manifesta na sagacidade de Matilda, que observa e compreende a ilegalidade das ações dos pais e se fortalece diante da adversidade.

A introdução dos poderes telecinéticos de Matilda na cena, deslocando objetos na garagem, representa a função narrativa de “Aquisição do Maravilhoso”, uma das fases estruturais dos contos maravilhosos segundo Propp. Assim como os heróis recebem elementos mágicos que os auxiliam na jornada, Matilda passa a utilizar sua habilidade extraordinária como um meio de resistência contra o ambiente caótico e antiético dos Wormwoods. Essa manifestação do maravilhoso reforça a ideia de transformação e libertação, possibilitando que a protagonista se afaste progressivamente da influência nociva de sua família.

Dessa forma, a garagem, mais do que um cenário físico, assume um papel narrativo central na construção da jornada de Matilda, funcionando como um espaço simbólico de adversidade que catalisa sua evolução e emancipação. A linguagem cinematográfica e a *mise en scène* reforçam essas leituras ao estruturar visualmente a oposição entre ordem e caos, inteligência e ignorância, preparando o espectador para a progressão narrativa inspirada nos princípios proppianos dos contos maravilhosos.

A seguir, as amigas desempenham um papel essencial na jornada de Matilda, especialmente sua relação com a Srta. Honey e seus colegas de classe, que se tornam pilares fundamentais para seu desenvolvimento emocional e social. De acordo com as categorias morfológicas proppianas, essas amigas funcionam como auxiliares na esfera de ação dos personagens, ajudando Matilda a enfrentar os desafios que surgem em sua trajetória. Os cenários escolares, como a sala de aula, o auditório e o pátio, simbolizam espaços de interação, aprendizado e crescimento, onde essas relações florescem. Assim, a história destaca como as conexões humanas podem ser determinantes para superar dificuldades e construir uma vida mais plena, marcada por felicidade e serenidade.

No estudo da morfologia do conto popular, Vladimir Propp identifica a presença de auxiliares que desempenham um papel crucial na jornada do herói, ajudando-o a superar desafios e alcançar seu objetivo. No caso de Matilda, sua amizade com a Srta. Honey se encaixa nesse padrão: ela age como uma guia benevolente que protege, orienta e fortalece Matilda diante das adversidades representadas pela vilã, diretora

Trunchbull. Da mesma forma, seus colegas de escola contribuem para seu sentimento de pertencimento e coragem, tornando-se um suporte emocional e estratégico em sua luta contra a opressão.

O elemento maravilhoso se manifesta não apenas no dom sobrenatural de Matilda, sua capacidade telecinética, mas também na maneira como a amizade transforma e ressignifica a realidade. No universo proppiano, o maravilhoso está frequentemente associado a artefatos mágicos ou personagens extraordinários que auxiliam o protagonista. Nesse contexto, a magia de Matilda representa sua singularidade. No entanto, o verdadeiro “milagre” da história está na força das relações humanas, que funcionam como aliados invisíveis, criando um ambiente de resistência e crescimento.

Assim, “Matilda” adapta e recria a estrutura narrativa clássica dos contos maravilhosos, utilizando tanto o elemento sobrenatural quanto a força das conexões afetivas para construir um desfecho positivo. O filme, portanto, reforça a ideia de que, mesmo sem magia, o vínculo entre personagens pode ser um fator transformador, permitindo que Matilda supere obstáculos e conquiste seu espaço no mundo.

A imagem a seguir retrata um momento de alegria e novas descobertas entre Matilda e seus colegas de classe, simbolizando o papel fundamental que as amizades desempenham em sua jornada. Mais do que simples laços escolares, essas conexões representam um refúgio para Matilda, um espaço onde ela encontra apoio, troca conhecimentos e compartilha experiências incentivadoras. Em meio a um ambiente desafiador, como a Escola Crunchem Hall, esses amigos tornam-se pilares emocionais e companheiros nas brincadeiras e aprendizados. A imagem capta essa dinâmica especial, evidenciando como a amizade pode ser uma fonte de força e um catalisador para o crescimento individual e coletivo.

Figura 17 - A amizade



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem apresenta três crianças posicionadas próximas às escadas da Escola Cruchen Hall, capturando um momento de curiosidade e interação. Bruce, ao centro, está segurando um livro aberto, exibindo a figura de um tritão em uma das páginas. Matilda, usando um vestido azul, está à esquerda, enquanto Hortênsia, à direita, observa atentamente a figura do animal no livro. Esse instante simboliza a curiosidade infantil e o desejo de explorar e compreender algo novo sobre a origem da salamandra.

O enquadramento em plano médio captura não apenas as crianças, mas também parte do ambiente ao redor, permitindo ao espectador perceber tanto a interação entre elas quanto a relevância do objeto em destaque, o livro. A câmera posicionada ao nível dos olhos das crianças cria uma sensação de igualdade e proximidade, estabelecendo uma conexão emocional com o espectador e permitindo que ele experimente a cena do mesmo ponto de vista dos personagens.

A paleta de cores da imagem utiliza tons naturais e realistas, como o tijolo do prédio ao fundo e as cores das roupas das crianças. Essa escolha cromática contribui para criar uma atmosfera verossímil e acolhedora, reforçando a ideia de um ambiente escolar familiar. O livro, com sua imagem vibrante do animal, funciona como um ponto focal visual, atraindo o olhar e destacando a interação central. Bruce, segurando o livro, está posicionado de forma a ser o centro da composição, enquanto Matilda e Hortênsia equilibram visualmente a cena com suas posições e gestos.

Além disso, os elementos visuais estão cuidadosamente organizados para facilitar a compreensão do espectador. O alinhamento dos personagens próximo às escadas e a presença do prédio de tijolos ao fundo ajudam a contextualizar o cenário e transmitir uma sensação de lugar. A escolha do enquadramento e a composição equilibrada reforçam o dinamismo da interação, orientando o olhar do espectador para o objeto de curiosidade compartilhada.

A análise da mise en scène revela a riqueza narrativa e estética presente na interação entre as três crianças, destacando como os elementos visuais e simbólicos se combinam para construir um momento de curiosidade e descoberta. A paleta de cores utilizada na cena, composta por tons naturais e realistas como o tijolo do prédio e as roupas das crianças, reflete um esforço de conformidade à realidade, tal como descrito por Roger Boussinot apud Gerard Betton (2002, p. 58): “O principal problema é saber se a cor deve ser 'realista' ou não”. Nesse caso, a escolha de cores reforça o

ambiente escolar familiar e verossímil, evitando o risco de transformar a imagem em algo artificial ou excessivamente ornamentado, como um “cartão postal”. Além disso, o contraste entre as cores neutras do cenário e as ilustrações vibrantes do livro guia o olhar do espectador para o objeto central, ressaltando a curiosidade e a interação infantil.

A coragem e o senso de justiça são elementos centrais na trajetória de Matilda, que enfrenta as injustiças perpetradas por seus pais e pela Sra. Trunchbull em sua busca por uma vida marcada pela equidade e compaixão. Na teoria morfológica de Vladimir Propp, essas qualidades encontram correspondência direta nas funções 10 (Reação) e 11 (A partida), que articulam a maneira como o herói reage aos desafios impostos e inicia sua jornada de transformação. A análise dessas funções sob a ótica de Propp, apoiada pelos elementos simbólicos propostos por Vanoye e Goliot-Lété, permite compreender como Matilda transcende os papéis tradicionais de heroísmo, tornando-se um exemplo emblemático de coragem e luta por justiça.

A função 10, denominada “Reação”, destaca o momento em que o herói responde ativamente às circunstâncias adversas. Propp (2001) descreve esse momento como uma decisão de vontade que precede a busca ou as ações transformadoras. Em “Matilda”, essa reação manifesta-se por meio da coragem da personagem em confrontar as injustiças cometidas por seus pais e pela Sra. Trunchbull. Seus poderes telecinéticos, enquanto extensões simbólicas de sua força interior, representam uma reação concreta e proativa às condições opressivas de sua realidade.

Nesse contexto, os valores éticos e morais de Matilda são instrumentos de resistência, sendo a coragem o ponto de partida para suas ações. Vanoye e Goliot-Lété, ao tratarem da organização narrativa e simbólica no cinema, reforçam que essas reações heroicas articulam não apenas a trajetória da personagem, mas também a construção de significados que se conectam ao espectador, ressaltando a relevância da coragem como fator de transformação.

Na função 11, Propp explora a “Partida” como o momento em que o herói inicia sua trajetória, seja em busca de um objetivo específico ou encontrando aventuras inesperadas ao longo do caminho. No filme “Matilda”, a partida simboliza mais do que um deslocamento físico; representa o início de uma jornada de libertação e enfrentamento contra a tirania de figuras autoritárias. Impulsionada por seu senso de

justiça, a personagem utiliza seus dons extraordinários para reequilibrar as dinâmicas de poder em favor dos oprimidos. Como Propp (2001, p. 25) explica, essa partida pode assumir formas diferentes, e no caso de Matilda, sua coragem e desejo por justiça guiam suas ações transformadoras.

Assim, a análise das funções 10 (Reação) e 11 (A partida) à luz da teoria de Propp e da perspectiva simbólica de Vanoye e Goliot-Lété evidencia a riqueza narrativa e simbólica de “Matilda”. Sua trajetória reforça que a coragem e o senso de justiça não apenas definem o herói, mas também ecoam como ideais universais de transformação e resiliência.

Desse modo, a imagem abaixo ilustra um momento decisivo na narrativa, em que Matilda demonstra uma coragem extraordinária ao enfrentar a temida diretora Trunchbull. Utilizando suas habilidades telecinéticas, ela não apenas desafia o tratamento hostil e autoritário da diretora, mas também age em defesa de todos os alunos da Escola Crunchem Hall. Esse ato simboliza sua determinação inabalável em combater a injustiça, marcando uma virada na história onde o medo dá lugar à esperança. A imagem captura a essência da bravura de Matilda, destacando-a como uma verdadeira heroína que, com seu gesto de força e resistência, inspira união e coragem entre os alunos.

Figura 18 - Sequência da Sra. Trunchbull recebendo um castigo



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem mostra um grupo de alunos parados na sala de aula, enquanto a Sra. Trunchbull, após ser atingida por apagadores no corpo, está deitada no chão diante deles. Os alunos vestem roupas coloridas, enquanto a diretora incapacitada usa um uniforme verde combinado com meias brancas e sapatos pretos. Ao redor dela, uma

névoa, causada pela ação dos poderes telecinéticos de Matilda, contribui para o tom dramático da cena e reforça a aura de mistério em torno do momento.

Ao fundo, vemos um quadro escolar com texto, usado por Matilda, através de seus poderes, para dar uma lição à Sra. Trunchbull. A mensagem no quadro exige que ela devolva todos os bens patrimoniais à Srta. Honey e que deixe a escola e a cidade onde vive. Esta imagem é marcante por retratar uma cena carregada de tensão dramática, onde o grupo de crianças observa a figura da outrora imponente diretora agora derrotada no chão da sala de aula.

A câmera, posicionada em um plano geral, captura toda a cena, incluindo os alunos e a Sra. Trunchbull caída. Esse tipo de enquadramento permite ao espectador compreender o contexto completo, desde o ambiente até a relação espacial entre os personagens. A câmera está ligeiramente acima do nível dos olhos, o que fornece uma visão abrangente tanto do grupo quanto da diretora no chão, adicionando um senso de vigilância e tensão à composição.

As roupas coloridas das crianças criam um contraste visual com a roupa mais sombria da diretora, enfatizando a oposição entre os personagens. Esse contraste também chama a atenção para a figura abatida da Sra. Trunchbull, destacando sua vulnerabilidade no momento. A névoa ao redor da diretora acrescenta um toque de mistério e drama, sugerindo a força sobrenatural que desencadeou a situação inesperada.

A figura de Trunchbull no chão atua como o ponto focal da imagem, com o grupo de alunos estrategicamente disposto ao seu redor para reforçar a composição. Essa organização guia o olhar do espectador diretamente para o centro do drama, enquanto a profundidade de campo permite que tanto as crianças quanto a diretora sejam capturadas em detalhes. Esse equilíbrio na composição e no foco aumenta a intensidade emocional da cena e sublinha a importância do momento na narrativa.

A mise en scène da cena analisada é fundamental para transmitir o ápice dramático da narrativa, onde a Sra. Trunchbull é derrotada diante dos alunos e de sua própria tirania. A organização dos elementos visuais, o uso do enquadramento e a atmosfera criada contribuem de forma eficiente para comunicar o simbolismo e a tensão do momento. O enquadramento em plano geral, combinado com a posição ligeiramente acima do nível dos olhos, desempenha um papel essencial na construção narrativa da cena. Martin (2003, p. 47) afirma que “a maioria dos tipos de planos não

tem outra razão de ser senão a de comodidade da percepção e de clareza da narrativa”.

Aqui, a escolha do plano geral permite capturar tanto a figura da Sra. Trunchbull no chão quanto os alunos ao seu redor, enfatizando a oposição entre os personagens e o impacto emocional da vitória de Matilda. Dessa forma, o enquadramento não apenas organiza a composição visual, mas também potencializa a carga dramática da cena, direcionando a atenção do espectador para a dinâmica entre os personagens.

A cena exemplifica o que Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 27) definem como “o encadeamento das cenas e das sequências se desenvolve de acordo com uma dinâmica de causas e efeitos clara e progressiva”. A derrota da Sra. Trunchbull é o resultado direto das ações de Matilda e de seus poderes telecinéticos, criando uma sequência de eventos logicamente interligados que culminam na restauração da justiça. Esse encadeamento não apenas conduz a narrativa, mas também reforça o impacto emocional e simbólico do momento.

A trajetória de Matilda reflete sua força, inteligência e determinação para superar os obstáculos impostos por sua vida doméstica negligente e pelas opressões no ambiente escolar. A análise morfológica de Vladimir Propp, ao relacionar as funções 18 (Libertação) e 19 (Recompensa) com os elementos simbólicos propostos por Vanoye e Goliot-Lété, permite uma compreensão mais extensa da jornada da personagem como um arco de superação e vitória.

A função 18 de Propp, que sinaliza a “Libertação”, é representada pelo momento em que o antagonista é vencido, seja por combate ou expulsão. Na narrativa de Matilda, esse aspecto é simbolizado pela derrota definitiva da Sra. Trunchbull, que é expulsa da escola e perde o controle opressivo sobre os alunos. Utilizando sua astúcia e poderes telecinéticos, Matilda neutraliza a vilã em uma sequência que incorpora o elemento fantástico ao triunfo da heroína. Essa libertação não apenas representa uma vitória individual, mas também restaura o equilíbrio e a justiça para todos que estavam sob o domínio da Sra. Trunchbull.

Sob a perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété (2002), a libertação de Matilda carrega um simbolismo essencial no cinema. Para eles, os elementos narrativos conectam o espectador aos valores universais, permitindo que a vitória de Matilda seja interpretada como mais do que uma simples conquista pessoal: é uma celebração da

coragem e da capacidade de transformar realidades opressivas em ambientes justos e harmoniosos.

A função 19, descrita por Propp como a “Recompensa”, marca o momento em que o dano inicial ou a carência são reparados e o conto atinge seu ápice. Em Matilda, essa recompensa é vista na liberdade conquistada pela personagem ao encontrar uma nova família com Miss Honey, onde ela finalmente experimenta carinho, respeito e amor. Esse desfecho é o contraponto perfeito à negligência vivida ao longo de sua vida doméstica, simbolizando um arco completo de superação e crescimento.

Segundo Propp (2001, p. 31-32), a recompensa do herói é obtida por meio de força ou astúcia, e muitas vezes utiliza as mesmas ferramentas que o malfeitor. Matilda exemplifica essa função ao empregar sua inteligência e poderes telecinéticos como resposta aos abusos e injustiças que sofreu. Vanoye e Goliot-Lété destacam que os elementos simbólicos no cinema, como a recompensa obtida por Matilda, transcendem o individual para refletir valores universais de perseverança e resiliência, inspirando o espectador a acreditar que é possível transformar adversidades em conquistas.

Ao relacionar as funções 18 e 19 com a trajetória de Matilda, fica evidente que sua jornada é uma metáfora de coragem e transformação. Seus atos de libertação e recompensa não apenas reequilibram as dinâmicas de poder, mas também evidenciam o crescimento emocional e moral da personagem. A narrativa reforça que, com inteligência, força de vontade e senso de justiça, é possível vencer os desafios da vida, tornando Matilda um exemplo inspirador de resiliência e perseverança.

Nesse sentido, a imagem a seguir simboliza uma vitória significativa na vida de Matilda, capturando o momento exato em que ela e a Srta. Honey se tornam oficialmente mãe e filha. A cena ocorre na casa da professora, quando os pais e o irmão de Matilda chegam apressados, planejando levar a menina para a cidade de Guam. Em um ato de coragem e determinação, Matilda expressa seu desejo de permanecer com a Srta. Honey, sugerindo que fosse adotada por ela.

Assim, ela entrega aos pais os papéis de adoção já preparados e, pressionados pelo tempo, eles os assinam sem compreender totalmente o significado do gesto. Enquanto o carro da família parte em alta velocidade, Matilda e sua nova mãe comemoram felizes na varanda da casa, celebrando o início de uma vida repleta de amor e acolhimento.



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem mostra a Srta. Honey segurando Matilda na varanda de sua casa, em um momento de celebração após os pais da menina assinarem os papéis de adoção. Matilda, agora oficialmente acolhida por Jennifer Honey, está vestida com um vestido azul claro sem mangas e gola, enquanto Honey usa uma blusa floral sem mangas. Ao fundo, o exterior da casa apresenta cores claras, acompanhadas por um jardim com flores vermelhas e folhagem verde, adicionando frescor e suavidade à cena.

O enquadramento, realizado em plano médio, destaca a Srta. Honey segurando Matilda, permitindo que o espectador observe tanto a interação entre as personagens quanto o ambiente ao redor. Esse tipo de plano é eficiente para retratar relações emocionais e criar uma sensação de proximidade com os protagonistas.

A câmera posicionada ao nível dos olhos das personagens reforça uma sensação de igualdade, permitindo que o público se conecte emocionalmente com a cena. As cores naturais do ambiente, como os verdes das plantas e os tons claros da casa, criam um contraste harmonioso com as flores vermelhas no jardim, que se tornam um ponto focal vibrante e desenvolvem a composição visual.

O figurino das personagens, com a blusa floral de Honey e o vestido azul claro de Matilda, comunica frescor e leveza, alinhando-se à atmosfera acolhedora e agradável da cena. Ambas estão centralizadas na imagem, direcionando imediatamente o olhar do espectador para a conexão entre elas. A casa e o jardim ao fundo proporcionam profundidade ao cenário, ampliando o contexto visual.

Além disso, a imagem simboliza a vitória de Matilda em sua trajetória, após enfrentar desafios e adversidades. Ao encontrar um verdadeiro lar e o afeto genuíno de Honey, a cena transmite uma mensagem de proteção e cuidado. O ambiente ao ar livre, com suas cores frescas e detalhes florais, reforça a sensação de conforto e acolhimento, celebrando a relação calorosa e significativa entre as duas personagens.

A mise en scène da cena entre Matilda e Srta. Honey é carregada de significado emocional e simbólico, com os elementos cinematográficos colaborando para transmitir conforto, acolhimento e celebração em sua conexão. Com base na perspectiva de Marcel Martin (2003, p. 85), a utilização da cor na cena não se limita à reprodução do realismo visual, mas atua como um elemento narrativo essencial, capaz de intensificar emoções e destacar significados simbólicos.

A leveza e o acolhimento da cena são reforçados pelo figurino das personagens, cujas escolhas cromáticas dialogam com a atmosfera do espaço. O vestido azul-claro de Matilda não apenas evoca frescor e tranquilidade, mas também funciona como um contraste delicado à jornada emocional que ela superou. Da mesma forma, a blusa floral da Srta. Honey contribui para a harmonia visual, promovendo uma sensação de acolhimento e proteção. De acordo com Martin, a cor no cinema não deve ser apenas um meio de ampliar o realismo da imagem, mas sim uma ferramenta de construção expressiva e estética.

Além do figurino, a composição cromática do ambiente cumpre um papel fundamental na transmissão da carga emocional da cena. O verde das plantas e os tons claros da casa criam uma base visual equilibrada, enquanto as flores vermelhas do jardim introduzem um ponto focal vibrante, enfatizando a energia transformadora do momento. Em consonância com a perspectiva de Martin (2003), a cor aqui não opera apenas como um detalhe natural do cenário, mas sim como um recurso estilístico que orienta a interpretação do espectador. O contraste entre os tons suaves e a vivacidade do vermelho reforça o impacto emocional da sequência, consolidando o significado simbólico da renovação e da vitória pessoal de Matilda e Srta. Honey.

Por isso, Jennifer Honey emerge como uma verdadeira figura materna na vida de Matilda, simbolizando um tipo de maternidade que transcende laços biológicos. Em contraste com a negligência e a incompreensão que a menina enfrenta em sua família, a Srta. Honey representa acolhimento, afeto e aceitação. Seu gesto ao assumir a responsabilidade por Matilda reflete a imagem de uma mãe amorosa e dedicada, que oferece segurança e apoio em um lar onde a menina pode crescer e prosperar. Este ato não é apenas uma mudança no curso da vida de Matilda; ele simboliza a realização de seu desejo de pertencimento e proteção, destacando a importância de uma relação genuína de carinho e compreensão.

Embora dotada de poderes mágicos, Matilda é, antes de tudo, uma criança que busca conexão humana e emocional. O momento em que ela encontra seu colo materno na figura da Srta. Honey reflete o final feliz típico dos contos de fadas, onde os desafios são vencidos e os personagens alcançam a felicidade plena. Para Matilda, a verdadeira vitória não está apenas em suas habilidades extraordinárias, mas na conquista de um lar repleto de amor e cuidado. A figura da Srta. Honey personifica a realização desse sonho infantil, evidenciando que, mesmo para quem possui poderes mágicos, o calor do amor materno é insubstituível e essencial para completar sua jornada.

Destarte, o filme aborda o tema da família e do amor, contrastando duas realidades opostas: a negligência dos Wormwood e o carinho e proteção oferecidos pela Srta. Honey. Essa dualidade ressalta a importância de um ambiente acolhedor e afetoso para o desenvolvimento emocional. A adoção de Matilda pela Srta. Honey simboliza a criação de uma “família escolhida”, baseada no amor e no respeito mútuo, em oposição com os vínculos biológicos negligentes. A história evidencia que o amor e o cuidado não estão necessariamente vinculados à consanguinidade, mas sim à capacidade de oferecer um ambiente saudável e amoroso, essencial para o crescimento pessoal e a felicidade.

Dentro da morfologia do conto, Propp identifica a presença de doadores e auxiliares, personagens que guiam e fortalecem o protagonista em sua jornada. No filme, a Srta. Honey assume esse papel ao representar um contraste direto com a negligência dos pais biológicos de Matilda. Sua figura remete à clássica protetora dos contos maravilhosos, aquela que, por meio da bondade e do acolhimento, permite que a heroína encontre seu verdadeiro lugar no mundo. Assim, a adoção de Matilda simboliza não apenas a superação das adversidades, mas também a concretização de um final feliz que tange com a estrutura dos contos tradicionais.

O elemento maravilhoso também está presente na transição entre esses dois mundos familiares: Matilda sai de um ambiente hostil e opressor, semelhante à situação de muitas protagonistas dos contos de fadas (como Cinderela e Branca de Neve), e encontra refúgio na Srta. Honey, cuja casa se torna um espaço simbólico de paz e reconstrução afetiva. Mesmo sem depender exclusivamente da magia explícita, como em narrativas clássicas, a história carrega a essência do maravilhoso ao mostrar que o amor e a conexão emocional são forças poderosas e transformadoras.

Dessa forma, “Matilda” adapta o modelo narrativo proppiano, utilizando a dinâmica entre família biológica e família escolhida para construir um percurso de crescimento e felicidade. A resolução da trama reforça a ideia de que o verdadeiro laço familiar é aquele baseado no respeito e no carinho, resgatando, dentro do universo cinematográfico, a estrutura dos contos maravilhosos.

Assim sendo, a cena em questão ilustra o vínculo estreito e afetuoso que se desenvolveu entre Matilda e a Srta. Honey após a adoção. Neste momento íntimo, as duas compartilham a leitura de um livro antes de dormir, um gesto que vai além da simples ação e representa a construção de uma dinâmica de mãe e filha pautada no carinho, na compreensão e na parceria. A relação de Jennifer Honey com Matilda reflete a força e a importância do amor familiar, apresentando a professora como uma figura materna que oferece acolhimento e segurança. Esse papel de mãe, assumido com espontaneidade e dedicação, reforça a simbologia de proteção e cuidado, essencial na estrutura familiar, consolidando a conexão especial entre elas.

Figura 20 - Em família



Fonte: Fan Pop (2013).

A imagem mostra Matilda e a Srta. Honey, sua mãe adotiva, sentadas em uma cama, enquanto a menina segura um livro aberto e a Srta. Honey está sentada ao lado dela. Ao lado da cama, um abajur em um criado-mudo fornece uma luz suave que ilumina a cena. O fundo apresenta uma cabeceira com design decorativo e papel de parede com um padrão sutil, complementando o ambiente. A composição retrata um momento íntimo e tranquilo de leitura antes de dormir entre mãe e filha.

O plano médio escolhido pela câmera captura ambas as personagens e parte do ambiente ao redor, permitindo que o espectador observe a interação entre elas e o

espaço que compartilham. Esse enquadramento é eficaz para destacar o vínculo emocional entre as duas, ao mesmo tempo que contextualiza a atividade central da cena: a leitura. A posição da câmera ao nível dos olhos das personagens reforça uma sensação de igualdade e aproximação, permitindo que o espectador se conecte emocionalmente com o momento.

A iluminação proporcionada pelo abajur cria uma atmosfera acolhedora e íntima, com tons quentes que destacam o conforto e a serenidade do ambiente. As cores suaves e neutras do papel de parede e da cabeceira intensificam essa sensação de harmonia, enquanto o contraste sutil entre a luz do abajur e as sombras delicadas adiciona profundidade à composição, destacando as personagens e criando uma ambientação aconchegante.

Centralizadas na imagem, Matilda e a Srta. Honey atraem imediatamente o olhar do espectador para a interação entre elas. A cama e o abajur ao fundo fornecem contexto para o cenário, enquanto elementos como a cabeceira decorativa e o papel de parede ajudam a criar um senso de lugar acolhedor. O enquadramento inclui detalhes do ambiente ao redor, reforçando a ideia de um espaço pessoal e seguro para momentos de conexão.

Sendo assim, o cenário do quarto, com sua iluminação suave e elementos decorativos harmoniosos, transmite uma atmosfera de familiaridade e tranquilidade. A imagem simboliza o vínculo afetivo entre mãe e filha, destacando a importância de compartilhar instantes de calma e proximidade, como a leitura antes de dormir. Esse momento encapsula o crescimento emocional e a segurança que Matilda encontra ao lado de sua nova mãe, reforçando a mensagem de acolhimento e amor incondicional.

A mise en scène da cena entre Matilda e Srta. Honey reflete a delicadeza do vínculo afetivo construído entre as duas, combinando elementos cinematográficos como movimento de câmera e cores para transmitir acolhimento e segurança. O plano médio escolhido cumpre um papel essencial ao destacar a interação entre Matilda e Srta. Honey, permitindo que o espectador observe tanto o vínculo emocional quanto os detalhes do ambiente ao redor. A posição da câmera ao nível dos olhos das personagens fortalece a conexão emocional do espectador com a cena. Como destaca Gerard Betton (2002, p. 34), “o ângulo de uma tomada nunca é gratuito, é sempre justificado pela configuração do cenário, pela iluminação, pela valorização desse ou daquele aspecto do assunto”. Aqui, a posição da câmera valoriza a

igualdade entre Matilda e Srta. Honey, comunicando a relação de carinho e respeito mútuo entre mãe e filha. Essa escolha também permite que o espectador experimente o momento sob a mesma perspectiva das personagens, intensificando a empatia e o envolvimento emocional.

As cores suaves e neutras do papel de parede e da cabeceira da cama reforçam a sensação de tranquilidade e acolhimento, criando um pano de fundo harmonioso para o momento. O contraste entre essas tonalidades sutis e a luz do abajur adiciona vivacidade ao espaço, sem prejudicar a sensação de calma predominante. Essas escolhas refletem a perspectiva de Betton (2002), que ressalta a importância de valorizar aspectos específicos da composição para transmitir a mensagem narrativa e emocional desejada.

Além da construção desse vínculo afetivo, a independência e a autossuficiência são qualidades que Matilda demonstra desde cedo, ao aprender a cuidar de si mesma tanto emocional quanto intelectualmente. Suas ações autônomas, como cozinhar suas próprias refeições, arrumar-se sozinha e frequentar a biblioteca, simbolizam sua capacidade de se sustentar e buscar o próprio crescimento. Esses gestos cotidianos refletem sua determinação e resiliência em meio às adversidades, destacando que a autonomia pode ser uma força poderosa para transformação. A história reforça a importância de cultivar a autossuficiência, mostrando como ela pode se tornar um catalisador de mudanças significativas na vida.

A cena que se segue destaca a independência e maturidade de Matilda em sua rotina diária, após os membros de sua família saírem para cumprir seus compromissos. Os pais deixam a jovem sozinha em casa, sem qualquer preparação ou cuidado, incluindo seu café da manhã. Desse modo, enquanto o pai está na loja de carros, a mãe no bingo e o irmão na escola, Matilda, ainda muito jovem, demonstra sua autossuficiência ao cuidar de si mesma.

Entre as ações realizadas, observa-se sua habilidade de preparar o próprio café da manhã, assando panquecas com precisão e serenidade, em uma demonstração de autonomia impressionante para sua idade. Esse momento não apenas revela a capacidade prática da protagonista, mas também serve como um reflexo da ausência de apoio familiar, destacando sua força interior e resiliência em criar uma estrutura para si mesma, mesmo em condições adversas.

Figura 21 - A autonomia de Matilda



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem apresenta a pequena Matilda cozinhando panquecas em uma frigideira sobre o fogão, enquanto segura uma espátula pronta para virar as panquecas. O cenário da cozinha inclui uma bancada amarela vibrante, um fogão com queimadores a gás e vários itens de cozinha, como uma toalha, um saco de farinha, uma jarra e uma tigela de mistura. Ao fundo, uma geladeira amarela complementa a paleta de cores quentes do ambiente.

No plano médio, a câmera captura Matilda e parte da cozinha, permitindo ao espectador observar a ação central (cozinhar) e o contexto em que está inserida. Esse tipo de enquadramento é eficaz para mostrar a interação entre a personagem e o ambiente, destacando sua independência. Posicionada ao nível dos olhos da criança, a câmera cria uma sensação de igualdade, aproximando o espectador emocionalmente da cena e permitindo que experimente o momento através da perspectiva de Matilda.

A predominância dos tons de amarelo na cozinha cria uma atmosfera calorosa e acolhedora. Associada à energia, alegria e otimismo, a cor reflete a vivacidade do momento e enfatiza a autossuficiência de Matilda em lidar com tarefas práticas. O contraste sutil entre os itens de cozinha, com suas cores neutras, e o amarelo vibrante do ambiente ajuda a destacar a atividade central e a interação da menina com os objetos.

Matilda é posicionada no centro da composição, direcionando o olhar do espectador para sua interação com as panquecas e os utensílios. Elementos como o fogão, a bancada e a geladeira ao fundo contextualizam a cena e reforçam o ambiente doméstico e familiar. O enquadramento inclui cuidadosamente detalhes do espaço ao redor, ajudando a criar um cenário que enfatiza a autonomia da personagem.

Em síntese, a imagem retrata um momento do cotidiano em que Matilda demonstra sua independência e autossuficiência ao realizar uma tarefa doméstica de maneira prática. A combinação de cores, iluminação e composição cria uma sensação positiva e acolhedora, simbolizando a capacidade da menina de enfrentar desafios com habilidade e criatividade, mesmo em um cenário tão cotidiano quanto a cozinha.

A mise en scène da cena em que Matilda cozinha panquecas utiliza a iluminação como um elemento expressivo que transcende o mero realismo visual, explorando sua capacidade de criar atmosfera e reforçar a narrativa. Como destaca Marcel Martin (2003, p. 72), a iluminação em ambientes internos oferece ao operador a maior liberdade de criação, permitindo manipular luz e sombra para guiar a percepção do espectador. Neste caso, a luz suave e difusa preenche a cozinha de forma equilibrada, evitando contrastes dramáticos e proporcionando uma sensação de aconchego e segurança.

A predominância de tons quentes reforça essa impressão, com a iluminação interagindo harmoniosamente com a paleta amarela do cenário, amplificando a vivacidade e o otimismo transmitidos pela cena. O brilho sutil nos objetos e na bancada evidencia os detalhes do ambiente sem comprometer a naturalidade, contribuindo para a construção de um espaço acolhedor e familiar. Assim, longe de servir apenas para reproduzir a realidade, a iluminação aqui opera como um recurso estilístico que enfatiza a autonomia e a serenidade da protagonista em seu momento de independência doméstica.

A análise da independência e autossuficiência de Matilda sob a ótica da estrutura narrativa de Vladimir Propp revela como o elemento maravilhoso é empregado para potencializar sua jornada de emancipação. Nos contos de fadas estudados por Propp, o herói frequentemente enfrenta adversidades impostas por figuras opressoras, como pais negligentes ou vilões que dificultam seu crescimento, e recebe um dom ou recurso extraordinário que o auxilia na superação dessas dificuldades. No caso de Matilda, sua inteligência excepcional e, posteriormente, seus poderes telecinéticos funcionam como esse motivo encantado. Dessa forma, essas habilidades ampliam sua capacidade de romper com a ordem opressora que a cerca.

Desde o início da história, sua independência é estabelecida por meio de cenas que ilustram sua capacidade de cuidar de si mesma sem depender dos pais. A mise en scène reforça esse tema ao posicioná-la sozinha na cozinha preparando seu café

da manhã, evidenciando sua autonomia em um ambiente doméstico que deveria, idealmente, ser providenciado por adultos responsáveis. No entanto, dentro da lógica narrativa proposta por Propp, o recurso maravilhoso surge como um mecanismo de ruptura: seus poderes não apenas simbolizam sua autossuficiência, mas também tornam possível sua libertação do ambiente hostil.

O cinema utiliza esse recurso para intensificar a carga emocional da jornada heroica. Com enquadramentos que destacam os momentos em que Matilda usa sua telecinese para combater a diretora Srta. Trunchbull ou reorganizar sua própria vida, o filme subverte a ideia de que a independência se constrói apenas por meio de ações práticas. Aqui, o extraordinário não é meramente decorativo, mas sim uma extensão da resiliência da protagonista. Essa amplificação visual do fantástico não apenas impacta o espectador, mas também fortalece a resistência da personagem contra figuras autoritárias, consolidando sua jornada de autossuficiência.

O maravilhoso, então, funciona como uma expansão simbólica da autonomia de Matilda, permitindo que sua independência se transforme em uma ferramenta de resistência contra opressores como seus pais e a diretora Srta. Trunchbull. A construção argumentativa de Propp encontra no audiovisual um campo fértil para se desenvolver, pois o cinema potencializa a imersão do espectador ao enfatizar visualmente as relações entre personagem, espaço e transformação narrativa. Nesse contexto, a composição visual utiliza enquadramentos estratégicos, iluminação expressiva e uso de cores vibrantes para reforçar essa evolução, tornando a jornada de Matilda uma síntese poderosa da relação entre autossuficiência e elementos maravilhosos. Assim, a história não apenas reforça a ideia de autossuficiência, mas também ilustra como a estrutura dos contos maravilhosos pode ser adaptada para comunicar temas relevantes, como a importância da independência para a libertação e o crescimento pessoal.

A história de Matilda explora o tema da autoridade e do abuso de poder por meio da figura de Agatha Trunchbull, cuja tirania e comportamento opressor se manifestam no uso da violência, da ordem rígida e do medo como ferramentas de controle. Contudo, Matilda e a Srta. Honey representam a resistência contra essa opressão, desafiando a autoridade abusiva e demonstrando que é possível confrontar a injustiça. O comportamento da Sra. Trunchbull simboliza as consequências negativas do abuso de poder, enquanto a narrativa enfatiza a importância de enfrentá-

lo, destacando a coragem e a determinação como fatores essenciais para promover mudanças positivas.

A cena em análise ocorre no início das aulas na escola Crunchem Hall, quando os alunos são abruptamente confrontados com a figura imponente da diretora Agatha Trunchbull. Vestida com um uniforme verde militar, meias até o joelho, luvas de couro pretas e empunhando um ponteiro, sua aparência autoritária estabelece o tom de intimidação que caracteriza sua gestão. A presença de Trunchbull no pátio não apenas simboliza o controle rígido exercido sobre a escola, mas também reflete práticas de abuso de poder que permeiam sua abordagem disciplinar.

Figura 22 - Sequência: A autoridade de Trunchbull



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

As imagens desta sequência retratam um grupo de alunos reunidos na área externa da Escola Crunchem Hall. Inicialmente brincando, os alunos mudam de comportamento ao avistarem a diretora Trunchbull no pátio da escola. Eles começam a se reunir em um semicírculo ao redor dela, demonstrando apreensão. Ao fundo, é possível observar árvores e um prédio com fachada de pedra, que funciona como um anexo da escola. A cena captura a reação dos alunos enquanto a diretora desce as escadas segurando um ponteiro em suas mãos, reforçando sua presença autoritária.

Nas primeiras imagens, o plano geral da câmera captura toda a cena, incluindo o grupo de alunos e o ambiente ao redor. Esse enquadramento permite ao espectador compreender o contexto completo, destacando tanto o cenário quanto as interações entre os personagens. A câmera, posicionada ao nível dos olhos dos alunos, cria uma

sensação de igualdade e aproximação, permitindo que o público se conecte emocionalmente com o momento de tensão.

A distribuição dos alunos nas imagens é equilibrada, com elementos ao fundo, como árvores e o prédio de pedra, fornecendo dimensão e contexto visual. Essa composição cria uma sensação de movimento e dinamismo, enquanto o enquadramento inclui detalhes do ambiente ao redor, ajudando a estabelecer o cenário do pátio escolar. A fachada de pedra e as árvores adicionam textura e interesse visual, reforçando a atmosfera natural e verossímil.

As cores utilizadas nas imagens são naturais e realistas, como os tons de verde das árvores e os cinzas e marrons do chão de cascalho e da fachada de pedra. Esses tons criam uma conexão com a natureza e ajudam a estabelecer uma atmosfera autêntica. As roupas das crianças e dos adultos introduzem pontos focais vibrantes, destacando a interação social e a atividade no pátio.

Na terceira imagem da sequência, a câmera foca no objeto curioso nas mãos da diretora. Um close-up enquadra a mão de Trunchbull, coberta por uma luva preta, segurando o ponteiro. A composição centraliza a ponta do objeto na palma da mão da diretora, criando uma sensação de tensão e apreensão que permeia a cena.

Outra imagem destaca a figura das pernas da Sra. Trunchbull diante dos alunos, simbolizando sua autoridade e presença imponente. A postura alinhada dos pés, as pernas musculosas, as meias esticadas até o joelho e os sapatos fechados na cor preta reforçam sua imagem de poder e controle.

Por último, uma imagem evidencia o ponteiro nas mãos da diretora, um objeto feito de ardósia, tradicionalmente usado em antigas escolas para escrever. Trunchbull utiliza esse acessório de maneira opressora, com suas luvas de couro, para intimidar e castigar os alunos que desobedecem a suas regras. Esse detalhe visual intensifica a percepção de abuso de poder e tirania da personagem, consolidando sua figura autoritária e temida.

A mise-en-scène da sequência analisada desempenha um papel essencial na construção da narrativa visual e psicológica do filme. A citação de Marcel Martin (2003, p. 56) sobre o movimento de câmera aplica-se diretamente à análise do close-up do ponteiro nas mãos de Trunchbull. Como ele sugere, a técnica de aproximação dramática é utilizada para acentuar a função do objeto dentro da ação, transformando o ponteiro em um símbolo visual da opressão e do poder da diretora sobre os alunos.

Esse detalhe não apenas direciona o olhar do espectador para o instrumento de dominação, mas também intensifica o impacto psicológico da cena. As luvas pretas acentuam a agressividade implícita no gesto, conferindo ao ponteiro um papel narrativo crucial.

A perspectiva de Xavier (1983, p. 58; 98) sobre o enquadramento e o close-up também se aplica à análise. Sua afirmação de que o cinema deve transformar efeitos técnicos em efeitos artísticos pode ser exemplificada na maneira como os enquadramentos reforçam a tensão dramática. O close-up do ponteiro não é apenas uma interrupção na sequência, mas constitui uma estrutura visual própria, amplificando a sensação de ameaça e reforçando a autoridade da diretora.

Dessa forma, a *mise-en-scène* da cena analisada é construída meticulosamente através da manipulação do espaço visual para intensificar o impacto narrativo. A interação entre os alunos e a diretora Trunchbull não se dá apenas pela ação física, mas também pela linguagem cinematográfica que guia a percepção do espectador, tornando o ambiente escolar um palco de tensão e dominação.

A estrutura narrativa de Vladimir Propp aplicada à autoridade e ao abuso de poder de Agatha Trunchbull evidencia como o elemento maravilhoso se torna uma ferramenta para a superação da opressão. Nos contos analisados por Propp, a figura do vilão impõe dificuldades e injustiças ao protagonista, que, por meio de um recurso extraordinário, consegue enfrentar e derrotar essa força opressora. Em *Matilda*, Trunchbull representa essa entidade tirânica que domina os alunos com um regime de medo e autoritarismo, enquanto Matilda, ao desenvolver seus poderes telecinéticos, adquire um meio de resistência contra essa opressão.

O maravilhoso surge como um mecanismo narrativo que rompe com a ordem estabelecida, permitindo que Matilda desafie a diretora de maneira definitiva. A *mise-en-scène* reforça essa oposição ao destacar visualmente a diferença entre a austeridade severa de Trunchbull e a leveza e energia de Matilda e das crianças. Os enquadramentos que mostram a diretora impondo sua presença com gestos rígidos e objetos intimidadores, como o ponteiro de ardósia, enfatizam seu domínio sobre o ambiente escolar. Em contrapartida, quando Matilda começa a utilizar sua telecinese, a câmera explora ângulos que reforçam sua ascensão, deslocando o poder de Trunchbull e transformando a narrativa em uma jornada de libertação.

Dessa forma, o argumento de Propp se materializa no cinema não apenas por meio da trama, mas também pela construção visual do confronto entre opressão e resistência. O elemento maravilhoso, longe de ser um mero artifício fantasioso, atua como uma extensão da coragem e da inteligência da protagonista. Assim, “Matilda” adapta a lógica dos contos maravilhosos para reforçar uma crítica à autoridade abusiva, mostrando que, por meio da sagacidade e da força interior, é possível desafiar e transformar estruturas de poder opressoras.

Além disso, com base em Vanoye e Goliot-Lété (2002), a análise temática do filme “Matilda” revela como esses conteúdos se entrelaçam para criar uma narrativa cativante e significativa. Em concordância com as categorias morfológicas estabelecidas por Vladimir Propp, cada tema contribui para o desenvolvimento dos personagens e dos episódios que eles enfrentam, fornecendo uma base sólida para o sentido do filme. Refletir sobre os assuntos abordados, portanto, favorece uma melhor compreensão e admiração da história, que encantou o público infantojuvenil.

Aliás, ao examinar como o filme “Matilda” aborda temas universais como educação, autonomia, justiça, independência e família, percebe-se que essas questões são tratadas de maneira que repercute com os valores contemporâneos. A construção da narrativa exemplifica essas temáticas por meio da trajetória da protagonista, demonstrando como os contos de fadas continuam a evoluir e se adaptar à cultura moderna, mantendo sua relevância.

Ao explorar essas temáticas, “Matilda” destaca-se como uma obra que não apenas adapta os contos de fadas à cultura moderna, mas também os utiliza como ferramenta para transmitir valores essenciais à sociedade contemporânea. Dessa forma, o filme reforça a conexão entre o público e narrativas atemporais, demonstrando seu impacto na construção de percepções sociais e culturais.

Por sua vez, na investigação de símbolos e metáforas presentes no filme, Vanoye e Goliot-Lété (2002) destacam que a análise desses elementos constitui um componente essencial para a compreensão da obra cinematográfica. Isso porque os símbolos permitem desvelar camadas mais profundas de significado, aprimorando a percepção do espectador sobre a narrativa. Segundo os autores:

Os filmes que exigem deliberadamente, da parte do espectador, uma ‘leitura’ simbólica global ou parcial [...] procedem da intenção do autor e da do texto, quaisquer que sejam os desígnios do funcionamento simbólico, desígnios que a análise deverá definir e apreciar” (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 59-60).

Partindo dessas concepções, a análise dos símbolos e metáforas em “Matilda” (1996), dirigido por Danny DeVito, busca identificar os elementos que configuram esses recursos, interpretar seus significados dentro da narrativa, analisar sua recorrência e coerência, e relacioná-los aos temas abordados no filme. Os símbolos operam em diferentes níveis, como observado por Vanoye e Goliot-Lété, criando um mundo que, ao mesmo tempo em que mantém uma tonalidade “realista”, também convida o espectador a uma leitura simbólica e metafórica da história. Assim, a condensação de imagens em “Matilda” evoca um significado maior, oferecendo uma abordagem rica e significativa à obra.

Os símbolos na narrativa de “Matilda” desempenham um papel crucial na construção da história, refletindo os temas centrais do filme e ampliando sua relevância para debates sociais. Os livros e a leitura, por exemplo, simbolizam a fuga da realidade e funcionam como fontes de conhecimento e empoderamento. Esses elementos representam o desejo de aprender e aspirar a uma vida melhor, dialogando diretamente com a importância da educação para combater desigualdades e estimular o desenvolvimento pessoal. Ademais, os poderes mágicos de Matilda traduzem seu autocontrole e autossuficiência. Dessa forma, eles simbolizam sua capacidade de superar adversidades por meio de sua agência, ou seja, sua habilidade de tomar as rédeas de sua própria vida, mesmo em um ambiente de negligência e opressão.

A casa dos Wormwoods, por sua vez, é apresentada como uma metáfora da ignorância, negligência e futilidade. Essa estrutura física reflete uma crítica ao materialismo e à superficialidade, apontando como ambientes consumistas e desprovidos de estímulos intelectuais podem sufocar o desenvolvimento humano. O contraste entre esse lar desordenado e caótico e a escola Crunchem Hall evidencia diferentes formas de opressão, destacando como instituições que deveriam ser espaços de criatividade e aprendizado podem se tornar ambientes punitivos e autoritários. Ambas as configurações refletem os desafios que Matilda enfrenta ao longo de sua trajetória, intensificando a complexidade de sua jornada.

Ao contrário desses ambientes, o chalé da Srta. Honey emerge como um símbolo de segurança e amor. Representando um refúgio acolhedor e estável, o espaço não apenas oferece a Matilda a oportunidade de reconstruir sua vida, mas também atua como uma metáfora da resistência contra a opressão. Ele se posiciona

como alternativa à desordem familiar e institucional, oferecendo um modelo de convivência baseado em afeto, confiança e aprendizado mútuo.

Esses símbolos estão intrinsecamente ligados aos temas do filme, reforçando seu impacto na construção narrativa. Os livros e a leitura exemplificam o empoderamento, mostrando como o conhecimento permite que Matilda resista à opressão da família e do sistema escolar. A casa dos Wormwoods e a escola Crunchem Hall, enquanto espaços de negligência e opressão, contrastam com o chalé da Srta. Honey, que simboliza liberdade e acolhimento. Por meio desses elementos, “Matilda” se destaca como uma narrativa inspiradora sobre resiliência, aprendizado e transformação, conectando os símbolos a temas universais que ecoam com o público contemporâneo.

Os símbolos e metáforas de “Matilda” têm relevância significativa quando contextualizados em debates culturais e sociais contemporâneos. A escola Crunchem Hall, por exemplo, pode ser vista como uma crítica aos sistemas educacionais autoritários e punitivos, que muitas vezes sufocam a criatividade e o aprendizado. Já a busca de Matilda por conhecimento e autodeterminação dialoga com temas atuais, como a valorização da educação e o empoderamento individual em tempos de desinformação. Esses aspectos conectam a narrativa do filme a questões sociais contemporâneas, ampliando sua ressonância com o público.

Portanto, os símbolos presentes na narrativa de “Matilda” não apenas engrandecem a história em termos de significado, mas também desempenham um papel fundamental na experiência emocional do espectador. O contraste entre ambientes como o chalé da Srta. Honey e os espaços opressores dos Wormwoods e da escola Crunchem Hall evoca sentimentos de alívio e esperança. Esses elementos simbólicos ajudam a construir uma conexão emocional, permitindo que o público sinta o peso das adversidades enfrentadas por Matilda e experimente uma sensação de triunfo e libertação conforme ela supera esses obstáculos. Essa intensidade emocional é essencial para tornar a narrativa marcante.

As metáforas presentes em “Matilda” enriquecem e expandem a história, delineando tanto o desenvolvimento da personagem quanto os temas centrais do filme. A casa da família Wormwood funciona como metáfora de um ambiente tóxico e carente de estímulos intelectuais, representando os desafios que Matilda precisa superar. A escola Crunchem Hall, sob a gestão da autoritária diretora Trunchbull,

simboliza sistemas opressivos e arbitrários, ilustrando os obstáculos institucionais enfrentados por Matilda e os demais alunos. Por outro lado, o chalé da Srta. Honey surge como um refúgio seguro e acolhedor, simbolizando o carinho, a proteção e a estabilidade que Matilda encontra.

Além dos ambientes, os próprios personagens podem ser interpretados como metáforas poderosas. A diretora Trunchbull personifica sistemas opressores e abusivos, utilizando sua figura autoritária e suas ações punitivas para representar barreiras institucionais. Já a Srta. Honey personifica bondade e acolhimento, assumindo o papel de guia e apoiadora na jornada da protagonista. Essas metáforas humanas ampliam os significados da narrativa e destacam as forças em conflito que moldam o desenvolvimento de Matilda.

Os símbolos em “Matilda” não apenas representam ideias, mas também atuam como catalisadores de mudanças na narrativa. Os livros transcendem o papel de símbolos de aprendizado e tornam-se ferramentas práticas para superar adversidades. Da mesma forma, o chalé da Srta. Honey não é apenas um espaço acolhedor; ele marca o início de uma transformação emocional e física na vida da protagonista.

Em “Matilda”, os símbolos e metáforas são amplificados por escolhas cinematográficas, como iluminação, enquadramento e contraste de cores. A casa dos Wormwoods, frequentemente representada com tons apagados e iluminação desordenada, reforça sua atmosfera de negligência e superficialidade. Todavia, o chalé da Srta. Honey utiliza cores quentes e luzes suaves, transmitindo acolhimento e tranquilidade. Da mesma forma, a arquitetura sombria e monocromática da escola Crunchem Hall reforça o tema da opressão e do controle. Esses elementos visuais trabalham em harmonia com os símbolos para criar uma narrativa visual coerente e impactante.

Entre os símbolos e metáforas que se destacam, as imagens da casa da família Wormwood, da escola Crunchem Hall e do chalé da Srta. Honey assumem significados expressivos que dialogam diretamente com a jornada da protagonista. A cena que apresenta a fachada da casa dos Wormwoods, com Matilda ainda pequena descendo as escadas, é emblemática de sua vida inicial: o ambiente desordenado e caótico reflete a falta de estrutura e cuidado na dinâmica familiar, impregnado por futilidades e consumismo desenfreado.

A ausência de livros, estudos ou qualquer elemento que estimule o aprendizado evidencia um ambiente estagnado, em oposição direta com a curiosidade e inteligência nata de Matilda. Esse cenário opera como metáfora dos obstáculos que a protagonista enfrenta ao longo de sua trajetória, simbolizando as barreiras que ela precisa superar em busca de um mundo mais organizado, repleto de significado e aprendizado.

Figura 23 - A casa da família Wormwood vista por fora



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem retrata uma casa em estilo mid-century modern, acompanhada de um jardim frontal bem cuidado, que transmite uma estética harmoniosa e acolhedora. A composição apresenta um equilíbrio visual cuidadosamente planejado, com elementos que atraem o olhar e guiam a percepção do espectador. Os caminhos de pedras verdes conduzem ao centro do cenário, cercados por cascalho branco e vegetação vermelha, criando um contraste marcante que intensifica a vivacidade do ambiente. No centro do jardim, um globo decorativo em um pedestal serve como ponto focal, conferindo sofisticação ao cenário. A presença de Matilda caminhando pelos caminhos de pedra adiciona dinamismo à imagem, preenchendo o espaço com vida e movimento.

O enquadramento frontal da câmera, posicionado na altura dos olhos, proporciona ao espectador a possibilidade de apreciar todos os detalhes da fachada da casa e do jardim. Esse posicionamento cria uma sensação de equilíbrio e familiaridade, ao mesmo tempo em que promove uma conexão emocional com a cena. A iluminação natural do dia, suave e uniforme, projeta sombras delicadas que destacam os detalhes arquitetônicos da casa e as texturas do jardim, conferindo dimensão ao ambiente.

As cores desempenham um papel importante na construção do cenário. Os tons verdes vibrantes da vegetação contrastam com o branco do cascalho e o vermelho intenso das plantas, formando uma paleta visual harmoniosa e atraente. Esses elementos ajudam a estabelecer uma atmosfera acolhedora, onde a arquitetura moderna e a natureza coexistem em perfeita harmonia.

A centralização do globo decorativo, juntamente com a posição de Matilda no cenário, organiza a composição e direciona o olhar do espectador. Cada elemento do ambiente contribui para o equilíbrio visual da imagem, enquanto a disposição dos caminhos e o arranjo da vegetação criam um senso de ordem e clareza no espaço. A interação de Matilda com o jardim reforça a narrativa de conexão e vivacidade que permeia a cena.

No conjunto, a imagem não captura apenas um cenário arquitetônico e paisagístico, mas também expressa a dinâmica entre personagem e ambiente. O design meticuloso do jardim e a interação de Matilda com o espaço transformam a imagem em uma representação de serenidade, destacando a beleza da simplicidade e do cotidiano.

A cena retrata uma casa de estilo mid-century modern (design moderno de meados do século), situada em um jardim harmonioso que reflete cuidado e sofisticação. A mise-en-scène é meticulosamente planejada para destacar a interação de Matilda com o ambiente e criar uma conexão visual e emocional com o espectador. O cenário da casa e do jardim desempenha um papel crucial na construção da narrativa, refletindo a afirmação de Marcel Martin (2003, p. 78) de que os cenários possuem maior importância no cinema do que no teatro, dado seu vínculo com o realismo.

A estética mid-century modern, combinada ao design cuidadoso do jardim, transmite autenticidade e serve como um palco que potencializa a ação cinematográfica. Elementos como os caminhos de pedras verdes, o cascalho branco e a vegetação vermelha criam um contraste visual que intensifica a vivacidade do espaço e reforça a ideia de integração entre arquitetura e natureza.

A presença de Matilda caminhando pelos caminhos de pedra adiciona um elemento dinâmico à cena, preenchendo o espaço com vida e movimento. Embora não haja referência explícita a uma panorâmica, Martin (2003, p. 65) descreve a rotação da câmera como uma técnica que poderia intensificar ainda mais essa

interação dinâmica, ao acompanhar o movimento de Matilda e destacar os detalhes do jardim. Mesmo sem movimento de câmera, o enquadramento estático mantém a fluidez narrativa ao combinar a vivacidade da ação com a harmonia da composição visual.

O design do jardim e a interação de Matilda com o espaço expressam a simplicidade do cotidiano. A organização dos elementos, como o pedestal com o globo decorativo e os caminhos cuidadosamente planejados, reflete uma narrativa de equilíbrio, crescimento e serenidade. Consoante Vanoye e Goliot-Lété, esses detalhes ajudam a construir uma conexão temática e simbólica entre o personagem e o ambiente, fortalecendo a relação emocional do espectador com o momento representado.

A casa da família Wormwood, dentro da estrutura narrativa de Vladimir Propp, funciona como um espaço de desafio e opressão para Matilda. Nos contos maravilhosos, os heróis frequentemente iniciam suas jornadas em ambientes hostis, onde sofrem negligência ou repressão antes de encontrarem um caminho de transformação. Esse padrão se aplica diretamente à casa dos Wormwoods, que simboliza a ignorância e o materialismo. São elementos que Matilda deve superar para alcançar sua autonomia. Nesse contexto, o espaço torna-se um dos primeiros obstáculos em sua jornada, funcionando como um marco inicial que reforça sua necessidade de mudança e crescimento.

Vanoye e Goliot-Lété afirmam que os símbolos e metáforas no cinema prosperam a narrativa ao oferecer camadas mais expressivas de significado. A casa dos Wormwoods exemplifica essa abordagem ao representar visualmente a falta de estímulo intelectual e a futilidade dos pais da protagonista. A ausência de livros, estudos ou qualquer forma de desenvolvimento pessoal faz com que a residência seja uma metáfora da estagnação, refletindo os obstáculos que Matilda precisa superar. Esse conceito dialoga com a estrutura dos contos maravilhosos, nos quais o espaço inicial do herói frequentemente funciona como um ambiente de repressão que precisa ser abandonado ou transformado para permitir sua jornada.

O cinema reforça essa interpretação por meio da cenografia e da mise-en-scène, intensificando a sensação de confinamento e alienação dentro da casa. Os tons apagados e a desordem visual do ambiente contribuem para consolidar a ideia de que esse espaço sufoca o desenvolvimento de Matilda. Essa construção simbólica

conecta-se ao conceito proppiano de que o herói precisa se libertar de um lugar de sofrimento para alcançar sua verdadeira identidade. Assim, a casa da família Wormwood não é apenas um cenário, mas sim um elemento narrativo crucial que traduz visualmente o estado inicial da protagonista e seus desafios.

Por outro lado, a fachada da escola Crunchem Hall aparece como um prédio antigo, marcado pela escuridão de sua estrutura e pelas grandes janelas que reforçam seu aspecto rígido e impessoal. Esse ambiente físico opera como um símbolo poderoso de opressão, refletindo a atmosfera severa e punitiva que caracteriza a instituição. A ausência de cores e elementos criativos nas paredes e na arquitetura acentua o caráter austero e desestimulante do local, enfatizando a falta de liberdade e expressão dos alunos que ali estudam. Como metáfora, a escola representa os desafios institucionais vividos por Matilda e seus colegas, evidenciando um sistema autoritário que valoriza o controle e a disciplina em detrimento do aprendizado e da criatividade.

Figura 24 - A Escola Crunchem Hall em comemoração



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem retrata um grande prédio antigo com várias janelas e uma entrada central, transmitindo uma sensação de imponência e tradição. Uma chaminé alta à esquerda adiciona um elemento arquitetônico marcante, enquanto o céu azul claro ao fundo reforça a atmosfera luminosa e aberta da cena. Em frente ao edifício, um grupo de alunos celebra animadamente, jogando papel higiênico e outros objetos ao ar, em comemoração à saída da diretora Trunchbull. A interação vibrante dos estudantes traz energia e movimento ao cenário estático do prédio.

Capturada de um ângulo frontal na altura dos olhos, a composição permite que o espectador aprecie tanto os detalhes arquitetônicos do prédio quanto a vivacidade da interação no primeiro plano. Esse enquadramento proporciona uma visão

equilibrada e acessível, conectando o público ao momento de alegria capturado na cena. O ângulo favorece a apreciação simultânea da arquitetura e da comemoração, destacando a importância do contexto e da ação.

A iluminação natural, suave e difusa, contribui para realçar os detalhes do edifício, como as texturas das janelas e da chaminé, enquanto confere vida e clareza aos estudantes em primeiro plano. As sombras leves e sutis criadas pela luz do dia adicionam dimensão à cena, acentuando tanto o caráter imponente do prédio quanto a energia do momento. Esse uso da luz reforça a sensação de alegria e celebração coletiva, central para a narrativa visual.

As cores da imagem, como os tons de azul do céu e os neutros do prédio, criam um pano de fundo equilibrado e realista. Esses elementos contrastam de forma sutil com as cores vibrantes das roupas dos alunos e dos objetos que jogam ao ar, que se tornam pontos focais dinâmicos. Essa paleta de cores destaca tanto o cenário estático quanto a ação, criando um equilíbrio visual que aprimora a composição.

Em resumo, a imagem encapsula um momento simbólico de liberdade e renovação. A presença arquitetônica sólida do prédio serve como um lembrete do contexto histórico e institucional, enquanto a celebração dos alunos simboliza uma ruptura com a repressão representada pela diretora. A combinação de luz natural, enquadramento cuidadoso e ações espontâneas cria uma cena memorável, que equilibra harmonia visual e expressividade emocional.

A mise-en-scène desta cena combina elementos arquitetônicos, iluminação e interação humana para capturar um momento de celebração e ruptura simbólica com a opressão, representada pela saída da diretora Trunchbull. Observa-se que a relação entre luz e sombra nos detalhes do prédio, como as texturas das janelas e da chaminé, pode ser vista, de acordo com Marcel Martin (2003, p. 74), como uma herança do expressionismo, onde “a utilização de sombras salientes” confere significados elípticos. Embora, neste caso, as sombras não representem uma ameaça, sua presença sutil acentua os detalhes arquitetônicos e amplia a carga emocional da cena, conectando a estrutura imponente do prédio ao contexto dinâmico e transformador da ação no primeiro plano.

A interação dos estudantes no primeiro plano, com seus gestos animados e objetos em movimento, adiciona energia à composição estática do prédio. Embora não haja menção explícita a um movimento de câmera, Gerard Betton (2002, p. 18)

ressalta que mesmo uma composição estática pode capturar expressividade e dinamismo quando os elementos visuais são organizados de forma eficaz. Aqui, o movimento implícito nos gestos e objetos evidencia a emoção coletiva e cria uma cena marcante que equilibra harmonia visual e expressão emocional.

A escola Crunchem Hall, por sua vez, se alinha à tradição proppiana dos ambientes hostis e das fortalezas do vilão, funcionando como um espaço de opressão dentro da jornada de Matilda. Nos contos maravilhosos, os vilões frequentemente habitam castelos sombrios ou locais que reforçam sua autoridade e poder, impondo desafios severos ao protagonista. Em “Matilda”, a estética rígida e monocromática da escola reforça a natureza autoritária de Trunchbull, tornando-a um cenário que amplifica a sensação de medo e repressão.

Dentro da perspectiva de Vanoye e Goliot-Lété, a escola opera como uma metáfora para sistemas educacionais autoritários e punitivos, que sufocam o aprendizado e a criatividade. A iluminação fria, os tons neutros e a rigidez arquitetônica intensificam a percepção de opressão, fazendo com que o espectador sinta a tensão vivida pelos alunos. Esse ambiente se torna, então, um espaço narrativo no qual Matilda precisa confrontar a autoridade imposta por Trunchbull, em um processo semelhante ao enfrentamento do vilão nos contos maravilhosos. Sua jornada de resistência contra esse sistema opressor é visualmente representada pela forma como os espaços são construídos e contrastados dentro do filme.

A cena seguinte se desenrola após o convite para tomar chá com biscoitos na casa da Srta. Honey. Matilda acompanha a professora por um bosque sereno, enquanto esta narra a história de uma menina oprimida por sua tia cruel. Ao fim do caminho, surge um chalé acolhedor cercado por flores vibrantes, simbolizando segurança, amor e transformação. Matilda percebe, então, que a história narrada reflete a vida da própria Srta. Honey e que o chalé representa sua força e resiliência.

O chalé da Srta. Honey simboliza segurança, afeto e a possibilidade de transformação para Matilda. Ele representa um contraste direto com o ambiente hostil que a menina enfrenta em sua casa, funcionando como um refúgio emocional e um espaço de estabilidade. Baseado nos conceitos de Vanoye e Goliot-Lété, bem como na construção narrativa do filme “Matilda”, o chalé se torna uma metáfora para a reconstrução de uma família escolhida, reforçando a temática de superação e esperança que permeia a história.

Figura 25 - O chalé da srta. Honey



Fonte: Matilda (1996); Matilda (2025).

A imagem retrata um jardim adorável, emoldurado por um pequeno chalé pitoresco ao fundo. O chalé, com sua chaminé de pedra, porta azul e janelas adornadas por floreiras, evoca uma estética acolhedora e bucólica. O jardim em primeiro plano é vibrante e exuberante, com uma grande diversidade de flores e plantas coloridas que dão vida ao cenário. Uma cerca rústica de madeira contorna o jardim, adicionando um charme campestre à composição. Matilda está caminhando calmamente pelas trilhas do jardim em direção à casa, enquanto a Srta. Honey permanece de pé entre as flores, observando a paisagem ao seu redor.

A imagem é capturada de um ângulo frontal, posicionado na altura dos olhos, o que confere uma perspectiva acessível e equilibrada. Esse enquadramento permite que o espectador absorva todos os detalhes do chalé e do jardim de maneira harmoniosa, criando uma sensação de normalidade e familiaridade. A escolha do ângulo favorece uma visão clara e completa da interação entre os elementos arquitetônicos e naturais.

A iluminação natural, suave e difusa, revela-se essencial para a atmosfera serena da cena. A luz do dia projeta sombras leves que realçam os detalhes delicados das flores, das plantas e da textura do chalé. Essa iluminação não apenas adiciona dimensão ao espaço, mas também intensifica a sensação de tranquilidade e beleza natural que permeia a imagem.

As cores vivas das flores contrastam harmoniosamente com os tons neutros e terrosos do chalé e da cerca, criando um equilíbrio visual que atrai o olhar do espectador. A vegetação vibrante ao redor e o céu limpo complementam o cenário, reforçando uma impressão de vitalidade e calma. Cada detalhe, desde o caminho até

a posição das personagens, é organizado de maneira a criar um espaço visualmente envolvente e narrativo.

Por fim, a imagem não apenas captura um cenário de beleza pitoresca, mas também simboliza o vínculo emocional e o refúgio proporcionado pela relação entre Matilda e a Srta. Honey. O jardim, com sua serenidade e riqueza de detalhes, atua como um espaço de acolhimento e recomeço, refletindo a nova vida que Matilda encontra ao lado de sua mãe adotiva. A composição transmite uma sensação de harmonia e paz, encapsulando um momento de conexão e pertencimento.

A *mise-en-scène* do plano analisado desempenha um papel fundamental na construção da atmosfera emocional da cena. No que diz respeito à classificação do cenário segundo Marcel Martin (2003, p. 79), a descrição se aproxima da noção de paisagem impressionista. Conforme o autor aponta, o cenário pode ser utilizado para refletir a dominante psicológica da ação, funcionando como uma “paisagem-estado de alma” que condiciona e expressa o drama dos personagens. O chalé e o jardim representam visualmente a transformação emocional de Matilda, que sai de um ambiente hostil e desordenado para encontrar um espaço de tranquilidade e pertencimento. Dessa forma, a escolha do cenário não é apenas uma decisão estética, mas também uma ferramenta narrativa que reforça a jornada emocional da protagonista.

Longe disso, o chalé da Srta. Honey segue a lógica do “espaço de acolhimento” nos contos maravilhosos, funcionando como um refúgio para o herói antes de sua transformação definitiva. Propp observa que, na estrutura dos contos, o protagonista frequentemente encontra um espaço seguro onde recebe ajuda, orientação ou novos recursos para superar seus desafios. O chalé cumpre exatamente essa função para Matilda, oferecendo um ambiente de proteção e estabilidade que contrasta fortemente com os espaços de negligência e opressão que ela experimentou anteriormente.

Vanoye e Goliot-Lété reforçam que o cinema utiliza símbolos e metáforas para desenvolver a relação emocional entre personagem e espaço. No filme, o chalé da Srta. Honey, com suas cores quentes e decoração simples, comunica visualmente a sensação de acolhimento e segurança. Esse ambiente remete às figuras protetoras dos contos maravilhosos, como fadas madrinhas ou personagens benevolentes que auxiliam o herói em sua jornada. O espaço não apenas representa um alívio para Matilda, mas também funciona como um símbolo de resistência contra a opressão,

reforçando a importância da conexão humana e do aprendizado para a construção de um futuro melhor.

Dessa forma, os espaços em “Matilda” não são meros cenários, mas sim componentes narrativos que sustentam a trajetória da protagonista e reforçam os temas centrais do filme. O cinema, ao adaptar as estruturas narrativas estudadas por Propp e ao utilizar os conceitos de símbolos e metáforas de Vanoye e Goliot-Lété, potencializa a experiência do espectador, tornando a jornada de Matilda visualmente impactante e simbolicamente rica.

Assim sendo, a casa da família Wormwood, a escola Crunchem Hall e o chalé da Srta. Honey constituem espaços marcantes no universo de “Matilda”, cada um carregado de simbolismos e metáforas que refletem as dinâmicas emocionais e sociais dos personagens. Tanto a casa dos Wormwoods quanto a escola representam ambientes opressivos e hostis, onde os abusos de poder, a falta de afeto e a negligência emocional permeiam cada interação. A casa, com seu caos e desconexão, simboliza a ausência de um verdadeiro lar e de vínculos familiares significativos. Já a escola, liderada pela tirânica diretora Trunchbull, funciona como uma extensão desse controle e autoritarismo, estruturada para sufocar a individualidade e impor disciplina rígida através do medo.

Entretanto, o chalé da Srta. Honey emerge como um espaço de acolhimento e transformação, funcionando como metáfora de segurança emocional, liberdade e possibilidade de reconstrução de laços familiares baseados em amor e respeito. Ele é o oposto simbólico da casa dos Wormwoods e da escola, oferecendo a Matilda e à própria Srta. Honey um refúgio que acolhe sua vulnerabilidade e permite florescer a esperança e a criatividade.

Enquanto a casa dos Wormwoods e a escola Crunchem Hall remetem à rigidez, opressão e falta de empatia, o chalé da Srta. Honey incorpora a metáfora de um lar ideal, onde a ternura e a superação encontram espaço. Essa relação contrastante entre os ambientes amplifica a narrativa de “Matilda”, destacando sua luta pela autonomia e pelo afeto, além da construção de um futuro em que a bondade, a coragem e a individualidade prevalecem.

À vista disso, com base nas ideias de Vanoye e Goliot-Lété (2002) sobre símbolos e metáforas, a análise do filme “Matilda” permite uma compreensão mais ampla dos elementos narrativos e temáticos presentes na obra. Símbolos como os

livros, que representam a busca por conhecimento e a fuga da realidade, e os poderes mágicos de Matilda, que simbolizam autocontrole e superação, são interpretados dentro do contexto da história, destacando aspectos fundamentais da jornada da protagonista.

Essas metáforas e símbolos estruturam a narrativa ao enfatizar temas como coragem, autoconhecimento, resistência à opressão e a importância do amor e da proteção familiar. Por meio de uma tapeçaria rica em significados, “Matilda” utiliza esses elementos para repercutir com os espectadores e criar uma obra altamente impactante.

Além disso, os cenários da casa, escola e chalé são bem definidos nas imagens analisadas do filme. Segundo Xavier (1977), esses espaços refletem os estados emocionais e o desenvolvimento da personagem principal, contribuindo para a construção da atmosfera e dos temas centrais da narrativa. Os ambientes não apenas estabelecem o contexto da história, mas também dialogam com os símbolos presentes na trajetória de Matilda.

Como sugere Gérard Betton, “o cenário é frequentemente mais um protagonista do que um simples ambiente sem outra implicação além de sua própria materialidade” (2002, p. 52). Essa abordagem é evidente em “Matilda”, onde os cenários da casa, escola e chalé são carregados de simbolismo e desempenham um papel ativo na narrativa. A casa negligente simboliza a opressão vivida pela protagonista, a escola reflete o autoritarismo da diretora e os desafios de Matilda, enquanto o chalé da Srta. Honey se apresenta como um refúgio de esperança.

Assim, enquanto Xavier destaca o papel dos cenários na expressão emocional e narrativa, Betton complementa essa ideia ao ressaltar como esses espaços transcendem sua função física, tornando-se elementos ativos e simbólicos na trama. Juntas, as duas reflexões apontam para o cenário como um componente indispensável na articulação visual e emocional da obra cinematográfica.

Ao observar as escolhas estéticas do filme, Vanoye e Goliot-Lété (2002) destacam a relevância dos aspectos visuais como linguagem na análise cinematográfica, já que eles auxiliam na comunicação temática e emocional da obra, além de contribuir para a experiência estética do espectador. Assim, os teóricos apontam que a análise do estilo visual deve considerar aspectos como:

A cinematografia de “Matilda” utiliza diversos recursos visuais para transmitir mensagens e reforçar as emoções presentes na narrativa. Entre os ângulos empregados, destacam-se os ângulos altos (plongée), que mostram Matilda como pequena e vulnerável em relação ao mundo ao seu redor, enfatizando sua fragilidade e isolamento. Em contrapartida, os ângulos baixos (contra-plongée) realçam a figura dominante e imponente da Sra. Trunchbull.

Como observam Aumont e Marie (2012, p. 198), “a oposição entre plongée e contre-plongée, utilizada com tanta frequência para acentuar alguns traços dos personagens representados”, destaca visualmente características marcantes de cada personagem, amplificando suas dinâmicas e relações. Além desse aspecto, a perspectiva infantil é explorada por meio do posicionamento da câmera ao nível dos olhos de Matilda, permitindo ao público ver o mundo como ela, o que ressalta sua ingenuidade e curiosidade.

Os planos close-up são outro elemento marcante, utilizados para capturar com intensidade as emoções de Matilda, especialmente ao descobrir seus poderes telecinéticos. Da mesma forma, close-ups são usados para destacar as expressões ameaçadoras da Sra. Trunchbull, criando uma sensação de medo e tensão. Conforme Xavier (1983, p. 34), “o close-up transpôs para o mundo da percepção o ato mental de atenção e com isso deu à arte um meio infinitamente mais poderoso do que qualquer palco dramático”. Essa técnica é essencial para explorar a subjetividade dos personagens e estabelecer uma conexão emocional com o espectador.

Além disso, os planos médios aparecem em cenas cotidianas, como no pátio e na sala de aula da escola, onde Matilda e seus colegas interagem, bem como nas interações da Sra. Honey com os alunos. Esses planos também são utilizados na casa dos Wormwoods, mostrando momentos familiares como jantares e a rotina de Matilda assistindo televisão. Já os planos longos são empregados para mostrar a ambientação da história, como as paisagens da escola Crunchem Hall, contextualizando os cenários e as ações dos personagens.

Essas escolhas de ângulos e planos, alinhadas aos aspectos teóricos de Vanoye, Goliot-Lété e Xavier, trabalham em harmonia para criar uma narrativa visual fascinante. Ao combinar a fragilidade de Matilda, a opressão imposta pela Sra. Trunchbull e os momentos cotidianos da protagonista, a cinematografia de “Matilda”

não apenas intensifica a conexão emocional com o público, mas também reforça os temas centrais da obra, como luta, superação e autodescoberta.

O enquadramento desempenha um papel fundamental na construção da narrativa visual de “Matilda”. Nas cenas em que a protagonista está encolhida na biblioteca, o enquadramento simétrico cria uma sensação de ordem e calma, contrastando com os momentos de caos vividos por ela. Por outro lado, o enquadramento assimétrico é utilizado para destacar a natureza intimidadora da Sra. Trunchbull, especialmente em cenas que intensificam a claustrofobia e o suspense na casa da diretora. Esses elementos cinematográficos não apenas enriquecem a narrativa, mas também amplificam tanto as emoções quanto os temas centrais do filme.

Sobre essa questão, Marcel Martin discorre sobre a importância da composição da imagem como parte do processo criativo cinematográfico. Ele afirma que “a organização do conteúdo da imagem” é essencial para que o realizador planeje e traduza fragmentos de realidade de forma significativa para a tela (Martin, 2003, p. 45). Essa perspectiva enfatiza como as escolhas feitas no enquadramento não apenas reproduzem a realidade, mas a reinterpretam, permitindo que o cineasta transmita emoções, significados e temas de maneira visualmente impactante.

No filme “Matilda”, essa abordagem é claramente observada na maneira como o diretor utiliza o enquadramento para estabelecer contrastes visuais que aprimoram a narrativa. Por exemplo, nos momentos em que Matilda explora seu mundo interno e seus poderes, o enquadramento é organizado de forma metódica, quase poética, refletindo sua visão única e extraordinária da realidade.

Por outro lado, as cenas que destacam a opressão imposta pela Sra. Trunchbull são planejadas de modo a enfatizar a desproporcionalidade e a ameaça que ela representa, tornando-a uma figura imponente e assustadora na tela. Assim, o filme aplica os princípios destacados por Martin ao utilizar a composição da imagem como um meio criativo para traduzir emoções, conflitos e o crescimento da protagonista de maneira visualmente impactante.

O design de produção de “Matilda” é igualmente crucial na criação dos diferentes ambientes que refletem os temas e personalidades dos personagens. Os cenários alternam entre espaços desordenados e sombrios, como a casa dos Wormwoods, e ambientes acolhedores e confortáveis, como o chalé da Srta. Honey.

Na casa dos pais de Matilda, elementos exagerados, como móveis desorganizados e objetos extravagantes, destacam a futilidade e a superficialidade da família.

Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 77) afirmam, “nenhum elemento do cenário é gratuito”, reforçando a intenção deliberada por trás da escolha de objetos e ambientações para evidenciar as características dos personagens e suas relações. Em contraste com os ambientes citados, a escola Crunchem Hall é apresentada como um local frio e intimidador, com salas de aula sem vida e espaços escuros que reforçam o tom opressor imposto pela diretora Trunchbull. Já a casa da Srta. Honey oferece a Matilda um refúgio acolhedor e carinhoso, simbolizando o apoio emocional que ela encontra na figura materna adotiva.

A decoração desempenha um papel expressivo no design de produção, acrescentando significado simbólico aos ambientes. A casa da família Wormwood é marcada por cores vibrantes e objetos extravagantes, como plumas, vasos e almofadas, que refletem a superficialidade e a desorganização dos pais de Matilda. Em contrapartida, a sala da Sra. Trunchbull exibe uma decoração austera e antiquada, com objetos pesados e pontiagudos que remetem ao militarismo e reforçam sua personalidade opressora.

Além do mais, o quadro que exibe sua imagem atlética funciona como uma manifestação de sua autoadmiração e autoridade. Por outro lado, a sala de aula da Srta. Honey é um espaço organizado e convidativo, repleto de cartazes, desenhos e cores que estimulam a criatividade e criam um ambiente propício à aprendizagem. Esses elementos de design de produção não apenas complementam a narrativa de Matilda, mas também intensificam as experiências emocionais dos espectadores, alinhando os espaços à evolução da protagonista e às mensagens centrais do filme.

A cena em análise retrata Harry e Zinnia Wormwood, os pais de Matilda, acomodados na sala de estar de sua casa enquanto assistem a um programa de televisão. A cena destaca o contraste entre o comportamento fútil dos dois e o ambiente onde estão inseridos: uma sala de estar decorada de forma extravagante e móveis exagerados que evocam um gosto ostensivo e desprovido de refinamento. Essa decoração não apenas reforça o caráter superficial e materialista do casal, mas também funciona como um reflexo visual da desconexão emocional deles com Matilda, enfatizando a incompatibilidade entre os valores da menina e o mundo desafiador que a cerca.

Figura 26 - A decoração na casa da família Wormwood



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem retrata a decoração da sala de estar da casa da família Wormwood, destacando um ambiente peculiar e um tanto extravagante. A composição do espaço é equilibrada, contando com diferentes peças de mobiliário, como um conjunto de sofás — um amarelo e outro listrado —, uma mesa de canto adornada com um arranjo floral, uma almofada grande estampada em preto e várias lâmpadas e abajures de tamanhos e formatos diversos. Esses elementos contribuem para uma estética chamativa e caótica, característica da família.

No centro da imagem, Zinnia aparece em movimento, assistindo televisão, enquanto Harry é visível parcialmente à direita. Ainda no centro, destaca-se uma pequena televisão e duas cadeiras que parecem deslocadas em relação à decoração do ambiente. Ao fundo, o espaço é preenchido com estantes contendo itens decorativos, caixas espalhadas pelo chão e uma área de bar repleta de vidrarias, adicionando complexidade visual à composição.

A cena é capturada por um ângulo frontal, com a câmera posicionada na altura dos olhos, criando uma perspectiva equilibrada e natural. Esse enquadramento permite que o espectador observe claramente os principais elementos do espaço e as interações dos personagens. A iluminação suave e difusa do ambiente, complementada pelas grandes lâmpadas brancas, fornece uma luz secundária que suaviza as sombras e realça os detalhes, criando uma atmosfera de acolhimento superficial.

A mise-en-scène da imagem acima analisa que o cenário apresentado na sala da família Wormwood se destaca por sua composição extravagante e visualmente caótica. Sob o viés de Marcel Martin (2003, p. 79), o cenário realista deve ter apenas a implicação de sua própria materialidade, sem carregar significados externos. No

entanto, a sala da família Wormwood desafia essa concepção ao estabelecer uma estética que reflete diretamente a personalidade excêntrica dos personagens. Os móveis coloridos, as lâmpadas e abajures desordenados, além da presença excessiva de objetos decorativos, não apenas compõem o espaço, mas também sugerem o caráter desorganizado e peculiar da família.

O figurino em “Matilda” desempenha um papel essencial na caracterização dos personagens, refletindo suas personalidades e posições dentro da narrativa. Mais do que um elemento isolado, conforme Lotte Eisner destaca:

Num filme, o guarda-roupa nunca é um elemento isolado. Devemos avaliá-lo em relação a um certo estilo de encenação, do qual ele pode ampliar ou diminuir o efeito. Sobressairá do fundo dos diferentes cenários para valorizar os gestos e atitudes das personagens, de acordo com a postura e a expressão das mesmas” (apud Gérard Betton, 2002, p. 57).

Essa interação entre figurino e cenário é evidente em “Matilda”, onde as roupas dos personagens ajudam a enfatizar suas personalidades e status narrativos. A própria Matilda é representada com roupas simples e práticas, como vestidos e sapatos que remetem ao universo infantil. Esses elementos visuais sublinham sua inocência e pureza, características fundamentais para sua jornada de crescimento e descoberta, além de reforçarem sua conexão com a ideia de simplicidade em meio à complexidade de sua realidade.

Todavia, a Sra. Trunchbull utiliza trajes que remetem a uniformes escuros, complementados por botas sólidas e pesadas, simbolizando sua postura autoritária e imponente. Essas escolhas de vestuário reforçam seu papel como figura opressiva e intimidadora, acentuando o antagonismo presente na trama. O figurino severo também contrasta diretamente com a delicadeza de personagens como a Srta. Honey, intensificando a oposição visual e emocional entre os dois mundos que Matilda atravessa.

A Senhorita Honey, por sua vez, é apresentada com figurinos femininos e floridos, em tons suaves que espelham sua natureza carinhosa, gentil e acolhedora. As roupas de cores claras reforçam sua conexão emocional com Matilda, funcionando como um contraponto visual e temático à frieza da Sra. Trunchbull e ao descaso dos pais Wormwood. Sua aparência transmite a ideia de proteção e conforto, estabelecendo-a como uma figura maternal na história.

Já os Wormwoods são caracterizados por roupas chamativas e irreverentes, com uma mistura de cores vibrantes, estampas listradas e animal print. Esse estilo exagerado reflete suas personalidades superficiais e materialistas, evidenciando sua banalidade e falta de profundidade emocional. A cafonice de seus figurinos serve como um recurso narrativo para destacar a desconexão entre os valores da família e os de Matilda.

Assim, o figurino não apenas ilustra as características individuais dos personagens, mas também explora os temas centrais da narrativa. Ele funciona como um elemento visual simbólico que complementa a história, ajudando a criar uma experiência apreciada para o espectador.

A imagem abaixo mostra os figurinos dos personagens do filme “Matilda” como elementos narrativos, ressaltando suas personalidades e relações. Matilda veste roupas simples que refletem sua inocência e inteligência, enquanto seus pais, Harry e Zinnia, apresentam trajes exagerados que destacam sua superficialidade. A diretora Trunchbull é caracterizada por roupas austeras, simbolizando sua autoridade opressora. Já a Srta. Honey veste trajes delicados e floridos que refletem sua natureza gentil e reservada. Os figurinos atuam como uma extensão visual das características e dinâmicas presentes na trama.

Figura 27 - O figurino em *Matilda* (1996)



Fonte: Imago Images (2010).

A imagem apresenta os personagens principais do filme “Matilda” (1996), vestidos com figurinos que refletem suas personalidades e contribuem para a construção de suas identidades narrativas. A composição centralizada, com todos os personagens próximos uns dos outros, transmite uma sensação de unidade e coesão, ao mesmo tempo que reforça a importância de cada um na história. A diversidade nos estilos de figurino evidencia as distintas características e papéis desempenhados pelos personagens, adicionando camadas visuais que dialogam com a narrativa.

A fotografia parece ser capturada de frente, com a câmera posicionada à altura dos olhos. Esse ângulo e enquadramento reforçam uma sensação de equilíbrio e normalidade, frequentemente utilizada em fotos promocionais para criar conexão e familiaridade com o público. A abordagem visual também facilita a leitura emocional e narrativa da cena, destacando a interação e o alinhamento dos personagens dentro da trama.

A mise en scène da imagem reflete a importância do figurino na construção da identidade dos personagens e na ambientação narrativa, como destacado por Gérard Betton (2002, p. 56-57). Os trajes apresentados na cena não apenas diferenciam visualmente os protagonistas, mas também funcionam como um elemento expressivo que reforça suas características individuais e o contexto da história. Betton argumenta que, sobretudo em determinadas produções cinematográficas, o figurino atua como um recurso essencial para intensificar a dramaticidade e a caracterização dos personagens.

Em “Matilda”, os estilos variados de vestuário contribuem para a construção do universo narrativo, dialogando com a estética do filme e aperfeiçoando a experiência do espectador. Além disso, a disposição dos personagens e a composição visual evidenciam uma unidade, sugerindo relações e dinâmicas que são complementadas pelo figurino, tornando-o parte fundamental da linguagem cinematográfica da obra.

A relação entre o figurino no cinema e nos contos maravilhosos, conforme a estrutura narrativa de Vladimir Propp, pode ser analisada pela função simbólica das roupas na caracterização dos personagens e no desenvolvimento da trama. Nos contos estudados por Propp, os heróis e vilões são frequentemente diferenciados por suas vestimentas, que servem como indicadores visuais de suas funções narrativas. O figurino, portanto, não é apenas um componente estético, mas um recurso de construção dramática que facilita a identificação dos arquétipos presentes na história.

No caso do filme “Matilda”, essa lógica se mantém. O figurino da diretora Trunchbull, composto por roupas militares e austeras, remete diretamente à figura do vilão dos contos de fadas, que impõe ordem e tirania sobre os protagonistas. Esse figurino reforça sua posição como agente opressor dentro da narrativa, tal como os vilões descritos por Propp, cuja presença é marcada por sinais visuais de ameaça e controle. Já Matilda e a Srta. Honey contrastam com essa representação por meio de figurinos suaves e delicados, remetendo às personagens benevolentes dos contos maravilhosos, como fadas madrinhas ou ajudantes mágicos, que auxiliam o herói em sua jornada.

O cinema adapta essas características visuais, intensificando a separação entre forças narrativas por meio de contrastes de cor, textura e estilo dos figurinos. Nos contos maravilhosos, a transformação do herói geralmente se manifesta em um rito de passagem, muitas vezes simbolizado pela troca de roupas. Esse momento pode representar a aquisição de vestes encantadas ou reais no desfecho da história. Em “Matilda”, essa lógica se reflete na evolução da protagonista. Inicialmente vestida de forma simples e infantil, sua jornada culmina em uma nova fase, onde a estabilidade e a felicidade são visualmente traduzidas pelo figurino. Esse aspecto se destaca especialmente na nova dinâmica com a Srta. Honey.

Dessa forma, a análise do figurino sob a ótica de Propp evidencia como as narrativas cinematográficas resgatam os padrões simbólicos dos contos maravilhosos, transformando vestimentas em marcadores visuais que reforçam os papéis narrativos e enriquecem a experiência do espectador. O figurino, então, é um dos elementos fundamentais para comunicar a essência dos arquétipos presentes nas histórias e solidificar os contrastes entre opressores e libertadores dentro da trama.

A iluminação em “Matilda” é estrategicamente utilizada para criar contrastes marcantes entre os momentos mais leves e os mais tensos, intensificando o impacto emocional das cenas. Locais como a casa de Matilda e a biblioteca, que representam alegria e descoberta, são iluminados de forma vibrante, refletindo uma atmosfera calorosa e inspiradora. Ainda assim, as cenas ambientadas na escola ou envolvendo a diretora Trunchbull exploram o uso de sombras e altos contrastes, criando uma sensação de perigo e opressão que reforça a hostilidade desses espaços.

Como destaca Gérard Betton, “a iluminação de ambiente (luz geral e difusa) serve para criar um ambiente psicológico geral, enquanto a iluminação de efeito (luz

dirigida e contrastada) permite obter efeitos dramáticos precisos” (Betton, 2002, p. 55). Essa abordagem técnica é visivelmente aplicada em *Matilda*, utilizando luz e sombra para amplificar as atmosferas contrastantes da narrativa e destacar as dinâmicas emocionais presentes nos espaços representados. Dessa forma, a iluminação não apenas define a ambientação visual, mas também atua como um recurso expressivo capaz de intensificar o impacto dramático e simbólico das cenas.

Assim como a iluminação, o uso das cores no filme desempenha um papel essencial na diferenciação dos mundos de “*Matilda*”. Cores brilhantes e alegres estão presentes nas cenas que retratam sua interação com a família e outros momentos significativos, enfatizando sua vitalidade e desejo de mudança. Por outro lado, tons mais sombrios e opressivos dominam as cenas da escola, especialmente nas sequências que envolvem a diretora Trunchbull. Esse contraste cromático intensifica o tom ameaçador das interações escolares, ampliando a percepção da luta de Matilda contra o sistema autoritário.

A abordagem cromática vibrante e deliberada adotada em “*Matilda*” ressoa com os conceitos apresentados por Jacques Aumont e Michel Marie em *A Estética do Filme* (2012). Aumont e Marie exploram como a manipulação de cores pode contrastar realidades distintas dentro de uma narrativa. No filme em questão, a vivacidade dos tons alegres destaca o otimismo e a resiliência da protagonista, enquanto os tons sombrios na escola refletem os desafios e a repressão impostos pela diretora Trunchbull. Esses contrastes visuais reforçam o embate entre vitalidade e autoritarismo, sublinhando a luta de Matilda por emancipação e justiça.

Como destaca Gérard Betton (2002):

As cores imprimem em nosso ser sentimentos e impressões, agem sobre nossa alma, sobre nosso estado de espírito; podem servir, portanto, para o desenvolvimento da ação, participando diretamente na criação da atmosfera, do clima psicológico. (Betton, 2002, p. 60-61).

Essa ideia se conecta diretamente ao uso estratégico de tons vibrantes e sombrios em “*Matilda*”, que amplificam o impacto emocional e psicológico da narrativa, criando atmosferas que dialogam com os dramas internos dos personagens. Além disso, conforme observa Jean Mirtry, citado por Betton:

As cores podem ser trabalhadas, interpretadas e escolhidas em função daquilo que o autor quer exprimir. Podem fugir ao realismo sem deixarem de ser verdadeiras ou verossímeis; podem se adaptar aos sentimentos das personagens e a seus dramas” (apud Betton, 2002, p. 63).

No filme “Matilda”, esse princípio é evidente na forma como as cores refletem não apenas os sentimentos da protagonista, mas também os conflitos e as tensões que definem a dinâmica entre os espaços e os personagens. Esses elementos visuais, combinando iluminação e cores, não apenas desenvolvem a estética da narrativa, mas também destacam os aspectos emocionais e temáticos do filme. A interação harmoniosa entre luz e cor intensifica a experiência do espectador, conectando-o mais intensamente à jornada de Matilda e às emoções que permeiam a história.

A iluminação e as cores em “Matilda” seguem um padrão narrativo que pode ser conectado à estrutura dos contos maravilhosos estudados por Vladimir Propp. Nos contos, os ambientes frequentemente marcam oposições entre espaços de opressão e espaços mágicos ou libertadores, sendo um recurso visual essencial para guiar a jornada do herói. No cinema, a iluminação e as cores assumem essa função ao reforçar as mudanças de atmosfera e criar contrastes significativos entre diferentes cenários.

A escola Crunchem Hall representa, dentro da lógica proppiana, um ambiente hostil e autoritário, semelhante às fortalezas de vilões nos contos maravilhosos. A iluminação sombria e os altos contrastes visuais refletem a repressão imposta por Trunchbull, tornando o espaço um símbolo de medo e opressão. Esse recurso narrativo é frequentemente utilizado nos contos estudados por Propp, onde o vilão habita um ambiente visualmente rígido e ameaçador, reforçando seu papel como obstáculo ao desenvolvimento do protagonista.

De maneira oposta, a casa da Srta. Honey se alinha aos espaços mágicos ou de acolhimento que aparecem nos contos maravilhosos, funcionando como um refúgio para Matilda. Nos contos estudados por Propp, é comum que o herói encontre um local seguro antes de completar sua jornada, um ambiente onde ele recebe conhecimento, assistência ou proteção. No filme, essa lógica é adaptada visualmente com uma iluminação quente e homogênea, que transmite segurança e tranquilidade, ajudando a construir simbolicamente a transição de Matilda para um novo espaço de liberdade.

As cores também desempenham um papel fundamental na adaptação da estrutura narrativa dos contos para o cinema. Nos contos maravilhosos, a transição do herói costuma ser marcada por mudanças visuais, como roupas novas ou a passagem para um ambiente mais iluminado. Em “Matilda”, o uso de cores vibrantes nos momentos de empoderamento da protagonista segue essa lógica, reforçando sua evolução e seu enfrentamento contra Trunchbull. Além disso, a coloração otimista e vibrante de certos espaços destaca a resiliência da personagem, enquanto os tons opacos e frios da escola representam a fase de conflito e desafio antes da vitória.

A montagem de Matilda é cuidadosamente elaborada para criar dinamismo, explorando ritmo, transições e paralelismo de maneira a intensificar a narrativa e capturar a atenção do espectador. Esses elementos contribuem para o equilíbrio entre momentos de humor, tensão e emoção, resultando em um filme coeso e fluido. Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 29) afirmam, “a montagem das imagens deve contribuir para explicá-la, construí-la, interpretá-la, exaltá-la”, destacando o papel essencial da montagem na construção narrativa e na amplificação do impacto emocional e estético do filme.

Xavier (1983, p. 60) complementa a visão de Vanoye e Goliot-Lété ao abordar a montagem como um processo que vai além da organização técnica, destacando sua capacidade de direcionar o olhar do espectador. O teórico afirma que “a montagem constrói as cenas a partir dos pedaços separados, onde cada um concentra a atenção do espectador apenas naquele elemento importante para a ação”. Essa abordagem de Xavier foca na relação entre montagem e percepção, defendendo que os cortes devem respeitar a lógica atencional do público.

No filme “Matilda”, essa perspectiva se manifesta nas cenas em que o crescimento emocional da protagonista é explorado. Por meio de cortes pontuais que destacam seu isolamento na casa opressiva ou seu entusiasmo ao descobrir o poder da leitura, a montagem organiza os “pedaços separados” de forma estratégica, alinhando o olhar do espectador com as emoções e os avanços de Matilda. Além disso, momentos de confronto, como os embates com a Sra. Trunchbull, utilizam transições ágeis para aumentar a tensão e conduzir a atenção diretamente aos elementos mais relevantes da ação.

Assim, o filme exemplifica a aplicação da lógica atencional defendida por Xavier, utilizando a montagem como uma ferramenta essencial para engajar o público

e expandir a narrativa. Dessa maneira, as perspectivas de Xavier (1983) e de Vanoye e Goliot-Lété (2002) se complementam ao destacar a montagem como uma ferramenta narrativa que combina organização, expressão emocional e comunicação com o público.

O ritmo é uma das características mais marcantes da montagem. Nas cenas de descoberta e uso dos poderes telecinéticos de Matilda, a dinâmica acelerada e atraente transmite a energia e o entusiasmo da protagonista, garantindo que o espectador se mantenha imerso em sua jornada. Entretanto, nas cenas de tensão e medo, especialmente aquelas que envolvem a imponente Sra. Trunchbull, o ritmo desacelera. Essa escolha torna a narrativa mais deliberada e contribui para uma atmosfera de suspense, preparando o público para momentos de maior intensidade.

Conforme Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 83) destacam, “ligado essencialmente à montagem e à música, o ritmo pertence à ‘substância’ fílmica e afasta a cena de sua dimensão teatral”. Essa interação entre montagem e música reforça a fluidez narrativa e intensifica a experiência sensorial do espectador, adaptando o ritmo às necessidades emocionais e dramáticas do filme.

As transições entre as cenas são outro elemento habilmente utilizado para preservar a fluidez da narrativa. Transições suaves, como aquelas que conectam os cenários da escola e da casa de Matilda, ajudam a manter a continuidade visual e narrativa, evitando confundir o espectador. Por outro lado, transições rápidas e abruptas, como as que intercalam cenas da casa da protagonista e da escola Crunchem Hall, ressaltam as diferenças entre esses dois mundos e suas dinâmicas opostas, reforçando os contrastes temáticos.

Demonstrando como diferentes tipos de transições contribuem para o ritmo e a coesão da narrativa em “Matilda”, observa-se que as escolhas de encadeamento das sequências são fundamentais para manter o fluxo narrativo. Baseado em Vanoye e Goliot-Lété (2002):

O encadeamento das sequências” pode ser classificado como “rápido/lento; corte seco/corte demarcado (escurecimentos, encadeamento musical ou sonoro etc.); cronologicamente marcada/acronológica; logicamente motivada/não claramente motivada; contínua/descontínua. (Vanoye; Goliot-Lété, 2002, p. 39).

O paralelismo na montagem desempenha um papel crucial ao destacar histórias simultâneas e criar contrastes visuais e narrativos. Por exemplo, a montagem

paralela enfatiza as discrepâncias entre os ambientes sombrios e opressivos da escola e os momentos de acolhimento e alegria que Matilda vivencia no chalé da Srta. Honey ou na biblioteca da cidade.

De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 38): “a sequência ‘em paralelo’ mostra alternadamente duas (ou mais do que duas) ordens de coisas (ações, objetos, paisagens, atividades etc.), sem elo cronológico marcado, para estabelecer, por exemplo, uma comparação”. Essa técnica não apenas aprimora a narrativa, mas também sublinha temas centrais, como a resiliência da protagonista e sua capacidade de encontrar esperança e conforto mesmo em meio aos desafios.

Os efeitos visuais desempenham um papel essencial em *Matilda*, trazendo à vida os momentos mágicos que permeiam a narrativa. Esses elementos são cuidadosamente elaborados para traduzir os poderes extraordinários da protagonista e criar um ambiente imersivo que cativa o público, reforçando o caráter fascinante do filme. Como Vanoye e Goliot-Lété (2002, p. 13) destacam, “de fato, impressões, emoções, intuições nascem da relação do espectador com o filme”, evidenciando como os efeitos visuais em “*Matilda*” não apenas aumentam a experiência estética, mas também fortalecem a conexão emocional entre o público e a obra.

Um dos aspectos mais marcantes é a representação visual da telecinesia de Matilda. A movimentação de objetos como livros, utensílios de cozinha e bonecas é realizada de forma natural e encantada, evitando exageros no uso de computação gráfica. Essa abordagem preserva a magia visual de maneira impactante, mas também acessível e crível, permitindo que o público se conecte emocionalmente com a história e com a jornada da personagem.

Além disso, o uso dos efeitos visuais amplifica o tom cômico e maravilhoso da narrativa em momentos específicos. Cenas como o voo de objetos, o lançamento de Amanda Tripton e a explosão da televisão são intencionalmente exageradas, adicionando uma dose de humor e leveza ao enredo mágico. Esses efeitos destacam a capacidade de Matilda em transformar adversidades em experiências extraordinárias, salientando o caráter lúdico e imaginativo do filme.

Os efeitos visuais também desempenham um papel importante na criação de contrastes atmosféricos, especialmente nas cenas ambientadas na escola Crunchem Hall. Ambientes intimidadores e escuros são destacados para intensificar a opressão exercida pela diretora Trunchbull. Cenas brutais, como aquelas em que ela arremessa

os alunos, são acentuadas por detalhes visuais que ampliam a percepção de sua força descomunal e caráter autoritário. Esses contrastes ajudam a reforçar a diferença entre os espaços hostis e os momentos mágicos e acolhedores vivenciados por Matilda em outros contextos.

Esses recursos visuais não apenas elevam a qualidade estética de Matilda, mas também são fundamentais para sustentar uma narrativa envolvente e equilibrada. Ao combinar humor, tensão e magia de maneira cuidadosa, os efeitos visuais contribuem para criar uma experiência cinematográfica única e inesquecível, cativando o público ao longo da jornada da protagonista. Conforme Xavier (1983, p. 98) destaca, “a tarefa verdadeira da arte do cinema é de transformar em efeitos artísticos os novos efeitos psicológicos possibilitados pela técnica da cinematografia”.

Em “Matilda”, os efeitos visuais assumem esse papel, utilizando as possibilidades técnicas de maneira criativa para intensificar as emoções e reforçar os aspectos psicológicos da narrativa, como a sensação de maravilha diante dos poderes de Matilda ou a tensão nas interações com a Sra. Trunchbull. Nesse sentido, a imagem abaixo captura Matilda em um momento de pura diversão e magia enquanto explora suas habilidades telecinéticas na sala de estar de sua casa. Objetos flutuam ao seu redor em um balé enlevado, refletindo não apenas seu poder crescente, mas também sua imaginação e inteligência únicas. Esse momento simbólico transmite a essência de sua individualidade e criatividade, destacando um momento de conexão consigo mesma, livre de influências externas.

Figura 28 - Matilda e a telecinese



Fonte: Matilda (1996); Youtube (2025).

A imagem retrata uma sala de estar onde Matilda está de pé sobre uma mesa de centro, movendo objetos com seus poderes telecinéticos e se divertindo enquanto

explora suas habilidades extraordinárias. O ambiente é decorado com diversos itens de mobiliário, incluindo sofás, lâmpadas e almofadas, que aumentam a composição visual. Ao fundo, prateleiras recheadas de itens decorativos e um aparelho de televisão reforçam o estilo doméstico e acolhedor do espaço. A sala apresenta um design vintage, evidenciado pelo mobiliário e pelas cortinas que cobrem as janelas, criando uma estética nostálgica. O movimento dos objetos acrescenta um elemento dinâmico e mágico à cena, evidenciando o controle de Matilda sobre suas habilidades.

A cena é capturada de um ângulo frontal, com a câmera posicionada na altura dos olhos, proporcionando ao espectador uma visão clara e direta de toda a sala e dos elementos nela contidos. Esse enquadramento oferece uma perspectiva equilibrada e natural, permitindo que os detalhes da decoração e a interação da personagem com o ambiente sejam plenamente apreciados. A iluminação da sala é suave e quente, vinda provavelmente de múltiplas fontes, como lâmpadas internas e a luz natural filtrada pelas cortinas. Essa escolha ilumina o ambiente de forma uniforme, realçando a sensação de acolhimento e conforto, enquanto destaca as cores quentes que permeiam a decoração.

A mise-en-scène nesta cena mostra que a presença de elementos dinâmicos na cena, como os objetos em movimento telecinético, sugere que um movimento panorâmico ou uma leve transição poderia intensificar a fluidez e o impacto visual. Gerard Betton (2002, p. 35) afirma que “um movimento de câmera é um meio de expressão fílmica importante, podendo ser belíssimo”, e, nesse caso, a captura do movimento dos objetos poderia refletir o controle e a criatividade de Matilda, ampliando a dimensão mágica da cena.

Os elementos decorativos, como prateleiras recheadas de livros, sofás e cortinas vintage, ajudam a contextualizar a cena, reforçando o ambiente familiar e doméstico. Matilda, posicionada no centro da composição sobre a mesa de centro, simboliza sua confiança e controle sobre suas habilidades extraordinárias. Essa organização visual, como destacam Vanoye e Goliot-Lété, facilita a conexão narrativa e emocional entre a personagem e o espaço.

Além disso, o hit “Little Bitty Pretty One” (1957), de Thurston Harris, é utilizado na cena em que Matilda está aprendendo a controlar seus poderes telecinéticos. A música desempenha um papel crucial ao criar uma atmosfera lúdica e divertida, intensificando a sensação de alegria e dinamismo. As batidas animadas e o ritmo

contagiantes reforçam a vivacidade da cena, enquanto os vocais impressionantes do cantor adicionam um toque de charme nostálgico que harmoniza perfeitamente com o estilo vintage do cenário da sala.

Teóricos como Michel Chion e Claudia Gorbman destacam a música como uma ferramenta poderosa no cinema, capaz de intensificar emoções, criar atmosferas e aperfeiçoar a narrativa visual, características que ficam evidentes nesse momento do filme. Essa perspectiva dialoga com a análise de Aumont e Marie (2012), que afirmam:

A música, que não tem em si valor narrativo (ela não significa eventos), torna-se um elemento narrativo do texto apenas pela sua co-presença com elementos, como a imagem colocada em sequências ou diálogos: portanto, seria necessário levar em conta sua participação na estrutura da narrativa fílmica. (Aumont; Marie, 2012, p. 106)

Assim, em “Matilda”, a música não apenas complementa a ação visual, mas também participa da estrutura narrativa, reforçando as emoções transmitidas pela protagonista e harmonizando com o ambiente criado pela cena. Esse uso estratégico demonstra como a interação entre som e imagem potencializa a conexão do espectador com a história, transformando a experiência fílmica em algo sensorialmente completo.

Dessa forma, os elementos que compõem a análise de estilo visual em “Matilda” ressaltam a narrativa mágica e encantadora que envolve a história da menina prodígio. A criação de uma narrativa coesa, fluida e cômica reforça as distinções entre o mundo dos adultos e das crianças, proporcionando aos espectadores uma experiência cinematográfica arrebatadora e imersiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a presente pesquisa revelou que os contos de fadas continuam a ter uma presença marcante na modernidade, especialmente no filme “Matilda” (1996). Por meio da contextualização das correntes de crítica literária evidenciadas foi possível compreender as estruturas implícitas que configuram as narrativas e os textos literários modernos. A aplicação das ferramentas de Vladimir Propp constatou os elementos e as estruturas formais que compõem a narrativa do filme, revelando como os paradigmas narrativos dos contos de fadas se manifestam de forma coerente e recorrente na história do filme.

Destarte, o filme “Matilda” ganha uma dimensão adicional de importância quando analisado pelas categorias morfológicas de Vladimir Propp, revelando-se uma narrativa vasta e complexa que moderniza os arquétipos tradicionais dos contos maravilhosos. Através dessa análise, podemos apreciar como o filme adapta e subverte elementos clássicos para contar uma história contemporânea, mantendo-se relevante e ressoante com o público atual.

Entre as hipóteses de pesquisa, a análise morfológica do filme “Matilda” revela a presença de vários elementos e estruturas dos contos de fadas identificados por Vladimir Propp. Durante o processo de análise, verificou-se o diagrama geral dos personagens por meio dos sete arquétipos e suas caracterizações. Aplicado ao filme, constatou-se a presença de seis esferas de ação principais: herói, antagonista, doador, auxiliar, falso herói e a princesa, além de um arquétipo adicional na narrativa, o pai da princesa. No entanto, o arquétipo do mandatário não é encontrado na narrativa.

Das 31 funções dos personagens descritas por Propp, 27 estão presentes no filme, com exceção das funções de ardil, cumplicidade, transfiguração e chegada incógnito. Essas observações destacam a rica adaptação dos elementos estruturais dos contos de fadas na narrativa do filme “Matilda”, ao mesmo tempo em que demonstram algumas variações únicas que engrandecem a obra cinematográfica.

Em seguida, a segunda parte da análise morfológica de “Matilda” revela como os paradigmas narrativos dos contos de fadas, conforme descritos por Propp, são adaptados e transpostos no filme. Observa-se que seis dos sete arquétipos clássicos estão presentes, com a heroína Matilda enfrentando a antagonista Trunchbull, e recebendo auxílio de figuras como Srta. Honey, que também assume o papel de princesa e doadora. Elementos adicionais, como o pai da princesa representado por Magnus Honey, aperfeiçoa a narrativa, refletindo a flexibilidade dos modelos de Propp ao serem aplicados em contextos modernos. A ausência do mandatário destaca a autoiniciativa de Matilda, diferenciando-a de narrativas tradicionais.

Além disso, a ocorrência da maioria das funções propostas por Propp, incluindo poderes telecinéticos como auxílio mágico, sublinha a complexidade e a riqueza estrutural da narrativa. Essas observações confirmam que o filme “Matilda” utiliza e adapta paradigmas narrativos dos contos de fadas para criar uma história multifacetada, que tange tanto com elementos clássicos quanto com inovações

contemporâneas. Por conseguinte, constata-se que as esferas de ação e funções dos personagens remetem claramente aos contos maravilhosos, confirmando a intemporalidade dessas estruturas narrativas.

Para mais, a adaptação de elementos dos contos de fadas em “Matilda” reflete de maneira profunda as mudanças culturais e sociais da modernidade. No filme, vemos uma protagonista feminina que desafia as normas tradicionais de poder e autoridade, simbolizando uma sociedade mais consciente das questões de igualdade de gênero e empoderamento feminino. A narrativa também aborda temas como a negligência parental e a importância da educação, refletindo preocupações contemporâneas com o bem-estar infantil e a responsabilidade social.

Além disso, a inclusão de personagens como Jennifer Honey, que serve tanto como mentora quanto como figura materna substituta, destaca a valorização de figuras educacionais e do suporte emocional. A ausência do arquétipo do mandatário e a autoiniciativa de Matilda simbolizam a crescente valorização da autonomia e da autossuficiência no mundo moderno. Com isso, “Matilda” não só reformula os padrões dos contos de fadas, mas também os transforma, construindo uma história que dialoga com a contemporaneidade.

No filme “Matilda”, os elementos cinematográficos desempenham um papel crucial no desenvolvimento da narrativa e na imersão do espectador na história. A aplicação de ângulos de câmera, planos, iluminação e montagem, são habilmente utilizados para enriquecer a narrativa e refletir as categorias morfológicas de Vladimir Propp. O uso de ângulos baixos e closes destacam a força interior de Matilda e sua determinação, enquanto a iluminação e a paleta de cores reforçam o contraste entre os ambientes opressores e acolhedores, além de ajudar a criar uma conexão emocional com o público.

Já a montagem rítmica e as transições suaves mantêm a fluidez da história, assim como, realçam momentos chave de tensão e triunfo. Personagens como Matilda (herói), Trunchbull (vilã) e Srta. Honey (doadora, auxiliar e princesa) são desenvolvidos visualmente para refletir seus papéis proppianos. A paleta de cores vivas e a trilha sonora atrativa contribuem para a atmosfera lúdica do filme.

A mise en scène das imagens analisadas do filme “Matilda” evidencia a relevância dos elementos visuais na construção da narrativa e na caracterização dos personagens. O movimento de câmera, os ângulos, os planos, o figurino, as cores, a

iluminação, entre outros, não apenas contribuem para a atmosfera da obra, mas também estabelecem articulações com conceitos teóricos fundamentais do cinema. Os teóricos que fundamentaram as discussões sobre a mise en scène neste estudo incluem Vanoye e Goliot-Lété, Aumont e Marie, Marcel Martin, Gérard Betton e Ismail Xavier. Suas contribuições foram essenciais para detalhar a análise dos elementos visuais e narrativos do filme, permitindo uma articulação crítica entre a estética cinematográfica e os conceitos teóricos que sustentam a construção da linguagem audiovisual.

Além disso, essas análises dialogam diretamente com os estudos morfológicos proppianos, uma vez que a estrutura narrativa do filme incorpora diversas funções descritas pelo teórico, permitindo uma leitura detalhada sobre a forma como os elementos visuais e estruturais se integram para valorizar a experiência cinematográfica. Assim, a abordagem da mise en scène nas imagens selecionadas demonstra como os aspectos técnicos e estilísticos do filme contribuem para uma interpretação mais extensiva da narrativa, conectando-se a diferentes perspectivas teóricas e consolidando a importância da análise visual para compreender a profundidade da obra.

A integração de efeitos visuais, como os poderes telecinéticos de Matilda, adicionam um elemento mágico que enobrece a narrativa, evidenciando o tema central de empoderamento e a importância dos elementos maravilhosos na estrutura da narrativa. Dessa forma, os elementos cinematográficos não apenas embelezam a história, mas são essenciais para a construção e desenvolvimento da narrativa, tornando “Matilda” uma obra cinematográfica deslumbrante. Somado a isso, o filme exemplifica como a cinematografia pode ser usada para adaptar e transformar paradigmas narrativos clássicos em uma obra cinematográfica cativante e contemporânea.

Em suma, o filme “Matilda”, de Danny DeVito, exemplifica um conto de fadas moderno ao combinar elementos mágicos e narrativos tradicionais com uma abordagem contemporânea. A história apresenta a protagonista com poderes telecinéticos, que utiliza para superar adversidades, como pais negligentes e uma diretora tirânica. Essa busca pela realização pessoal e pela justiça, apoiada por habilidades extraordinárias, alinha-se com os temas centrais dos contos de fadas,

enquanto a mensagem moral de coragem, inteligência, persistência e bondade ressoa em um contexto moderno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Valentín García Yebra. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1974.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A estética do filme**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BARTHES, R. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. IN: _____. *Análise estrutural da narrativa*. 4ª ed. Seleção de ensaios da revista “Communications”. Petrópolis: Vozes, 1976.

BAZIN, André. **O que é cinema?**. São Paulo: Editorial Ubu Editora LTDA ME, 2018.

BERNARDINI, Aurora F. Formalismo russo, uma revisitação. **Revista Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 30 -41, dez. 2000. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i5p30-42. Disponível em: <https://revistas.usp.br/l/article/view/18326> . Acesso em: 07 dez. 2024.

BETTON, Gérard. **Estética do Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 320 p.

BRAZ, L. T. A.; SARAT, M.; MONTIEL, L. W. T. O que vamos assistir hoje: cinema e animação na pré-escola. Horizontes – **Revista de Educação**, v. 6, n. 11, p. 107–125, 2018.

CEIA, Carlos. **Estruturalismo**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/estruturalismo>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CEIA, Carlos. **Formalismo russo**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/formalismo-russo>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CEIA, Carlos. **Literariedade**. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literariedade>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**: Forma e Ideologia no Romance Hispano-Americano. São Paulo: Perspectiva, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002207130>. Acesso em: 03 fev. 2025.

COTTA, Maria Amélia Castro. Das pesquisas acadêmicas sobre os contos de fadas ao universo político e literário dos Irmãos Grimm. **Nuances**: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 27, n. 2, p. 172–191, 2017. DOI: 10.14572/nuances.v27i2.3519.

DAHL, R. **Citações e frases famosas**. 2020. Disponível em: <<https://citacoes.in/citacoes/570927-roald-dahl-se-voce-tem-bons-pensamentos-eles-vao-iluminar-o-s/#>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DEVITO, Danny (direção). **Matilda**. Estados Unidos: TriStar Pictures, 1996. 1 vídeo (98 min). Disponível em: <<https://celebrity.nine.com.au/movies/matilda-movie-cast-then-and-now/60f705a5-ee02-40b7-bccc-bef57ada7a5a#1>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

D'ONOFRIO, S. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

DULCÓS, Miguel. O conto: dificuldade de definição do gênero e abordagem de alguns teóricos. 22 jan. 2008. **Apresentação de Seminário**. Disponível: <https://www.consciencia.org/sobre_conto.shtml>. Acesso em: 06 dez. 2024.

DURÃO, F. **O que é crítica literária**. São Paulo: Parábola; Nankin Editorial, 2016.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EIKHENBAUM, B. **A teoria do método formal**. In: Teoria da Literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1971.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O "Sistema Literário". Tradução: Luis Fernando Marozo. Revisão Linguística: Raquel Bello Vazques. **Translatio**, Porto Alegre, n. 3, p. 1-24, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/42900/27135>. Acesso em: 16 de maio 2024.

HOHENDAHL, P. U. **The Institution of Criticism**. Londres: Cornell University Press, 1982.

JAKOBSON, R. **Do realismo artístico**. In: EIKENBAUM, B. et al. Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1971.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1994.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KRAENKEL, Sophia. **Morfologia do Conto Maravilhoso**: Notas e recortes do livro. TFG_sophia_amanda_2017. 2017. Disponível em: <https://medium.com/tfg-sophiakraenkel-2017/morfologia-dos-contos-maravilhosos-f59927e046a8>. Acesso em: 16 mai. 2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A estrutura dos mitos**. In: Antropologia estrutural. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LOPES, Marcos; TCHUGUNNIKOV, Serguei; SCHNAIDERMAN, Boris. Propp e Jakobson: dois momentos do formalismo russo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 19, p. 10-23, jul. 2010.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, J. B. **Lanterna Mágica**: Infância e Cinema Infantil. São Paulo: Editora Papirus, 2011.

MERQUIOR. **O véu e a máscara**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

PAGNAN, Celso L. Estruturalismo e Narrativa. **UNOPAR Cient, Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v. 8, n. 1, p.65-74, jun. 2007.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Linguística**. Universidade Federal de Sergipe, CESAD. São Cristóvão, Sergipe, 2007.

PEDROZO, Elisa Capelari. Uma revisão teórica da crítica literária: do estruturalismo à crítica feminista. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/15195>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PEIXOTO, Daniela Lunes. **Matilda**: Como as relações no ambiente escolar podem afetar o desempenho das crianças. *Encena Saúde Mental*, 29 set. 2023. Disponível em: <<https://encenasaudemental.com/cinema-tv-e-literatura/matilda-como-as-relacoes-no-ambiente-escolar-podem-afetar-o-desempenho-das-criancas/>>. Acesso em: 16 maio 2024.

PILSHCHIKOV, Igor. A poética quantitativa do Formalismo Russo. **Revista de Literatura e Cultura Russa**, São Paulo, v. 11, n. 16, p. 1-20, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.172896>.

PROPP, V. **As transformações dos contos fantásticos**. In: Teoria da Literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1976.

PROPP, V. (1983). **Morfologia do conto** (J. Ferreira & V. Oliveira, Trans.). Lisboa: Vega. (Original publicado em 1928)

PROPP, V. (1984). **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução: Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PROPP, V. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. CopyMarket.com, 2001.

PROPP, V. (2006). **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução: Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

SILVA, Leilane Ramos da. Correntes linguísticas: notas sobre o Formalismo e o funcionalismo. **Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, 2006.

SHISHKOFF, Serge. **The Structure Of Fairytales**: Proppvs Lévi-Strauss. *Dipositio*, v. 1, n. 3, p. 271-276. 1976.

TODOROV, T. **A análise estrutural da narrativa**. In: As estruturas narrativas. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, T. **A herança metodológica do formalismo**. In: As estruturas narrativas. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, T. **A narrativa fantástica**. In: As estruturas narrativas. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TODOROV, T. **Teoria da literatura**: textos dos formalistas russos. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

VALENZUELA, S. T. Contos de fadas: origens, conceitos e reflexões sobre o gênero. **Revista USP**, São Paulo, n. 140, p. 119-134, 2024. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i140-119-134. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/223195>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VANOYE, F. GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

XAVIER, I. **A Experiência do Cinema**: antologia. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, Embrafilme, 1983.

XAVIER, I. **O Discurso Cinematográfico**: A Opacidade e a Transparência. 1 ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1977.

FILMOGRAFIA

Matilda. Direção de Danny DeVito. Estados Unidos: Jersey Films, 1996. VHS e LaserDisc. (98 min.).